



INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

“Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906)

Vanessa Alves Gouveia

Fev/ 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906)

Vanessa Alves Gouveia

Sob a orientação da Professora Doutora

Luciana Gandelman

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, ao Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais.

Seropédica, RJ



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca Central / Seção de
Processamento Técnico
Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G719? Gouveia, Vanessa Alves, 1993-
“Tribadistas, safistas e clitoristas” no discurso domédico José Ricardo
Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-
1906) / Vanessa
Alves Gouveia. - Rio de Janeiro, 2022.
108 f.: il.

Orientadora: Luciana Mendes Gandelman.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Ruraldo Rio de
Janeiro, Programa de Pós Graduação em História, 2022.

1. História. 2. Pires de Almeida . 3. Lesbianidade.
4. Medicina. 5. Século XIX . I. Mendes Gandelman,
Luciana, 1972-, orient. II Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em História
III. Título.

Dedico este trabalho aos pesquisadores brasileiros, em especial os historiadores.

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Pois sem o auxílio financeiro proporcionado pela fundação talvez não fosse possível concluir esse trabalho. Ser pesquisadora, em um momento de pandemia é uma grande dificuldade, mas graças a minha bolsa de pesquisa tive condições de me dedicar exclusivamente aos estudos e garantir o resultado dessa pesquisa.

Agradeço aos meus pais Marília Alves e José Rogério Gouveia, pelo incentivo desde sempre, por nunca duvidarem da minha capacidade. Também sou grata pelo reconhecimento que nunca deixaram de depositar em mim, sempre enaltecendo minha dedicação e meu desempenho nos estudos e no trabalho.

Agradeço a minha amiga de longa data Clarissa Amorim, que desde 2012 me possibilita a felicidade de uma amizade sincera e feliz. Passamos pela graduação e agora pelo mestrado, além dos momentos incríveis que vivemos nas nossas vidas. Sou muito grata pela consistência dessa relação, que ao longo de 9 anos se mantém forte, um porto seguro nesse mundo cheio de caos e dificuldades. Obrigada por tanto.

Agradeço a Caio Sergio de Moraes, um amigo para os papos sobre futebol, pagode, história e principalmente por me auxiliar na escrita e pesquisa deste trabalho. Seu olhar crítico e incentivador foi essencial.

Agradeço a Carlos Eduardo Marins, meu companheiro que acompanhou o processo de escrita dos meus trabalhos acadêmicos e desta dissertação. Você me apoiou em todos os momentos em que eu mais precisei. Financiou os drinks e os lanches para que eu pudesse ter um incentivo a mais para continuar. Obrigada pelo tempo que você dedicou a mim.

Agradeço a Ingrid Ferreira e a Pâmela Oliveira, amigas desde os anos de pré-vestibular. Sou eternamente grata pelo carinho, amor e amizade de vocês. Desejo que continuemos nossa caminhada juntas e menos distantes.

Agradeço a Gabriela Guarnier, por todas as conversas, caminhadas pela Rural e dias de lanches e drinks. Sua companhia foi uma alegria nesses meses de pesquisa, pandemia e turbulências. Sinto saudades desses momentos e sempre vou lembrar deles como um presente recebido para alegrar a minha vida.

Agradeço a minha orientadora Luciana Gandelman que desde 2016 acompanha meu trabalho, me auxilia, aponta erros e acertos. Obrigada por estar presente em mais um trabalho, sua orientação, carinho e dedicação são muito importantes.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

“Apaixone-se por você. Pela vida. Depois, por quem você quiser.”

Frida Kahlo

“Tribadistas, Safistas e Clitoristas” no discurso do Médico José Ricardo Pires de Almeida: os estudos de higiene moral no Rio de Janeiro (1832-1906)

Vanessa Alves Gouveia

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Mendes Gandelman

Dossiê de Defesa do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado por:

Presidente, Profa. Dra. Luciana Gandelman

Profa. Dra. Fabiane Popinigis

Profa. Dra. Tania Salgado Pimenta

Resumo

A partir do século XIX o Rio de Janeiro passou por uma transformação na estrutura urbana e social. Com o aumento de casos de doenças, a insalubridade da cidade e o crescente tráfego de pessoas, se iniciou um processo de higienização. Dentre esses problemas, o comportamento das pessoas era uma preocupação acrescentada as demais dificuldades encontradas no caminho da urbanização e moralidade. A libertinagem passou de um tema abordado pela Igreja para uma problemática definida e combatida pelos médicos higienistas, aqueles formados pela faculdade de medicina. Tal tema adentra as questões da sexualidade dos indivíduos, dentre eles as mulheres lésbicas. O presente trabalho traz uma análise desses processos e de como um médico, José Ricardo Pires de Almeida, abordou esse assunto em seu livro “Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro” de 1906.

Palavras-chave: História do Brasil, Mulheres, Lesbianidade, Medicina social, Discurso higienista.

Abstract

From the 19th century onwards, Rio de Janeiro underwent a transformation in its urban and social structure. With the increase in cases of diseases, the unsanitary of the city and the growing traffic of people, a process of sanitization began. Among these problems, people's behavior was a concern added to the other difficulties encountered in the way of urbanization and morality. Debauchery has gone from being a topic addressed by the Church to a problem defined and fought by hygienist doctors, those graduated from the faculty of medicine. This theme enters the issues of sexuality of individuals, including lesbian women. The present work brings an analysis of these processes and of how a doctor, José Ricardo Pires de Almeida, approached this subject in his book "Homosexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro" from 1906.

Keywords: History of Brazil, Women, Lesbianism, Social Medicine, Hygienist Discourse.

Lista de Figuras

Figura 1- Foto do Médico higienista José Ricardo Pires de Almeida

Figura 2- Capa do livro Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro.

Figura 3- Sumário de *O Brazil-Medico*

Figura 4- Coluna de Medicina Publica

Figura 5- Escrita sobre saúde publica

Figura 6- Os prazeres

Figura 7- Obra de Pires de Almeida

Figura 8- Os prazeres libertinos

Sumário

Introdução	13
Capítulo I – A instituição médica e uma nova ordem moral.....	19
1.1. Higiene moral e estrutura social em meados do século XIX	23
1.2. A mulher no século XIX: Moralidade e cidadania	33
1.3- O trabalho médico no âmbito político	42
Capítulo II - Pires de Almeida: Medicina e etnografia no ofício do higienista.....	47
2.1- O Brazil-Médico: a imprensa como aliada do discurso higienista de Pires de Almeida	55
2.2- Um médico intervencionista da moral feminina	65
Capítulo III - “Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro”.....	76
3.1- A obra de Pires de Almeida sobre lesbianidade: As libertinas no Rio de Janeiro. . 78	
3.2- Homossexualidade Feminina: tratamentos na obra de Pires de Almeida	94
3.2.1. Tratamento:	95
3.2.2- Conclusão de Pires de Almeida: Uma obra repleta de filosofias.	99
Conclusão.....	103
Fontes e Bibliografia	105

Introdução

A presente dissertação representa o desdobramento da pesquisa realizada nos anos finais de graduação. A partir de 2016 todo o tema envolto das práticas homoafetivas na história do Brasil foi levantado durante os estudos das disciplinas, principalmente no período entre império e república. O espaço ocupado pela imprensa, seus conteúdos e a maneira como o tema era mencionado foi um fator decisivo para a escolha dessa pesquisa e das fontes. A medicina carioca e o próprio médico José Ricardo Pires de Almeida foram assuntos encontrados dentro das buscas nos periódicos. A partir disto foi possível vincular os estudos sobre homoerotismo e o discurso médico.

O trabalho da medicina no Rio de Janeiro passou por diversas mudanças ao longo do século XIX. O ofício dos curandeiros, parteiras, boticários e outros trabalhadores que ofereciam seus serviços para a população passou a ser evitado e deslegitimado pelo governo, devido a necessidade da intervenção médica criada para inserir esses profissionais no país. Com a instauração dos ensinamentos médicos no Rio de Janeiro a partir de 1832, a cidade passa a ter homens com estudos universitários voltados para a prática médica. O ideal de cidade inspirado nos moldes europeus marcou esses jovens médicos na sua atuação junto à população. No entanto, diversos trabalhos apontam para a resistência dessa “medicina popular”, uma vez que a população já mantinha um convívio, respeito e segurança por eles.

Durante os anos seguintes houve grande empenho para que terapeutas populares oficializassem as práticas de tratamentos oferecidos à população. Segundo Tania Pimenta, esses profissionais já possuíam clientes que reconheciam seus trabalhos e tinham a confiança estabelecida.¹ É importante ressaltarmos que essas práticas já estabelecidas na medicina popular faziam parte do cotidiano dos cariocas, dessa maneira, a inserção da instituição médica passou por um período de aprovação social, devido a falta de proximidade desses médicos com a população.

A partir da lei de 1832, a Faculdade de Medicina passou a conceder títulos de Doutor em medicina, farmacêutico e parteira.² No entanto, as atividades da medicina popular ainda se mantinham distante dessa oficialização por parte dos curandeiros. Conforme aponta Tânia Pimenta, esse fato gerou diversos conflitos, principalmente entre

¹ PIMENTA, Tânia. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: Chalhoub, Sidney; Marques, Vera Regina Beltrão; Sampaio, Gabriela dos Reis; Galvão Sobrinho, Carlos Roberto. Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas, Unicamp, 2003. p. 310.

² Ibidem, 2004, p. 317.

as diferentes concepções existentes entre os médicos e os pacientes a respeito das etiologias e os tratamentos adequados das doenças.³ Com a inserção dos médicos clínicos no espaço urbano, o monopólio em relação as suas atividades em comparação com as dos curandeiros começou a consolidar.⁴ O trabalho do médico higienista passou a ter uma função essencial para as transformações na cidade. O higienista moral, direcionado ao trabalho referente aos comportamentos, terá um papel significativo no momento de classificação das patologias relacionadas a gênero, sexualidade e relações homoafetivas.

Após observarmos como se estabeleceu o cenário social e político do período que permeia os anos finais do Império e o início da República no Rio de Janeiro, vamos analisar como ocorreu o trabalho feito pelo médico Pires de Almeida. Enquanto a bibliografia que menciona o trabalho do médico se limita em aprofundar a análise da sua obra no âmbito da homossexualidade masculina, iremos apresentar as respostas acerca dos estudos feitos pelo médico a partir da análise sobre a lesbianidade⁵. Para tal, utilizei os estudos de gênero como um modelo que nos auxilia a refletir acerca das representações criadas sobre o feminino, em um espaço de análise que permeia a teoria da história. Analisaremos essa fonte com a intenção de observar as diversas práticas homoeróticas realizadas por mulheres, momento em que o médico indica justificativas patológicas e até mesmo possíveis tratamentos para o que ele chama de “vício” vinculado à moral feminina.

Ao adentrarmos esse estudo a respeito das práticas homoeróticas femininas em finais do século XIX e início do século XX, precisamos discutir brevemente o conceito de gênero e suas implicações para a área de história. Joan Scott, iniciou um debate acerca dos estudos de gênero em 1995, no qual é observado pela autora como um termo cujas definições oferecidas a ele permeiam a ideia de representação da feminilidade.⁶ No entanto, Scott aponta ser o gênero uma categoria útil de análise histórica no sentido em que o objetivo dela nesse trabalho é o de compreender qual a importância dos sexos, ou seja, utilizar um olhar histórico para esses grupos no passado.⁷ A autora complementa sua

³ Ibidem, 2004. P. 324.

⁴ Ibidem, 2004, p. 324.

⁵ Conceito utilizado por Claudia oliveira, mencionado nesta pesquisa como uma opção mais pertinente para discutir o termo “homossexualidade feminina”, pois ele foge de uma visão medicalizada dos comportamentos e sujeitos estudados. Ver mais em: OLIVEIRA, Claudia. F. . A Homossexualidade Feminina na História do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.. Les Online , v. 7, p. 2-19, 2015.

⁶ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

⁷ Ibidem, 1995. p.72.

intenção ao mencionar ser outra proposta a de “descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.”⁸

Dando continuidade a esses estudos e pensando nas suas transformações quanto a um tema de análise dentro da teoria da história, Joan Scott revisitou em 2012 uma das possibilidades dos usos do gênero. Seguindo a ideia de que essa categoria deve ser direcionada a esfera de constituição do masculino e feminino, Scott retoma a ideia de que “análise de gênero” constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos.⁹

No início dos estudos de gênero, o objetivo era de analisar a relação de desigualdade e de poder entre homens e mulheres, pesquisa realizada ao longo da dissertação, ao abordamos o trabalho médico com a população feminina, utilizando as abordagens de Michel Foucault quanto ao uso do poder dentro dessas relações. Segundo a autora, a pressão dos estudos feministas resultou na premissa de que a história dos homens ou do patriarcado “eram a fonte de maus-tratos das mulheres; mas uma análise detalhada de como os sistemas de poder se operavam ficava de lado na questão.”¹⁰ O que acabou por gerar uma mobilização maior nos estudos sobre as mulheres, dando-lhes um espaço dentro do movimento dos estudos de gênero e servindo de inspiração.¹¹

Dito isto, essa mudança nos focos de estudos dentro do campo do “gênero” criou uma noção de “consciência de gênero”.¹² Essas abordagens foram aprofundadas a partir da década de 1990, quando o “fundamentalismo biológico” foi abordado pelos cientistas, os quais afirmavam “que os papéis atribuídos às mulheres, como a maternidade, por exemplo, diferem conforme o tempo e o lugar e tem muito pouca relação direta com a biologia dela.”¹³ Significa, portanto, que houve períodos históricos onde o corpo feminino e seu comportamento perante a sociedade dava-se em função do seu gênero biológico, ou seja, a mulher tinha como caracteriza a reprodução.¹⁴ Houve um período, de acordo com

⁸ Ibidem, 1995.p. 72.

⁹SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. p.332.

¹⁰ Ibidem, 2012, p. 233.

¹¹ Ibidem, 2021, p.233.

¹² “Significa prestar atenção ao que as mulheres fazem, que recursos elas comandam, que papéis elas exercem nas famílias, localidades e Estados. Quando deixado no nível puramente descritivo, os dados coletados produzem uma categoria sociológica – ‘mulheres’ – com qualidades discerníveis, na qual são reunidos grupos femininos biologicamente, de acordo com idade e estado civil. Ver mais em: SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. p.334.

¹³ Ibidem, 2012, p. 234.

¹⁴ Ibidem, 2012, p. 234.

Scott, em que a mulher tinha como objetivo o de ser “executora da moralidade”.¹⁵ Visão que se insere como tema principal dentro da fonte desta pesquisa e um dos objetivos a serem alcançados pelo médico José Ricardo Pires de Almeida ao escrever acerca da libertinagem no Rio de Janeiro.

Para além dos resultados atuais sobre as análises dos estudos de gênero apontarem para um distanciamento da mulher no âmbito da concepção de que a anatomia feminina seria um destino. Vê-se que essa abordagem se insere em um ideal de comportamento pautado nas ideologias pensadas para o ser feminino. No entanto, os estudos realizados dentro da fonte utilizada nesta pesquisa nos mostram duas visões sobre a mulher que foram criadas por Pires de Almeida. Temos aquela “executadora da moralidade”, observada na sociedade oitocentista, mas temos também a que não realiza essa execução moral, logo a libertina, vista também dentro das páginas da tese médica de Pires de Almeida.

Existe nessa pesquisa, especificamente na fonte analisada, um objetivo que vai além das questões levantadas sobre as diferenças sexuais.¹⁶ Veremos na escrita de Pires de Almeida que os indivíduos considerados pervertidos são resultado das suas relações sociais, ou seja, seus comportamentos são ocasionados de acordo com os espaços de convivência e os círculos sociais aos quais eles pertencem. Dessa maneira, a fim de concluir as contribuições de Joan Scott para essa pesquisa, concordamos quando a autora afirma que “gênero se mantém um conceito útil para análise crítica”¹⁷. Segundo ela:

Se pegarmos gênero como um guia não simplesmente como homens e mulheres tem sido definidos em relação ao outro, mas também que visões da ordem social estão sendo contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos de definições masculino/feminino, chegaremos a

¹⁵ Ibidem, 2012, p.236.

¹⁶ Segundo Scott as perguntas levantadas a respeito “da origem da vida (de onde eu vim?); as razões para nossos corpos divididos (por que somos homens e mulheres? Eu preciso ser um ou outro, por que não os dois?); a natureza da atração entre estes corpos (o que é esse desejo que eu sinto?); e o mistério de nossa mortalidade.” Estas são as perguntas para as quais não há respostas racionais ou inconscientes suficientemente exaustivas ou satisfatórias. As instituições sociais e políticas trabalham incansavelmente para providenciar as respostas, mantendo-as no lugar, erguendo estruturas massivas sobre o que são sempre fundações provisórias. Seu alvo é conter, ou pelo menos redirecionar, as fantasias que os indivíduos nutrem sobre as diferenças dos corpos sexuados (e quais desejos eles podem ou não seguir) e mantê-los coletivamente sob controle através de várias formas de regulação normativa.” Ver mais em: SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. p. 345.

¹⁷ Ibidem, 2012, p.247.

uma nova visão sobre as diversas sociedades, culturas, histórias e políticas que queremos investigar.¹⁸

A partir dessa abordagem mediante aos estudos de gênero dentro da nossa pesquisa, a utilização do discurso para pensarmos essas relações é uma ferramenta que nos auxilia no entendimento acerca do papel médico frente às mulheres. Além disso, nos aponta um modelo de pensamento que insere a mulher em uma narrativa para além da sua anatomia biológica, pois alcança um espaço de ordem moral, não apenas do sexo. Pensando o uso dessa voz como meio de controle, organização e redistribuição de procedimentos e comportamentos a serem seguidos, Michel Foucault afirma haver uma “função de conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.”¹⁹

Apoderar-se de um discurso, é, segundo Foucault, a principal razão para que se lute dentro de um espaço de legitimação. A dominação de uma ordem social através de um discurso, por exemplo, é inferior ao princípio inicial do indivíduo, o qual está pautado no esforço para alcançar o poder a ser exercido através dessa fala. Obter o direito a proferir um discurso é onde pode estar o perigo desta ação, pois é através das ações praticadas para se alcançar este poder que está a intencionalidade do discursante.²⁰

Dessa maneira, o discurso médico, além de participar desse debate a respeito da noção de legitimação do poder exercido dentro de um meio social, também promove um questionamento sobre as intenções através desse desejo de execução da fala que perpassa a saúde física e adentra os preceitos morais de um indivíduo.

Foucault aponta que o uso do discurso perpassa a questão do desejo, ele ocupa um espaço de exercício do poder, nesse caso, o poder médico advindo da fala e da escrita do médico higienista José Ricardo Pires de Almeida.²¹ De acordo com o filósofo, é preciso pensar o autor, nesse caso o Pires de Almeida, como “princípio de agrupamento do discurso, comunidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”.²² Essa necessidade de se pôr o autor nesse espaço de observação é necessário para que o vejamos para além do que Foucault chama de indivíduo falante, que pronuncia ou escreve

¹⁸ Ibidem, 2012, p.247.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. p.8.

²⁰ Ibidem, 1970, p.8.

²¹ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. p.10.

²² Ibidem, 1970. P.26.

um texto.²³ Nesse exercício de observação é possível destacar a funcionalidade do discurso dentro de uma esfera social e profissional, as quais são capazes de dar legitimidade a um pensamento, uma ideia e uma ordem a ser posta em prática.

Dentro desse espaço de discursos e estudos sobre a medicina, Foucault nos oferece um interessante posicionamento. Para o autor “a medicina não é constituída de tudo que se pode dizer de verdadeiro sobre a doença.”²⁴ Essa afirmativa é oferecida pelo autor ao abordar o fato de haver na medicina uma estrutura onde se encontram falhas e afirmações, dentro dessas opções é como trabalharemos a fonte de Pires de Almeida, pois seguindo esta lógica de Foucault a medicina;

Como qualquer outra disciplina, são feitas tanto de erros como de verdades, erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas que tem funções positivas, uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indissociável daquele das verdades.²⁵

Para dar conta das questões aqui apresentadas dividiremos a dissertação em três capítulos, iniciaremos com uma abordagem a respeito do contexto no qual estava inserida a medicina e as artes de cura no Rio de Janeiro em meados do século XIX. A ordem moral, àquela criada para gerar um modelo de sociedade ideal, será um dos temas principais que iremos vincular esse debate entre práticas médicas e princípios comportamentais sociais.

No segundo capítulo, veremos o trabalho do médico higienista José Ricardo Pires de Almeida vinculado a esse modelo de moralidade criado no período imperial. Suas atividades clínicas e de escrita dentro da imprensa carioca servirão para que possamos realizar uma análise de como seu discurso tinha como objetivo inserir o tema da libertinagem no imaginário carioca nesse período.

No último capítulo, analisaremos a escrita de Pires de Almeida, utilizaremos sua obra “*Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro*”, será a fonte onde apresentaremos o seu discurso acerca das práticas homoafetivas femininas. Há ao longo do texto diversos trechos que apontam a lesbianidade como um comportamento desviante, criticado e combatido pelo médico. Essa análise é essencial para vermos como esse tema era abordado nesse período histórico dentro do meio médico.

²³ Ibidem, 1970, p.26.

²⁴ Ibidem, 1970. P.31.

²⁵ Ibidem, 1970. P.31.

Capítulo I – A instituição médica e uma nova ordem moral

Iniciaremos este trabalho analisando como se estruturou a política de higiene moral no Rio de Janeiro republicano, considerando as relações de poder, a sociedade e as práticas sociais, relacionando-as a questões políticas e históricas. Além disso, deve-se observar como a imprensa do Rio de Janeiro teve um papel essencial na difusão dessas

políticas de saúde pública, onde era pautada a moralidade, difundida por diversos médicos e jornais do período.

A historiografia referente a Primeira República costuma apontar para a preocupação em torno da saúde da população carioca durante esse período. Trabalhos como os de José Murilo de Carvalho e Sidney Shalhoub, por exemplo, nos oferecem um debate acerca de vários aspectos da intervenção do Estado²⁶. Tais pesquisas esmiúçam a maneira como a sociedade era vista e idealizada pelos agentes do Estado, bem como os resultados obtidos a partir das políticas públicas aplicadas para se chegar aos padrões almejados. Esses ideais desejados para o Brasil vieram de uma corrente ideológica absorvida da Europa, pautada no comportamento, nos bons costumes, no padrão de vida que defende a família, o casamento e a ordem pública. Além disso, a Belle Époque, período de grande prestígio vivenciado pelos franceses, foi vinculado ao projeto de reformulação na estrutura da cidade do Rio de Janeiro, o qual iremos utilizar para tratarmos dessas mudanças estruturais no espaço físico e nos comportamentos sociais.

Além dessas mudanças o Rio de Janeiro está passando pelo processo de abolição da escravatura, o qual irá gerar alterações no cenário urbano e nas relações humanas. A presença de uma sociedade racialmente diversa irá gerar ainda mais preocupações quando abordamos as questões da moralidade e do comportamento social almejado. A vida cotidiana será vista com um olhar construído através dessa diversidade entre a população, principalmente quando inserimos em um estudo voltado para as práticas homoafetivas das mulheres.

Em “História da vida privada”, Nicolau Sevcenko mostra que ao se tratar dos preceitos femininos, a vida familiar era a mais importante função da mulher, ser mãe e esposa, correspondendo aquilo que era pregado pela igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa.²⁷

Sevcenko menciona ainda ser dentro do ambiente familiar o espaço onde existiriam as relações legítimas, como por exemplo, a relação matrimonial, que era considerada decente e higiênica. Por isso se faz uso do termo “higiene moral”, pois o

²⁶ Tais autores trataram de analisar a estrutura do Rio de Janeiro de diferentes perspectivas, mas algo que une seus debates é a sociedade carioca do período republicano. Ao aprofundar a leitura é possível notar o protagonismo direcionado aos moradores da cidade. Ler mais em: **CARVALHO**, José Murilo. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; **CHALHOUB**, Sidney. **Cidade Febril**. Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

²⁷ SEVCENKO, Nicolau (org). História da Vida privada no Brasil. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 374

comportamento social que estivesse fora desses padrões defendidos pela igreja católica e pelos médicos, seria anti-higiênico no sentido que ia além das questões sanitárias, mas abrangia o comportamento dos indivíduos.²⁸

Ao tratar do assunto no âmbito social, José Murilo de Carvalho salienta a importância de perceber que tais mudanças fizeram parte da vida social de maneira prática e não apenas na ideologia política. Ele acrescenta que “[...] De uma maneira ou de outra, para melhor ou para pior, fizeram com que grande parte dos fluminenses pela primeira vez se envolvessem nos problemas da cidade e do país”.²⁹

Os periódicos publicados no Rio de Janeiro, como *O Brazil-Medico* e *O Gazeta de Notícias*, fizeram parte das ferramentas e estratégia do Estado, que faziam a intervenção na vida social carioca. A partir de suas posições, perspectivas e criação das matérias podemos trabalhar a compreensão de um dos mecanismos utilizados pelo governo para iniciar esse projeto intervencionista. Maria Fonseca trata da importância de se trabalhar com “[...] a concepção mais ampla de documentos, ou seja, aqueles que, em seus vários tipos e origens, fornecem os subsídios necessários para a reconstrução da história destas ciências”. Uns desses documentos são os periódicos *O Brazil-Medico* e *O Gazeta de Notícias*, utilizados aqui para possibilitar a análise um das maneiras utilizadas para disseminar informações sobre os temas aqui abordados, pois esse material foi publicado entre os anos de 1890 e 1900. A escolha pelo uso desses periódicos ocorreu enquanto era feito o levantamento das fontes, onde foi possível observar o destaque dado ao médico Pires de Almeida e sua atuação da medicina do Rio de Janeiro.

O trabalho publicado nas colunas desses periódicos, principalmente *O Brazil-Medico*, realizado a partir dos discursos médicos durante a Primeira República, nos evidencia não só a necessidade de compartilhamento de informação, mas nos aponta um método utilizado para tentar inserir no cotidiano a disseminação da higiene moral.

Na publicação de 22 de março de 1896, *O Brazil-Medico*, através da coluna de variedades, discorreu a respeito da higiene moral e a relação dela com o papel do higienista. No “Boletim de semana” o artigo intitulado “Contagio psychopathico” aborda um tema levantado pela administração sanitária da capital federal.³⁰ Vejamos um trecho da matéria:

²⁸ Ibidem, 1998, p.386.

²⁹ CARVALHO, José Murilo. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.p. 16.

³⁰ O Brazil-Medico, 22/03/1896. p.108.

“A hygiene moral e intellectual parece exorbitar das atribuições das aggremações administrativas de hygiene. Entre nós nunca se cogitou senão das moléstias que roubam a vida; as moléstias intellectuais, eram forma contagiosa, eram só do domínio da história e pareciam uma característica da idade média ou quando muito do início da idade moderna.³¹

Observamos nesse trecho que o periódico trata a hygiene moral como um problema pertencente não apenas aos intelectuais, mas aos médicos. O que nos evidencia a preocupação que existia em compartilhar essa informação e mostrar que era um mal advindo do comportamento humano. De acordo com a citação da revista, era dever da instituição de hygiene prezar pela administração do bom comportamento social, pois segundo eles as moléstias sociais como forma contagiosa estavam relacionadas à potencialidade de haver uma “contaminação” moral a partir desses comportamentos indevidos. Um ato que faz parte da história e que insere quem pratica em uma realidade diferente da presente, como se aquele indivíduo se comportasse de maneira equivocada dentro da sociedade.

A análise desses documentos de divulgação se faz necessário a partir da leitura do trabalho de Maria Fonseca, pois, segundo ela, alguns dos jornais aqui utilizados são os que compreendem os periódicos especializados em ciências da saúde, almanaques gerais e almanaques específicos. *O Brazil Médico*, foi um desses periódicos que se dirigia para os integrantes da área médica e para a população de um modo geral. Suas colunas têm um formato de fácil acesso e construídas para alertar a população acerca das questões médicas da cidade, dentre elas a da hygiene moral.³²

Para relacionarmos a análise das fontes com o debate historiográfico feito a partir dos estudos sobre relações de poder, vamos utilizar a obra de Michael Foucault, pois será possível observar como as práticas médicas, principalmente as direcionadas às mulheres, estavam ligadas ao debate sobre o exercício do poder praticado durante a Primeira República. Nessas pesquisas podemos observar que muito do que é trabalhado se aproxima das questões levantadas aqui, como o ofício dos médicos na sociedade, da relação entre médico e indivíduo e como se exercia esse poder por parte da instituição médica. Além disso, poderemos observar como essas práticas vão inserir a figura do

³¹ O BRASIL-MEDICO, Rio de Janeiro, 22 Mar. 1896. p.108.

³² FONSECA, M. R. G. F. . Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). História, Ciência e Saúde - Manguinhos , Rio de Janeiro, v. IX, n. Suplemento, p. 275-288, 2002. p. 280.

médico no meio político e quais as consequências dessas atitudes para a higiene moral no período.

1.1. Higiene moral e estrutura social em meados do século XIX

O período de transição do Império para a República foi marcado por ter sido o alicerce para a construção de um ideal político e social baseado em preceitos de comportamentos a serem seguidos. Os problemas a respeito desses padrões de moralidade foram direcionados a sociedade carioca, a qual foi inserida em um planejamento de Estado voltado para sua reestruturação através de vários discursos, dentre eles o discurso médico. Quando se menciona a participação da sociedade nas questões administrativas do Estado, veremos quais são esses fluminenses e onde eles estão inseridos em termos ideológicos e econômicos. De acordo com José Murilo de Carvalho, o deslumbramento promovido pela Proclamação da República no país não se sustentou por muito tempo, as promessas de uma nova ordem moral, sanitária e comportamental, não foram oferecidas à população de forma homogênea, resultando em mais desigualdade social.³³ Carvalho menciona:

A rigidez do sistema republicano, sua resistência em permitir a ampliação da cidadania, mesmo dentro da lógica liberal, fez com que o encanto inicial com a República rapidamente se esvaísse e dessa origem a decepção e ao desânimo.³⁴

Dentro dessa perspectiva, Maria Helena Patto aborda os estudos sobre Estado, ciência e política na Primeira República. A autora afirma não ter havido as transformações almeçadas desde o império. Patto salienta a insuficiência do Brasil para se inserir entre as nações consideradas civilizadas, pois não trouxe transformações econômicas, sociais ou políticas radicais suficientes para tal marco.³⁵

³³ Este assunto é deveras relevante dentro da nossa narrativa, ao longo desse trabalho veremos como a desigualdade será primordial para moldar a realidade estudada pela historiografia. Além disso, apontaremos como as diferenças de gênero e classe serão indispensáveis para analisarmos a saúde moral durante o período.

³⁴ CARVALHO, José Murilo. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 56.

³⁵ PATTO, Maria. H. S.. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. Estudos Avançados, São Paulo, v. 13, n.35, p. 167-198, 1999. P.167.

Patto afirma que o advento da República “[...] não foi, como frequentemente se afirma, o desfecho das questões religiosa e militar do fim do Império, dos excessos cometidos pela Coroa ou da insatisfação dos fazendeiros com a abolição da escravatura;³⁶ Tais dificuldades podem ser relacionadas ao problema da desigualdade social de social e política do país, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, onde era grande o número de pessoas de diferentes etnias e classes sócias. A república irá se estruturar a partir de regras pautadas no elitismo, conservadorismo e no trabalho agrário, colocando o país em uma situação de atraso aos demais países que estavam se industrializando.³⁷

É possível relacionarmos esses problemas de crescimento econômico e social com a campanha higienista criada pelo governo posteriormente. Para Maria Helena Patto, esse projeto político e os médicos estiveram a serviço de dois planejamentos: “superar a humilhação frente ao “atraso” do país em relação aos “países civilizados”, pela realização do sonho provinciano de assemelhar-se à Europa, e salvar a nacionalidade pela regeneração do povo.”³⁸

Ao criamos uma relação entre essa campanha higienista e o nosso objetivo de pesquisa, podemos observar como nos “documentos oficiais, na imprensa, nos relatórios e pareceres dos especialistas vai-se constituindo um vasto rol de termos infamantes para designar os pobres, pois são destinadas a eles as intervenções de higiene moral promovida pelo Estado”.³⁹ Vemos ainda no trabalho de Patto o que ela chama de “desqualificação do pobre”, os quais são percebidos como libertinos e adeptos da vadiagem e criminalidade.⁴⁰ Essa classificação nos permite refletir sobre as razões que levaram a construção desse projeto moralizante para a cidade, pois de acordo com este estudo, as classes mais pobres eram consideradas inferiores por estarem inseridas em um conceito de desviantes.

Ao pensarmos acerca dessas iniciativas de reestruturação do comportamento e de práticas sociais, diversas foram as maneiras utilizadas pelo Estado para implementar um modelo espelhado na sociedade europeia. No entanto, as divergências econômicas eram um dos maiores obstáculos para chegar a esse objetivo. De acordo com Sueann Caufield:

³⁶ Ibidem, 1999, p.167.

³⁷Ibidem, 1999, p. 168.

³⁸Ibidem, 1999, p. 178.

³⁹ Ibidem, 1999, p. 184.

⁴⁰Ibidem, 1999, p. 184.

[...]a maior preocupação advinda da polícia, da imprensa e grupos de profissionais, como por exemplo, os médicos, eram direcionados a prostituição, vadiagem e criminalidade. Isso ocorria simultaneamente aos problemas de falta de moradia e saneamento, o que fomentava no agravamento de epidemias, como febre amarela e varíola.⁴¹

Dentro desta perspectiva apontada por Caulfield, iniciaremos um dos objetivos principais desse trabalho, abordaremos a penetração do discurso sobre a higiene moral nas famílias cariocas. Discurso este criado para transformar uma sociedade que não cabia nos moldes almeçados pela classe burguesa, a qual necessitava dessa transformação para conseguir prestígio internacional e romper com as visões de mundo consideradas atrasadas, apontadas pelos autores. Caulfield nos mostra o porquê dessa aspiração por mudanças:

Transformar o Rio de Janeiro em uma vitrine que ajudaria assegurar a posição do país entre as nações independentes, honradas e civilizadas do Ocidente requeria a “europeização” e “modernização” de seu espaço físico e de sua população.⁴²

Diante do exposto, vemos que dentro desse planejamento o ofício do médico se tornou um dos pilares para as mudanças almeçadas. Com um trabalho sobre medicina, leis e moral, José Antunes apresenta um dos métodos utilizados para moldar o pensamento apropriado para o período republicano. De acordo com Antunes, os homens da época “[...] falavam, com certa facilidade, em "medicalização" da morte, "medicalização" da moral, "medicalização" da atividade sexual, "medicalização" da sociedade”.⁴³ Esse método de intervenção médica nos evidencia como os tratamentos morais passaram a ser uma realidade na cultura carioca. Diante desse novo recurso, Antunes levanta um questionamento essencial para o nosso debate ao interrogar o seguinte:

Por que aqueles objetos a respeito dos quais se pôde configurar a "medicalização" referem-se preferencialmente ao campo da reflexão jurídica e social? Por que o conceito de "medicalização" parece

⁴¹ CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, Editora da Unicamp, 2000. p. 123.

⁴² CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, Editora da Unicamp, 2000. p. 124.

⁴³ ANTUNES, José Leopoldo. Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p.10.

necessariamente apontar para a crítica dos juízos e dos valores médicos?⁴⁴

Pode-se notar na argumentação de Chalhoub a intenção de mostrar como o estudo acerca das minorias se faz extremamente necessário principalmente nesse período, como é o caso da mulher na primeira república, pois se trata de um momento em que diversas mudanças começam a ocorrer. Nesse sentido, também se excluía as mulheres, independente de orientação sexual, vemos a mulher representada através do ideal de mãe, esposa e provedora do lar. Tornou-se evidente como a medicina acadêmica durante esse período participava dessas transformações, pois com a modificação da estrutura urbana, a limpeza da cidade estava diretamente relacionada “a melhorias nas condições de saneamento.”⁴⁵

Essas mudanças de demografia da cidade precisam ser percebidas dentro do quadro mais amplo da constituição do capitalismo no Brasil. [...] Relações sociais do tipo burguês-capitalista já eram claramente dominantes na sociedade carioca, após o episódio cataclísmico e decisivo de renovação material, de renovação moral” empreendida na administração do prefeito Pereira Passos.⁴⁶

Diante do exposto, temos duas questões que nos interessam responder nesse capítulo: primeiro, a relação entre medicalização e campo social; e segundo, a razão da medicalização ter ligação com a higiene moral. Partindo da visão baseada na historiografia da saúde, escrita por José Antunes, vemos que as tradições da medicina da época podem ser observadas com clareza no seguinte trecho:

Em cada um desses assuntos, vamos encontrar os médicos analisando os fatos sociais e avaliando os aspectos relativos à conduta moral. [...] Veremos esses médicos reconhecendo, reproduzindo e reprogramando

⁴⁴Ibidem, 1999, p. 11.

⁴⁵ Ao analisar os censos populacionais entre 1890 e 1906, Sidney Chalhoub mostra como o aumento populacional contribuiu para não só para a inserção de pessoas em situações sociais diferentes, mas para o alastramento de doenças e desigualdade, que nesse momento era o que a elite carioca menos queria, devido ao ideal de embranquecimento e enriquecimento social. Ler mais em CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012. p. 43.

⁴⁶ Quando se fala do ideal social da elite carioca, é justamente desse renovação moral que está tratando o autor, uma vez onde ele trata do trabalho que estava sendo feito para moldar uma sociedade em que todas as minorias mencionadas não faziam parte do planejamento,. Ler mais em CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012. p.45.

a realidade social que os cercava e que constituía a matéria de sua apreciação.⁴⁷

Essas mudanças na estrutura da cidade também estavam relacionadas a ideia de higienização moral, pois tinha-se a necessidade de higienizar não só a cidade das doenças e moléstias, mas havia a preocupação em higienizar moralmente a sociedade. Podemos ver na narrativa de Antunes que a atuação do médico ocorreu anteriormente à implantação das instituições especificamente aquelas dedicadas ao desenvolvimento e ensino das ciências sociais no país, parâmetro reconhecido como marco inicial da reflexão sociológica brasileira.⁴⁸

Isso nos apresenta um pensamento voltado para o âmbito sociológico do trabalho da medicina. Não era necessário que o médico realizasse exames e consultas para oferecer um diagnóstico, o ato de observação entregava ao médico as respostas relacionadas a essas questões. Este método pautado no olhar referente ao comportamento social nos mostra que apesar de pouco explorado pela análise sociológica sobre os costumes da época, os episódios são tão relevantes para a história da medicina no país, que quase dispensam maior esclarecimento preliminar.⁴⁹ Isto porque evidenciam práticas que projetam uma homogeneidade comportamental que não fazia parte da realidade social do período aqui estudado. O trabalho que começou a ser realizado tornou a prática médica uma ciência vinculada à conduta moral.⁵⁰

Mediante a esta abordagem, que mostra como a medicina estava inserida no campo sociológico, é deveras importante para esta análise que façamos uma relação entre o campo histórico-social e a saúde pública, considerando que a história da implantação das ciências no Brasil aconteceu através da medicina experimental durante a Primeira República, como aponta a autora Amélia Dantes.⁵¹ Nessa perspectiva, Dantes utiliza o trabalho de Fernando Azevedo como referência acerca da influência europeia nesses estudos:⁵²

⁴⁷ ANTUNES, José Leopoldo. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p.12.

⁴⁸ *Ibidem*, 1999, p. 13.

⁴⁹ *Ibidem*, 1999, p. 13.

⁵⁰ *Ibidem*, 1999, p. 18.

⁵¹ DANTES, Amélia. *Medicina e saúde pública na primeira república: O encontro de historiadores e historiadores da ciência*. Universidade de São Paulo. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. p.2.

⁵² DANTES, Amélia., 2003 apud AZEVEDO, Fernando, 1995.

O grande desenvolvimento dos estudos sobre práticas médicas no século XIX tem, no entanto, chamado a atenção para a existência, então, de grupos relativamente organizados de profissionais que acompanhavam o que ocorria na Europa.⁵³

Ao tratar da tentativa de inserção dessa medicina pública, Dantes aponta para “[...] o papel desempenhado pelas políticas sanitárias na Primeira República. Uma vez que havia dúvidas em relação a esse processo, tanto por parte da eficácia do envolvimento do Estado, quanto dos modelos de ação sanitária apropriada.”⁵⁴ Para além disso, também ocorria a preocupação dos jornais operários, nos quais estes grupos também defendiam o acesso mais generalizado da população aos progressos sanitários.⁵⁵ Para dos mencionados jornais, o indivíduo como membro do meio trabalhista, era importante para o bom andamento do Estado, principalmente no âmbito econômico.

Do mesmo modo, Maria Fonseca, aponta que era de interesse do corpo político que houvessem essas transformações advindas da inserção de ideais acerca da saúde, do comportamento e do padrão moral a ser seguido, mesmo que essas mudanças não condissessem com a realidade da estrutura social e econômica do país.⁵⁶ Como foi mencionado anteriormente, essa não era uma preocupação universal da sociedade carioca. Maria Fonseca menciona que ocorreu a absorção desses ideais morais de forma parcial e seletiva, o que nos leva a questionar o porquê dessa falta de homogeneidade. Fonseca ainda conclui que:

Já ficou registrado que o fim do Império e o início da República foi uma época caracterizada por grande movimentação de ideias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram ideias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial e seletivo, resultando em grande confusão ideológica. [...] Contudo, seria enganoso descartar as ideias da época como simples desorientação.⁵⁷

Frente a essa questão levantada previamente, iniciaremos uma análise no campo teórico acerca desses temas relacionados a medicalização, ofício médico e relações de

⁵³Ibidem, 2003. p.2.

⁵⁴ Ibidem, 2003. p.2.

⁵⁵ Ibidem, 2003. p.3.

⁵⁶ O trabalho de Maria Fonseca nos direciona para o estudo acerca das possíveis fontes que podemos utilizar na pesquisa historiográfica, sendo uma delas os periódicos, fonte utilizada nesse trabalho. Ler mais em: FONSECA, M. R. G. F. . Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). História, Ciência e Saúde - Manguinhos , Rio de Janeiro, v. IX, n. Suplemento, p. 275-288, 2002.

⁵⁷ FONSECA, M. R. G. F. . Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). História, Ciência e Saúde - Manguinhos , Rio de Janeiro, v. IX, n. Suplemento, p. 275-288, 2002. p.42.

poder. A obra de Michel Foucault nos oferece algumas respostas preliminares direcionadas a esses temas. O autor enfatiza que tais mudanças foram impostas com base na tentativa de implantação de uma ideologia, onde não foi respeitada a diferença de classe, ou seja, não houve a preocupação em promover a melhoria na qualidade de vida de quem pertencia as classes subalternas, mas a intenção era a de inserir um modelo social pautado na ideologia burguesa e capitalista.⁵⁸ A partir dessa organização, dificilmente haveria a possibilidade de garantir acesso igualitário a essa nova estrutura social pautada no comportamento moral. Para Foucault:

A função propriamente ideológica do campo de produção ideológica realiza-se de maneira quase automática na base da homologia de estrutura entre o campo de produção ideológico e o campo de luta de classes.⁵⁹

Diante desse tema, podemos inserir a abordagem realizada por José Murilo de Carvalho, em *Os bestializados*, a qual aborda o problema de consciência de classe que levava esse ideal de Brasil republicano para longe do alcance dos indivíduos de classes mais baixas, os quais não tinham acesso a tal iniciativa política de forma homogênea. Para o autor, construir uma cidade que se comportasse como as sociedades europeias acabaria por aumentar a desigualdade já existente, só que no âmbito da ideologia política. Isso porque “[...] havia aqui uma grande diferença populacional, com problemas econômicos educacionais e políticos muito sérios”, segundo Carvalho “[...] o Brasil se acha na mesma condição da Europa, onde os vícios do capitalismo só deixam ao operário a opção entre o socialismo reformador e o anarquismo revolucionário⁶⁰.” Na mesma perspectiva de José Murilo de Carvalho, a autora Livia Terra também salienta acerca do capitalismo por trás dos interesses do Estado.⁶¹ De acordo com Terra, essa disseminação do pensamento médico vai ocorrer apenas no final do século XIX, ao contrário da França, por exemplo, que já tinha esse ideal social desde o século XVIII.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

⁵⁹ *Ibidem*, 1992, p.12.

⁶⁰ Pode-se destacar também as condições de trabalho, moradia e saúde do cidadão carioca, o qual tinha dificuldade de acesso a essas novas políticas de comportamento social. Ler mais em: CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.56.

⁶¹ Define-se capitalismo como sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando o lucro e empregando trabalho assalariado, e no funcionamento do sistema de preços. (FERREIRA, 2001. P.129)

Tal diferença se deu principalmente porque a área da ciência e a legitimidade da pesquisa na saúde começaram a se expandir justamente porque houve um crescimento “dos vícios do capitalismo”, como apontou José Murilo de Carvalho, como a vida considerada mundana e desviante. Dessa forma, vemos que a classe operária não tinha o pensamento médico inserido na sua realidade, na fábrica, nos cortiços e se encontrava distante da classe sociais mais elevadas.⁶² Livia Terra aponta:

A história do pensamento médico no Brasil não se deu de modo linear e tampouco a sua consolidação representou um processo que se tenha concretizado sem percalços. Isso porque o seu desenvolvimento esteve imbricado com toda a história política, social e intelectual do país.⁶³

Diante o exposto, pode-se observar que diversos foram os obstáculos para a iniciação dessa medicina social e moral no país, mais especificamente no Rio de Janeiro, considerando não só a diferença espacial, mas também, econômica, política e social em relação a Europa. De acordo com Terra:

Daí a utilização do termo, medicina social à brasileira. Em outras palavras, uma forma de pensamento modelada às particularidades da realidade brasileira e utilizada como instrumento na viabilização de um projeto cujo um dos principais objetivos era formar o povo [...].⁶⁴

Para além da tentativa de implantação das ideias médicas advindas da França, o Estado precisou intervir também nas práticas de curas que estavam distantes da realizada pela medicina convencional realizada no exterior. O curandeirismo utilizado pelos negros, pobres e moradores da área rural, não fazia parte do planejamento de saúde no Rio de Janeiro, como aponta Magali Engel, uma vez que seria a medicina tradicional aquela que deveria ser a utilizada de forma unificada na cidade. Para Engel:

Na construção deste projeto normatizador, a Academia Imperial de Medicina, bem como a faculdade de Medicina do Rio de Janeiro desempenharam um papel fundamental, a medida que se definiam como espaços de produção de uma “consciência coletiva dos fenômenos patológicos”. Para tentar viabilizá-lo foi preciso não só assegurar um

⁶²TERRA, L. M. . As ideias e o Brasil: apontamentos sobre os usos da medicina social à brasileira. In: XII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013, Araraquara. Caderno de Resumos. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013. v. 1. p. 3-107. p. 30.

⁶³Ibidem, 2013, p.33.

⁶⁴Ibidem, 2013, p. 35.

poder de atuação sobre a rua, através do atrelamento ao Estado, mas também conquistar o lugar até então ocupado pelo padre na casa, através da conversão da mulher em aliada. Foi preciso, ainda excluir da tarefa o curandeiro e o charlatão, já que somente o saber científico, único legítimo, caberia cumpri-la.⁶⁵

Vimos até o momento algumas razões que levaram a implementação da medicina moral no Brasil. Nessa sequencia, continuaremos a tratar do assunto, mas, passaremos para o estudo da relação do médico com o individuo durante a Primeira República no Rio de Janeiro. É necessário, no entanto, que façamos uma análise das razões pelas quais esse comportamento médico era realizado. Utilizaremos a pesquisa de Livia Terra para tratar da medicina social. Segundo a autora, a missão da saúde pública durante esse período era a de criar o “médico-político”, como veremos mais adiante. Por essa razão faz-se necessário refletir acerca dos motivos que sustentavam tal ideal social, como aponta Terra:

O pensamento médico-social no Brasil esteve imbricado com o desenvolvimento da história do país. É no arcabouço da reflexão sobre o passado que os médicos diagnosticaram os males nacionais e prognosticaram as soluções para o projeto do Estado Nacional.⁶⁶

Além das doenças naturais transmitidas no Rio de Janeiro, uma preocupação do Estado era controlar a doença moral, ou seja, reprimir o comportamento da população com base no discurso médico relacionado à moralidade. Livia Terra nos mostra inclusive, que um dos mecanismos de construção do ideal da moral era a utilização de estudos realizados por instituições sanitárias, empenhados no controle da disseminação de pensamentos imorais entre a população. De acordo com Terra:

Como um projeto do Estado burguês, urgia sanar as doenças naturais, mas, sobretudo, as doenças morais que levavam o país ao suposto declínio produtivo e ao atraso social. Essas ações se

⁶⁵ ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989. p. 51.

⁶⁶ TERRA, L. M. . *As ideias e o Brasil: apontamentos sobre os usos da medicina social à brasileira*. In: XII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013, Araraquara. Caderno de Resumos. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013. v. 1. p. 27.

dariam em instituições como o Serviço Sanitário, o Instituto Bacteriológico e Vacinogênico e outros [...].⁶⁷

Iniciando esta análise, é preciso que pensemos acerca dos motivos que levaram o Estado a realizar essa busca pela transformação social no Rio de Janeiro. Retomando o trabalho de Michel Foucault, podemos levantar algumas hipóteses. De acordo com Foucault, esse modelo de sociedade baseada na moralidade difundiu-se inicialmente na Europa, entre os séculos XVIII e XIX, na França e na Inglaterra, onde havia inicialmente o interesse dos Estados em relação aos problemas sanitários, em que pensavam no aumento da natalidade para que a população crescesse. No entanto, para o autor, ainda não havia uma preocupação com “[...] a elevação do seu nível de saúde”.⁶⁸

Foucault mostra que a taxa de natalidade era importante, pois o interesse do Estado era em promover, com base na ideologia do corpo útil, ou seja, do indivíduo como um corpo que trabalha, uma medicina que cuidasse para que esse corpo fornecesse retorno ao investimento realizado pelo país, precisava-se de uma sociedade ativa para o crescimento político. Dessa maneira, Foucault nos mostra que:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.⁶⁹

Para além da ideologia, deve-se ainda relacionar a medicina, como instrumento político e atrelado aos interesses econômicos. De acordo com Foucault, existe “[..] uma espécie de solidariedade entre economia e política. Seria, portanto, falso relacionar isto ao cuidado imediato de obter uma força de trabalho disponível e válida”.⁷⁰ Não se pensava em corpo social apenas para fins ideológicos, para crescimento de capital, mas sim em um conjunto de áreas estruturantes, onde a medicina funcionasse como um dos pilares práticos.

Em direção a análise acerca da higiene moral, pode-se ainda destacar na narrativa a respeito do nascimento da medicina social estudada por Foucault⁷¹, que a higiene

⁶⁷ Ibidem, 1992. p. 36.

⁶⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 82.

⁶⁹ Ibidem, 1992. p. 80.

⁷⁰ Ibidem, 1992. p.84.

⁷¹ Para fins de expandir a análise ler em: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p.79- 98.

pública estudada atualmente, é derivada de um modelo de medicina urbana desenvolvida sobretudo na França a partir da segunda metade do século XVIII.⁷² Diante disso, pode-se destacar o local de partida para tratarmos a saúde no Brasil, a França contemporânea é de onde advém o modelo de medicina a ser implementado no país. Adiante iniciaremos a análise acerca dos ideais europeus presentes no Rio de Janeiro, sobretudo um plano de governo pautado na busca pela higiene moral.

A partir da análise realizada na narrativa realizada na fonte, veremos como esse projeto de intervenção moral será colocado através do trabalho médico. Esses interesses que permeiam interesses relacionados a economia trata-se de uma forma de colocar a cidade do Rio de Janeiro no foco de oportunidades que façam com que o espaço urbano seja visto como um local de crescimento para a sociedade burguesa.

1.2. A mulher no século XIX: Moralidade e cidadania

Foram evidenciadas até o momento as estratégias ou projetos do Estado visando a implementação de uma nova ordem moral no Rio de Janeiro. Além disso, foi destacado como a historiografia abordou esse tema e as razões apontadas por diversos autores até chegarmos a esse modelo ideológico que se instaurou na sociedade. No entanto, veremos a seguir como todas essas transformações influenciaram na vida das mulheres, tanto no âmbito familiar como também nas questões ligadas à cidadania e aos direitos.

Em seu trabalho *Mulheres, mães e médicos*, Martha Freire nos aponta um estudo utilizado aqui para auxiliar no pensamento sobre o comportamento feminino nessa época e o que se espera dessas mulheres socialmente. De acordo com Freire, com a maior mobilidade urbana, ocasionada principalmente pelo fim da escravidão e o crescimento da imigração, o aumento das doenças fez com que o número de óbitos aumentasse. Para além das práticas sanitárias desenvolvidas e inseridas na cidade, o aumento na taxa de natalidade era um dos mecanismos do Estado para mudar essa situação. Marta Freire nos expõe que tal perspectiva tornava a visão acerca da mulher ainda mais voltada para o lar e para a maternidade. Esse argumento que apontava a mulher como a única responsável pelo papel familiar na prática do cuidado e da educação, as distanciava do seu papel como cidadã, bem como de sua capacidade de lidar com as questões políticas da cidade:

⁷²Ibidem, 1992. p. 89.

A elevada mortalidade infantil, em particular, mostrava-se inaceitável para a sensibilidade das elites urbanas reformistas e incompatível com os anseios republicanos de ordem e progresso, o que alçou a maternidade ao centro dos debates da sociedade.⁷³

Dessa maneira, vamos iniciar um debate a respeito do tratamento oferecido à mulher durante a Primeira República, pois vimos até o momento uma iniciativa moral que visava o comportamento feminino restrito ao ambiente familiar e materno. Podemos analisar como as relações entre corpo, moral e disciplina começaram a surgir na sociedade carioca. O acesso ao espaço urbano, ao trabalho fora do espaço doméstico começam a fazer parte do cotidiano da mulher no Rio de Janeiro, no entanto, ocupar esses lugares ainda é uma tarefa vista de forma negativa socialmente, o que inseria a mulher em um lugar de desgreda pela prática trabalhista. Isso ocorria pela razão de haver uma barreira entre a necessidade da vida matrimonial e materna com a ocupação em uma atividade que fugia essas ideias direcionadas para as mulheres.

A autora Magali Engel nos mostra, a partir da sua obra acerca da feminilidade e psiquiatria, que “[...] novas tentativas de disciplinarização e repressão do corpo e mentes foram colocadas em prática. Os padrões de moralidade recém-chegados da Europa, tinham como finalidade intervir no comportamento afetivo dessas mulheres, levando em conta o âmbito sexual e social.”⁷⁴ Engel ressalta ainda que:

O advento da República anunciava o começo de um tempo marcado pelo redimensionamento das políticas de controle social, cuja rigidez e abrangência eram produzidas pelo reconhecimento e legitimidade dos parâmetros burgueses definidores da ordem, do progresso, da modernidade e da civilização.⁷⁵

Podemos observar, portanto, que a construção daquilo que a República chamara de higiene moral, estava respaldada na imagem da mulher qualificada diferentemente dos homens, ou seja, seriam naturais dos comportamentos femininos os indícios de fragilidade, beleza, sedução e submissão. Tais atributos nos mostram que o que se esperava dessas mulheres era a prontidão para a vida conjugal, ao ambiente familiar, ou

⁷³ FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. v. 01. 258p. p. 100

⁷⁴ ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). *História da Mulheres no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. (p.322). p. 270.

⁷⁵ Este trecho nos evidencia de que maneira seria adotado o padrão moral vinculado principalmente ao comportamento feminino. Ver mais em: ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). *História da Mulheres no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. (p.322). p. 270.

seja, longe das ruas, da política e das condutas consideradas antinaturais. Deve-se observar que essas ideias voltadas para a população feminina ocorrem de forma a fomentar um ideal de comportamento moral. Dessa forma, as diversidades femininas, tanto no que tange a raça e as condições econômicas parecem ser sobrepostas às necessidades do Estado em criar esse ambiente de controle social e moral. As maneiras como esses interesses eram colocados em práticas poderiam diferir ao pensarmos esses recortes sociais⁷⁶ Mesmo com essas condições morais vinculadas ao papel da mulher, Magali Engel nos aponta outras dimensões da imagem do feminino. Segundo ela:

[...] muitas qualidades negativas – como a perfídia e a amoralidade – eram também entendidas como atributos naturais da mulher, o que conduzia a uma visão profundamente ambígua do ser feminino.⁷⁷

Seguindo essa lógica de ambiguidade do ser feminino proposta por Engel, podemos avançar com debate acerca do papel social esperado da mulher, pois havia uma incerteza dentro da medicina moral. Ao mesmo tempo em que vemos a fragilidade como um dos atributos positivos, aquela que se comportasse de maneira hostil não se encaixaria no ideal pregado socialmente. Dessa forma, chegamos a um momento deveras importante dentro dessa narrativa. Esperava-se que a mulher fosse doce, frágil e submissa, nesse sentido, algo que fosse o oposto disto feriria não somente a sua moral, como também a de sua família, marido e filhos. Nessa perspectiva, ela era taxada de antinatural, simplesmente por esboçar comportamentos que se assemelhavam aos dos homens, por exemplo. De acordo com Engel:

[...] o comportamento feminino que estivesse fora do que era aceitável e esperado no âmbito social, mais especificamente aqueles que estavam relacionados a sexualidade e feminilidade, eram taxados de antinaturais, ou seja, estariam suscetíveis a julgamentos, críticas, exclusão social e também intervenções médicas.⁷⁸

Essas atitudes desviantes eram resultado de uma especificidade feminina. Nesses casos, as mulheres poderiam ser nomeadas como antinaturais, pois não cumpriam as normas impostas socialmente. Para além dessa imposição ao comportamento, Engel também demonstra em seu trabalho os mecanismos utilizados pela medicina para tratar esses casos, pois, de acordo com a autora, a mulher com comportamento antinatural era

⁷⁶Ibidem, 2000, p. 278.

⁷⁷ Ibidem, 2000, p. 278.

⁷⁸ Ibidem, 2000, p. 278.

diagnosticada como histérica, em alguns casos, e poderia ser submetida a tratamentos clínicos.⁷⁹ Engel ainda pontua sua análise a respeito do diagnóstico clínico acerca das mulheres da seguinte forma:

Vista como uma soma desarrazoada de atributos positivos e negativos, cujo resultado nem mesmo os recursos científicos cada vez mais sofisticados poderiam prever, a mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe; o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva.⁸⁰

Ao pensarmos a respeito dos conceitos de feminilidade como positivos ou negativos, inserimos essas mulheres em um ambiente onde o olhar médico se traduzia em uma perspectiva moral, e suas atitudes, se comparadas ao comportamento, poderiam lhe impingir o rótulo de moralmente histéricas.

Houve o momento de lidar com as tentativas de mudanças propostas para a capital federal, tanto no sentido político quanto moral. Nesse sentido ambos os meios se assemelham quanto à inserção feminina na sociedade republicana, ou melhor, a negação dessa tentativa das mulheres em fazer parte da vida fora do lar, envolta em outras questões que não só o cuidado da casa e da família. Veremos como a historiografia aborda a tentativa das mulheres em participar de forma ativa da vida política, educativa, trabalhista, médica e social, e como tais investidas não gerarão retorno imediato, devido aos ideais patriarcais e machistas que se mantêm enraizados na sociedade. No trabalho de Sidney Chalhoub sobre o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro vemos a historiografia:

[...] preocupada em descrever e interpretar a cultura política dos trabalhadores, escravos ou “livres” homens ou mulheres, integrantes de movimentos sociais organizados ou não, e assim por diante. Num país em que o costume acadêmico e político de “coisificar” os trabalhadores-isto é, de imaginar que as suas formas de lidar com as políticas de dominação são historicamente irrelevantes.⁸¹

⁷⁹ Magali Engel aponta em seu trabalho alguns exemplos de mulheres que foram submetidas a tratamentos para que seus comportamentos considerados antinaturais regredissem. Experiência que ocorria de forma invasiva e sem um laudo médico eficaz, considerando a pouca experiência que a medicina possuía no período em que ocorriam essas intervenções. Ler mais em: ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). História da Mulheres no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. (p.322)

⁸⁰ Ibidem, 2000. p. 278.

⁸¹ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle

A partir desse ponto, iremos iniciar as abordagens a respeito dos comportamentos e posturas sociais femininas, relacionando-as aos padrões médicos apresentados durante o período e apontados por Engel. Segundo a autora, “mulheres que eram submetidas a tratamentos e recebiam um laudo de antinaturais, passavam a fazer parte de um grupo onde estavam inseridas mulheres devassas e homossexuais”.⁸² No entanto, tal classificação não implicava que a mulher tivesse tido necessariamente uma experiência ou um relacionamento homoafetivo. Não era preciso que esta mulher fosse vista se relacionando de maneira afetuosa com outra mulher, nem que confirmasse tal atitude ou sentimento. O fato de haver se distanciado dos comportamentos considerados femininos era um fator decisivo para que os médicos chegassem a este diagnóstico. Esperava-se que houvesse a prática de atitudes voltadas para o desejo matrimonial, a vida familiar, o que as colocariam em um lugar de normalidade social para a época. Esperava-se das mulheres, independente da raça, que elas mantivessem esses padrões, no caso das mulheres negras os olhares moralistas tinham uma preocupação diferenciada. Como veremos ao analisar a fonte, elas já eram vistas como pré-dispostas a pensar e agir de forma imoral, então os médicos já faziam essa distinção quando se tratava dos comportamentos.

Magali Engel nos aponta, entretanto, que não se deve permanecer com esse pensamento engessado a partir da perspectiva médica republicana de que o comportamento feminino era irregular do ponto de vista das práticas morais vigentes. Essa abordagem pautada nesses desvios distância o trabalho do historiador em realizar um estudo eficaz a respeito da história das mulheres, as quais não podem ser lidas apenas a partir dos estudos de imoralidade. Ao mesmo tempo em que temos o intuito de mostrar como se dava o tratamento entre médico e mulher na Primeira República, também vemos a necessidade de falar das histórias das mulheres sem relacioná-las integralmente à higiene moral, a qual estavam sendo submetidas. Magali Engel ratifica esse posicionamento da seguinte forma:

[...] é preciso que, entre outras coisas, abandonemos definitivamente essa obsessão em buscar comprovar que a mulher é mais discriminada, é mais explorada, é mais sofredora, é mais revoltada etc., etc. Nem mais, nem menos, mas sim diferentemente. Diferenças cujos significados não se esgotam nas distinções sexuais, devendo, portanto, ser buscados no emaranhado múltiplo, complexo e, muitas vezes,

Époque. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012. p. 8.

⁸² Ibidem, 2000. p. 279.

contraditório, das diversidades sociais, étnicas, religiosas, regionais, enfim, culturais.⁸³

De acordo com a autora, não devemos nos ater em procurar apenas no comportamento feminino as razões pelas quais elas eram vistas como históricas e antinaturais, ou seja, concordar que a mulher que não fosse afetuosa, casada ou tivesse filhos, simplifica o discurso acerca da história dessas mulheres. Para além desses padrões sociais criados através do olhar masculino do que deveria ser a mulher, tanto no comportamento quanto nos seus deveres e obrigações, temos uma visão simplista e limitada da concepção do que é ser mulher. Devemos, portanto, ir além do que já foi analisado anteriormente, isso significa que vamos inserir essa análise em outro espaço de observação, assim como incentiva Engel. Um desses espaços de análise será o da diversidade social, pois ao se falar de mulher no início do período republicano não temos apenas um modelo de comportamento social a ser estudado. Dentro das possibilidades de análise do sujeito feminino temos diversas maneiras de direcionar a reflexão a partir das diversidades sociais que se encontram essas mulheres. É importante que as experiências distintas de raça e classe sejam aplicadas a esses estudos para que não haja uma generalização dos resultados dos estudos sobre o comportamento feminino a partir de uma visão universalista e essencialista.

O tratamento cotidiano oferecido às mulheres era feito de acordo com o seu papel pré-estabelecido socialmente e economicamente, ou seja, uma mulher de classe econômica inferior era tratada não só de maneira diferente, mas também desigual.⁸⁴ A partir do olhar direcionado para as desigualdades de classe, por exemplo, poderemos observar que os problemas destacados anteriormente ocorriam não só pelo papel de gênero projetado para a mulher. Embora houvesse a expectativa da sociedade de que as mulheres se comportassem dentro dos padrões morais almejados, a construção das ideias

⁸³ Ibidem, 2000. p. 279.

⁸⁴ Ao pensarmos a respeito do conceito de diferença e desigualdade, o trabalho de José D'Assunção nos fornece meios de entender como isso se aplica no âmbito social. Utilizaremos o exemplo das mulheres no meio social nesse caso. De acordo com o autor, “a desigualdade gera uma diferença hierárquica, fazendo com que as relações só se sustentem a partir da igualdade dentro de uma classe social, por exemplo. Pois o autor afirma que tais distinções entre a desigualdade e a igualdade se dá através de uma circunstância associada a forma de tratamento. Ele ainda ratifica que tal tratamento pode ocorrer mesmo que tais sujeitos sejam iguais ou diferentes no que se refere a sexo, etnia ou profissão.” O que nos mostra, portanto, que a desigualdade a qual é imposta a mulher parte não só do seu gênero, mas de outros meios os quais ela está inserida. É a partir dessas diferenças que devemos guiar nossa análise a fim de buscar resultados para as questões levantadas a respeito de higiene moral e a mulher, em que nos mostraram até o momento se tratar não só de um caso de diferença de gênero, mas de desigualdade social e de classe. Ler mais em: BARROS, José D'Assunção. Igualdade e Diferença. Construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. p.10.

e representações desses papéis variavam de acordo com o espaço social que elas ocupavam.

De fato, este era um dos motivos pelos quais a medicina moral justificava suas intervenções. Devemos então iniciar uma análise que coloque o debate a respeito do comportamento feminino em outras esferas públicas, especialmente a da política. Retornando ao debate realizado por Sueann Caufield - onde a autora promove uma análise a respeito da honra - vemos que a autora nos mostra como foi possível relacionar a atuação do médico ao trabalho dos policiais e dos que trabalhavam no meio legal. Segundo Caufield, era papel não só do médico oferecer o devido respaldo para se chegar aos padrões de higiene moral projetados pelo Estado, mas era necessário um trabalho dentro de outras esferas onde não somente o pensamento médico era praticado.

Os juristas da virada do século não estavam sozinhos na crença de que proteger a honra da família era crucial para a defesa da civilização e para a construção de uma nação moderna. Já no século XIX, [...] médicos sanitaristas e autoridades policiais concordavam com os juristas em que dividiam coletivamente a responsabilidade de preservar a honestidade feminina por meio da proteção as famílias.⁸⁵

A ideia de proteção familiar abordada aqui se trata especificamente do conceito de desigualdade utilizado anteriormente. Pois segundo Caufield, “o trabalho dessas autoridades em cada área distinta era para evitar que as ‘classes perigosas’ se misturassem as famílias honestas”.⁸⁶ Ela acrescenta ainda que o advento da República impulsionou os esforços para essas práticas ocorrerem.⁸⁷ Segundo ela, essa diferenciação no tratamento entre as pessoas dava-se pelo seguinte motivo:

“As famílias” era um termo que se referia a esse setor privilegiado, que se identificava como a “sociedade respeitável” – mais civilizada, mais europeia culturalmente e racialmente que “as massas populares.”⁸⁸

⁸⁵ CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, Editora da Unicamp, 2000. p. 109.

⁸⁶ Chalhoub, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo, Cia. Das Letras, 1996.

⁸⁷ Ibidem, 2000. p. 109.

⁸⁸ Ibidem, 2000. p. 117.

Diante disto, são evidentes as razões pelas quais havia o empenho de diversas instituições em promover higienização moral da sociedade. Na narrativa de Caufield, vemos o porquê dessa campanha e a qual grupo social ela está vinculada. Segundo a autora, esses mecanismos praticados no Rio de Janeiro “às massas populares” forneceram evidências de que o Brasil havia atingido normas comportamentais das famílias superiores às da Europa.⁸⁹ No entanto, não mostra um resultado que gera igualdade social e econômica, ao contrário, foi um método essencial para que se fomentasse a manutenção de hierarquias em diversos âmbitos. Caufield aponta que o ideal por trás dessas políticas de saneamento moral era:

Representando os interesses de uma minoria identificada como as famílias brancas da elite, as autoridades municipais trabalhavam para “sanear” e “civilizar” o centro da cidade.⁹⁰

Nesse caso, relaciona-se “saneamento” e “civilização” como prática social realizada pelas autoridades públicas. A pobreza, os problemas de moradia e as doenças epidêmicas eram relacionadas à depravação moral e a inferioridade racial. Isso significa que segundo essa lógica mesmo os problemas relacionados à sobrevivência das “massas populares” eram considerados fruto da relação que se criou entre pobreza e perigo. Sueann Caufield aponta que teria sido com esse discurso que o poder e o tamanho do prestígio vinculados a instituições como a Polícia Civil, responsável por controlar a moralidade pública, expandiram durante as administrações republicanas.⁹¹

Deve-se, no entanto, pontuar que mesmo as doenças que circulavam no Rio de Janeiro no período republicano, tais como, peste bubônica, varíola, febre amarela e cólera, foram controladas através das campanhas de saúde pública, em que Caufield aponta como bem-sucedidas. Contudo, a autora também ressalta que devido à imitação da ordem social da Europa industrializada, civilizar iria além da contenção de doenças infectocontagiosas. O corpo político tinha um projeto de renovação urbana pautado na moral, em que seria realizado a divisão do espaço da cidade para promover a “limpeza” da cidade. O distanciamento das massas populares, consideradas socialmente inferiores, seria posto em prática de maneira constitucional, as mulheres, nesse caso, seriam umas das afetadas por esses novos métodos.⁹² Com a Proclamação da República, em novembro de 1889,

⁸⁹ Ibidem, 2000. p. 118.

⁹⁰ Ibidem, 2000. P. 118.

⁹¹ Ibidem, 2000. p. 124.

⁹² Ler mais em: CAULFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, Editora da Unicamp, 2000.

algumas questões vinculadas à cidadania das mulheres podem ser observadas. O liberalismo político e econômico atinge um grupo social formado por homens, de uma elite advinda do Império, com interesses que giravam em torno do bem-estar individual, mas também do bem-estar de uma classe específica, o que acarretará um projeto de sociedade excludente a partir desse momento.⁹³

Ao aprofundar essa análise acerca da cidadania feminina, outro ponto a ser tratado é o do processo político na Primeira República. Maria Resende nos aponta alguns fatores para que fosse gerada essa desigualdade mencionada anteriormente. Segundo a autora, o fato de haver uma nova ordem política vigente e um ideal de avanço político, não nos fornece razões para que vejamos a mulher inserida em todas essas transformações de maneira a gerar igualdade no campo da política e cidadania. Pois, como veremos, o espaço da mulher fora do ambiente familiar não era incentivado e a sua participação nos assuntos sociais e políticos eram evitados nesse período. Maria Resende nos evidencia como era vista a mulher dentro da esfera política, apesar das renovações aparentes:

Quanto aos direitos políticos, a Constituição inclui a liberdade de associação e reunião e o direito de voto. No caso do direito de voto, considerado o mais importante dos direitos políticos, retira-se a exigência de propriedade, mas mantém-se a exclusão dos analfabetos. Também as mulheres estão ausentes, pois ainda prevalece a representação de que a mulher pertence ao domínio privado, presa às atividades de reprodução da espécie, sendo, portanto, inapta para a política – atividade que se processa nos domínios do espaço público.⁹⁴

Diante desta análise, vemos que as mulheres, além de estarem em outra esfera social quando se trata de gênero e comportamento, também apresentavam uma invisibilidade política, uma vez que ela não era inserida como cidadã ativa na constituição brasileira de 1891. A autora ainda justifica tal exclusão devido ao fato de não verem a mulher como pertencente à esfera pública e política. Conceitos esses advindos da política de higiene moral debatida anteriormente.

Para fins de analisar a dificuldade de inserção da mulher no meio político e na obtenção dos seus direitos por vias constitucionais, destacamos novamente o trabalho de José Murilo de Carvalho, onde o autor também aborda a cidadania feminina, a qual teve

⁹³ RESENDE, M. E. L. . O processo político na Primeira República e o Liberalismo Oligárquico. In: NEVES, L. A.; FERREIRA, J.. (Org.). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. Belo Horizonte: Civilização Brasileira, 2003, v. V.1, p. 89-120. p. 93.

⁹⁴ *Ibidem*, 2003, p. 100.

dificuldades em ser exercida no período estudado. As mulheres não tinham acesso a todos os espaços, sendo o lar o lugar onde ela era vista como representante no que diz respeito a educação, cuidado e carinho. Diante dessa escolha de abordagem, observamos que o papel da mulher a colocava no espaço familiar. No entanto, essa expectativa não era aplicada de forma homogênea na sociedade carioca, como apontamos anteriormente.

As diferenças de classes e raça inseriam essas mulheres em espaços sociais e ideológicos diferentes. Logo os resultados dessas cobranças comportamentais não poderiam ser feitos de da mesma maneira. Conforme apontou Magali Engel, é preciso que nos distanciemos desse debate já existente e nos aproximemos de assuntos não convencionais, mas que podem nos revelar as diversidades das experiências femininas durante a Primeira República.

1.3- O trabalho médico no âmbito político

Voltando a Michel Foucault, veremos como o filósofo realiza uma discussão acerca das relações de poder na instituição médica. Faremos a associação entre o médico e sua atuação no campo político, uma vez que a medicina foi um dos métodos utilizados pelo Estado para se chegar ao objetivo de implantação de uma ideia de transformar ou reformar a cidade do Rio de Janeiro a partir dos valores de moralidade e higiene.

Segundo Michel Foucault:

Em política, <<dizer é fazer>>, quer dizer, fazer crer que se pode fazer o que se diz e, em particular, dar a conhecer e fazer reconhecer os princípios de divisão do mundo social, as palavras de ordem, que produzem a sua própria verificação ao produzirem grupos e, deste modo, uma ordem social.⁹⁵

A partir desse fragmento, podemos analisar como a ideia de “dizer é fazer” de Foucault é capaz de ser praticada dentro da instituição médica. Se observamos os trechos retirados dos periódicos que tratam de “higiene moral”, por exemplo, destacamos que os médicos higienistas do Rio de Janeiro fazem parte desse grupo político mencionado por Foucault. Uma vez que “as palavras de ordem” tem o poder não só de informar a sociedade acerca da nova ordem moral vigente, como também nos evidencia que o

⁹⁵. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 185.

médico republicano exercia o poder de influenciar a sociedade carioca utilizando por exemplo, o periódico como ferramenta para a expansão do seu trabalho.⁹⁶

Nos anos finais do Império e o começo da República, as colunas dos Periódicos realizaram um trabalho de notificação desses comportamentos anti-higienicos direcionados a moral. O trabalho dos médicos era frequentemente destacado na imprensa carioca, principalmente no que diz respeito aos comportamentos sociais. Em acordo com Michel Foucault, esse grupo social formado por médicos exercia o poder de promover discursos vinculados ao ideal de ordem moral almejado pelos novos padrões do Estado. A imprensa, portanto, oferecia ao grupo médico espaço para publicações dos seus trabalhos dentro da comunidade carioca, onde esses assuntos iam além das questões de saúde física, mas abrange aspectos vinculados ao pensamento social.

José Ricardo Pires de Almeida, médico higienista da cidade do Rio de Janeiro, foi um dos nomes mais conhecidos dentro do campo da medicina moral. No dia 07 de março de 1886, *O Diário de notícias* publicou a matéria de que alguns médicos haviam sido nomeados para cargos ligados a higiene pública, dentre eles Pires de Almeida. A análise dessas fontes nos possibilitou observar como a medicina e a política eram mencionadas pela imprensa carioca. Essa publicação nos evidencia a importância dada à prática da higiene moral dentro da sociedade e a preocupação em disseminar tais ideias ao leitor e a quem tivesse acesso a essas informações. Esse fragmento nos mostra como o médico tinha um papel de prestígio social, pois além de receber cargos importantes, era inserido nas páginas do jornal para que fosse possível a população ser informada dessa nomeação.⁹⁷ Vejamos a notícia:

Foram nomeados: inspetor geral de hygiene, o Sr. Barão de Ibituruna; membros da inspetoria geral os Srs. Drs. José Agostinho de Souza Lima, Francisco Marques de Araújo Góes, Bento Gonçalvez da Cruz e José Ricardo Pires de Almeida. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/03/1886, p.2)

Após três anos, em 05 de novembro de 1889, o periódico *O Brazil-Medico*, publicou a respeito de outra nomeação para um cargo também relacionado a higiene, dentre eles permanecia o médico José Ricardo Pires de Almeida.⁹⁸ Vejamos a notícia:

⁹⁶ Os fragmentos retirados dos periódicos estão de acordo com a gramática utilizada no período histórico estudado.

⁹⁷ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 1886. p.2.

⁹⁸ *Brazil-Medico*, Rio de Janeiro, 1889. p.58

Foram nomeados legados de hygiene os Drs. Paulino Werneck e J. Luiz Vianna; para o lugar de archivista e bibliothecario da Inspectoria foi nomeado o Dr. Pires de Almeida.⁹⁹ (O BRAZIL-MEDICO, 05/11/1889, p. 58)

Ainda na coluna que trata de nomeações, em 05 de julho de 1894, cinco anos após a nomeação anterior, José Ricardo Pires de Almeida foi novamente nomeado para outro cargo, dessa vez na Revista “Sociedade de Hygiene do Brazil”. No mencionado periódico o médico era responsável pela parte editorial. Diante disso, podemos ver que o trabalho desse médico e de outros mencionado nesse fragmento, era voltado não apenas para o a disseminação dos ideais de hygiene dentro da sociedade através das visitas às casas e o convívio com a população, mas através do ofício dentro de periódicos. O que nos mostra que além deles trabalharem diretamente com as pessoas, eles tinham acesso ao meio de comunicação da época de forma direta, pois esse periódico foi criado não apenas leitura do público médico, veremos adiante colunas criadas especificamente para a população se informar.¹⁰⁰ Vejamos a notícia:

Sociedade de Hygiene do Brazil- [...] elegeu e organizou a directoria e secções scientificas, que ficarão instituidas da seguinte forma: [...] Redação e Propaganda- Dr. Carlos Costa, Dr. Pires de Almeida. (O BRAZIL-MEDICO, 05/07/1894, p.248)

Essas nomeações mencionadas nos fragmentos retirados de periódicos como *O Brazil-Medico* e *Diário de Notícias* nos mostram que assim como a historiografia trata da relação entre o trabalho médico e o trabalho político, a imprensa também divulga tal prática. Ao utilizarmos essas fontes, vemos como a medicalização da sociedade era colocada em prática não apenas a partir da inserção dos médicos dentro das casas, mas da construção do pensamento carioca através da informação oferecida pelos jornais, tanto de conteúdo médico quanto os demais jornais, como é o caso do *Diário de Notícias*.

Outro ponto que merece destaque a partir da leitura das fontes, é a menção do médico José Ricardo Pires de Almeida, objeto de estudo da nossa pesquisa, o qual será aprofundado no próximo capítulo. Podemos observar que ele era um desses homens que tinham destaque tanto no meio médico quanto na atuação política. A nomeação para cargos ligados a parte administrativa e de inspeção sanitárias deram um lugar de prestígio

⁹⁹ Ibidem, 1889, p. 58.

¹⁰⁰ O Brazil-Medico, Rio de Janeiro, 1894, p.248.

para que Pires de Almeida pudesse atuar. Além disso, foi a partir dessas práticas que o médico iniciou seu olhar clínico acerca do comportamento moral dos indivíduos.

Quando se insere as práticas do médico no âmbito político e moral, existem considerações a serem feitas, pois como pôde ser visto nos trechos dos periódicos, os médicos ao exercerem o poder de se manifestar publicamente a respeito de um assunto e proporcionar a formulação de um determinado pensamento social, também demonstram por meio da imprensa como o prestígio desse cargo era não só evidenciado pelos periódicos, mas regravam de maneira palpável suas intenções de contenção moral.

Ao aprofundar a análise acerca do papel do médico, Michel Foucault em “*O surgimento da clínica*” argumentou ser a política a primeira tarefa do médico.¹⁰¹ Ao associar esses papéis, Foucault afirma que a luta contra a doença deve acontecer contra os maus governos, pois o homem livre, aquele com possibilidades de escolha de seus comportamentos e ideologias, é o mesmo que recebe a cura.¹⁰²

Dessa maneira, Foucault esclarece ter sido uma experiência médica curta essa de lutar pela liberdade do doente. De acordo com o autor, a partir do século XIX “[...]considerada em sua disposição de conjunto, a clínica aparece para a experiência do médico como um novo perfil do perceptível e do enunciável.”¹⁰³ A anatomia patológica e a soberania do olhar médico inserem esse profissional em um ambiente onde a observação do outro oferece conclusões para os diagnósticos das doenças morais e mentais.¹⁰⁴ O autor nos oferece alguns questionamentos a respeito das dúvidas que acarretaram nesse novo modelo de experiência. Foucault interroga que:

Esta nova estrutura se revela, mas certamente não se esgota na mudança ínfima e decisiva que substituiu a pergunta «O que e que você tem?», por onde começava, no século XVIII, O diálogo entre o médico e o doente, com sua gramática e seu estilo próprios, por esta outra em que reconhecemos o jogo da clínica e o princípio de todo seu discurso: «onde lhe dói?». ¹⁰⁵

¹⁰¹FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 1. ed. Rio de Janeiro. 1977. p..37

¹⁰² *Ibidem*, 1977. p. 37.

¹⁰³ *Idem*, p.17.

¹⁰⁴ *Idem*, p.2.

¹⁰⁵ *Idem*, p. 18.

Mantendo essa trajetória de análise teórica, vemos em *A Microfísica do poder*, outro trabalho de Michel Foucault de 1979, um complemento para pensarmos a respeito do trabalho realizado pela instituição médica na busca pela difusão da higiene moral. Foucault salienta ainda que se a opressão for definida como repressão, esse fundamento baseia-se na força pela proibição¹⁰⁶. Do ponto de vista de Foucault, esta seria uma “[...] noção negativa, estreita e esquelética de poder que curiosamente todo mundo aceitou.”¹⁰⁷

Com o intuito de aprofundar esse debate acerca do médico higienista e sua inserção no campo político, o artigo de Livia Terra nos auxilia. Em um dos seus trabalhos direcionados ao tema, a autora expõe que o higienista seria “[...] uma mistura de médico com cientista social, preocupado com a coletividade enfraquecida pelos males supostamente inerentes à população, amparados por instituições comprometidas com a ordem e o progresso”.¹⁰⁸ Ainda tratando dessa expectativa com relação ao crescimento do país em termos de ordem e progresso, Livia Terra ainda acrescenta a relevância dada ao trabalho realizado pelos médicos republicanos:

Esse médico político, amparado na medicina social, iria encontrar na conformação racial do povo brasileiro a explicação das possibilidades ou impossibilidades de um projeto civilizatório, capitalista e nacionalizante, atrelado aos interesses da burguesia em transição.¹⁰⁹

Não se deve negligenciar o papel da medicina tradicional implantada na sociedade, devemos considerar as políticas de prevenção de doenças, de vacinação, mutirões realizados nas casas para que a população tivesse acesso a tratamentos. No entanto, foi essa mesma medicina que a partir da inserção na casa das pessoas, iniciou o processo de intervenção mencionado anteriormente e a “catalogação” apontada por Foucault. Esse método que consistia na prática médica dentro das casas, também possibilitou que os médicos observassem o comportamento das pessoas dentro dos lares, essa análise ofereceu a esses médicos a possibilidade de inserir em categorias que deveriam ser estudadas mais a fundo, como os exemplos mencionados abaixo por Michel Foucault:

¹⁰⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 74

¹⁰⁷ *Ibidem*, 1992, P.74.

¹⁰⁸ TERRA, L. M. . As ideias e o Brasil: apontamentos sobre os usos da medicina social à brasileira. In: XII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013, Araraquara. Caderno de Resumos. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013. v. 1. p. 27.

¹⁰⁹ *Ibidem*, 2013. p.35.

Naturalmente, a medicina desempenhou o papel de denominador comum...[...] seu discurso passava de um a outro. Era em nome da medicina que se vinha ver como eram instaladas as casas, mas era também em seu nome que catalogava o louco, um criminoso, um doente.¹¹⁰

A fim de concluir essa análise teórica a respeito do papel da medicina no período, podemos retomar a pesquisa realizada pela Maria Helena Patto. Em certa altura de seu texto, a autora aponta uma problematização interessante ao nosso estudo. Ao tratar as ideias de Foucault a respeito do projeto disciplinar realizado no Brasil, ela aponta que se desenhavam então técnicas e programas mais refinados de domesticação das condutas¹¹¹. Essas ideologias de conduta moral programadas para a sociedade republicana brasileira eram de maneira semelhante àquela apontadas por Foucault ao tratar da França do século XIX.

Patto ratifica demonstrando que:

[...]em todos esses propósitos estavam as sementes de práticas mais refinadas de controle social informadas pela ciência, que se fariam mais presentes a partir do segundo período republicano.¹¹²

Diante do exposto, vemos que mesmo os métodos de controles de epidemias, de vacinação e higienização realizadas na República, não apagavam o interesse da instituição médica em diagnosticar aqueles que não cumprissem com o papel moral ali esperado, seja ele por meio da inserção do higienista nas casas, ou por meio dos periódicos, que abrangiam não só entre os letrados, mas circulavam ainda de maneira oral entre todas as camadas sociais do Rio de Janeiro no início da República.

Capítulo II - Pires de Almeida: Medicina e etnografia no ofício do higienista

¹¹⁰FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 151.

¹¹¹ *Ibidem*, 1992. p. 192.

¹¹² PATTO, Maria. H. S.. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n.35, p. 167-198, 1999. p, 193..

José Ricardo Pires de Almeida foi um médico higienista, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que atuou em diversas áreas de trabalho, como, por exemplo, comissário vacinador na cidade, bem como delegado da Junta Central de Higiene Pública.¹¹³ Além disso, teve uma longa trajetória na imprensa carioca, tendo escrito sobre saúde pública, além de ter trabalhado nos setores administrativos e de redação.¹¹⁴ A partir dessas informações iniciais analisaremos os estudos realizados sobre a trajetória do médico higienista. Para tanto, a aproximação entre as práticas médicas e etnografias podem nos oferecer algumas pistas sobre a construção do seu conhecimento. Também iremos conhecer os temas relacionados aos conceitos de moralidade e sexualidade que o higienista aborda em seu trabalho.

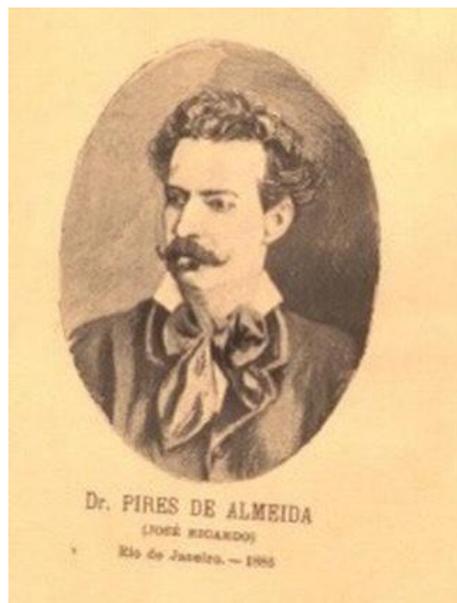
Pires Almeida dedicou sua vida profissional em diversas áreas, além da medicina, trabalhou em alguns periódicos, tanto na área de revisão quanto na publicação de colunas voltadas para a medicina pública. Como médico republicano, a atuação de Almeida estava inserida em um período em que a saúde da sociedade burguesa estava atrelada aos planos do governo, como vimos, tinha como base um grupo economicamente favorecido. A revista *O Brasil-Médico* contou com sua narrativa a respeito de temas voltamos para as práticas homoafetivas na cidade do Rio de Janeiro, o qual oferecia aos leitores sugestões médicas de como era sua visão acerca do tema.¹¹⁵

Figura 1. José Ricardo Pires de Almeida

¹¹³ Essas informações foram retiradas de outra obra escrita por José Ricardo Pires de Almeida, a qual abordaremos ao falar da relação entre médico e mulher. Ver em: ALMEIDA, Pires de. *Guia da mulher pejada. Preceitos hygiencios. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir 137 os movimentos do fêto*. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vapor, livr. encad. Lombaerts & C., 1882. [1884].

¹¹⁴ VIEIRA, C. E. . José Ricardo Pires de Almeida entre duas vocações: a política e a ciência. *CADERNOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFU. IMPRESSO)*, v. 14, p. 753-771, 2015.

¹¹⁵ ALMEIDA, José. A libertinagem no Rio de Janeiro perante a historia, os costumes, a moral O BRAZIL-MEDICO. Rio de Janeiro: ano 16, n.5, p. 40 - 50. 1902.



Fonte: ALMEIDA. P. *Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital.* Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

Ao analisar a escrita, pesquisa e narrativa de Pires de Almeida, Carlos Vieira destaca os paradoxos presentes na obra. Para Vieira, é possível destacar na obra um “esforço para manter o ideal do comportamento do historiador metódico e fiel aos fatos e à verdade, no entanto, não revela a mesma capacidade.”¹¹⁶ A obra, entretanto, não deixa de conter elementos que fogem da imparcialidade, fornecendo-nos uma leitura repleta de interpretações pessoais.

[...] à medida que sua escrita evidencia explícita e frequentemente os seus juízos de valor motivados claramente pela sua ideologia política, crença religiosa, preconceitos raciais e pela soberba de elite culta, em um país em que a imensa maioria da população não tinha acesso sequer à educação primária.¹¹⁷

Carlos Vieira insere a trajetória de Pires de Almeida no espaço destinado aos autores sociais, alguns deles sem formação em medicina, caso diferente do de Almeida. Segundo Vieira, a vida e experiências do médico direcionaram seu trabalho para um campo em que as manifestações literárias, jornalísticas e científicas estiveram em uma esfera de distinção entre ética, ciência e responsabilidade científica. Essas práticas não

¹¹⁶ Ibidem, 2015, p. 167.

¹¹⁷ Ibidem, 2015, p. 167.

são passíveis de serem percebidas separadamente no plano histórico. “[...] Por essa razão, essa tensão entre vocações conflitantes perpassa toda a narrativa de Pires de Almeida, com oscilações entre juízos de valor apoiados em crenças religiosas e morais.”¹¹⁸

A atuação de Pires de Almeida nas esferas do trabalho e do estudo atravessou diversos campos. O médico estudou direito por três anos, por exemplo, antes de concluir a faculdade de medicina.¹¹⁹ Em seus primeiros anos como médico, Almeida foi nomeado para cargos públicos, tornando-se comissário vacinador da Freguesia de Inhaúma e Irajá em 1881.¹²⁰ No mesmo ano, iniciou os trabalhos como delegado da Junta central de Higiene Pública, instituição responsável por fiscalizar os espaços urbanos afim de controlar e combater os processos de proliferação de doenças.¹²¹

Além desses cargos voltados para a esfera pública, Pires de Almeida iniciou seu contato com a historiografia na metade do século XIX.¹²² Em sua pesquisa a respeito de uma das teses escritas por Pires de Almeida, Aline França nos oferece a trajetória que contempla essa fase do médico. De acordo com a autora, antes de iniciar sua escrita focada no comportamento das mulheres e da higiene moral, o médico trabalhou em um cargo público como arquivistas da Secretaria da Câmara Municipal, onde permaneceu por 30 anos. A partir dessa experiência, Almeida publicou algumas matérias de cunho histórico entre elas: “D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Histórico”¹²³ e “D. Pedro I, fundador do Império do Brazil, elogio histórico”.¹²⁴

De acordo com França, a sua formação específica em medicina não limitou, portanto, o espaço de atuação de Pires de Almeida. O médico não restringiu seus estudos e sua escrita apenas ao campo científico e acadêmico, tendo, por exemplo, escrito sobre o comportamento feminino para periódicos leigos. Para a autora, “É essa capacidade de Pires de Almeida de conseguir traduzir o conhecimento científico para distintos públicos que faz dele um intelectual mediador e um vulgarizador das ciências.”¹²⁵

¹¹⁸ Idem, p. 167.

¹¹⁹ FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019. p. 1.

¹²⁰ Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 11/03/1881. 00069. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=Jos%C3%A9%20Ricardo%20Pires%20de%20Almeida&pagfis=1762.

¹²¹ Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 16/03/1881. 00102. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=Jos%C3%A9%20Ricardo%20Pires%20de%20Almeida&pagfis=1960

¹²² FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019. p. 1.

¹²³ Ibidem, 2019, p.1.

¹²⁴ Ibidem, 2019, p.1.

¹²⁵ Ibidem, 2019. P.2.

Pensando nos campos de atuação de Pires de Almeida, é possível notarmos como o médico utilizava de suas experiências e vivências nos diversos ambientes de trabalho para escrever a respeito dos temas que lhe pareciam interessantes ou socialmente relevantes. Suas teses, livros, peças e artigos são resultado de um profissional que percorreu um campo de saber onde se articulavam diversas áreas de conhecimento. Pensando sobre seus escritos, podemos estabelecer alguns paralelos, seguindo as sugestões de Carlo Ginzburg, ao aproximar História e Antropologia e ao afirmar que os historiadores se utilizam de ferramentas e métodos oriundos da antropologia, especialmente no que concerne às observações etnográficas.

Por dessa perspectiva, podemos analisar os métodos usados por Pires de Almeida nas suas obras relacionadas à saúde e higiene moral. Ginzburg aponta “uma analogia entre inquisidores e antropólogos, assim como historiadores” a partir do momento em que começa a revelar as suas ambíguas implicações. Em ambos os ofícios existem maneiras similares de análise dos fatos e dos textos.¹²⁶ Almeida apresenta um tipo de escrita no qual podemos visualizar esse interesse pela prática, pela vivência, pela etnografia do cotidiano. Seja como arquivista, como inspetor ou como comissário vacinador, as observações que fazia forneceram material para reflexões e julgamentos que transcenderiam essas funções mais restritas e ajudariam a conformar suas ideias e escritos como higienista.

Utilizando essa perspectiva de atuação do trabalho do médico como antropólogo, temos nessa área uma atividade crucial na elaboração de uma escrita que aponta o resultado das pesquisas de campo, como era o caso de Pires Almeida. O médico foi para o meio social lidar diretamente com a sociedade, por exemplo, com as mulheres, e acaba por realizar uma espécie de registro etnográfico.

Não apenas a maneira de narrar os assuntos na imprensa carioca, mas em sua obra “Pires de Almeida era visto como um importante intelectual de seu tempo, nacionalista entusiasta e conservador, de orientação monarquista [...]”¹²⁷ Almeida usa sua experiência em trabalho de campo para a construção desse discurso que defende a mudanças do comportamento moral na cidade.

¹²⁶ Ibidem, 1991, p. 12.

¹²⁷ ANTUNES, José Leopoldo. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 169.

Em pesquisa sobre pensamento médico e comportamento no Brasil do século XIX, José Antunes aprofunda seu trabalho relacionando sexualidade e pensamento médico recorrente no período. Antunes apresenta de maneira sucinta a fonte primária que utilizamos nessa pesquisa. Com o intuito de inserir o trabalho de Almeida em seus estudos sobre pensamento médico, o autor aponta a fonte escrita por Almeida como um dos meios de estudarmos como um higienista abordava as práticas consideradas desviantes e imorais.

José Antunes afirma que essas denominações, como mitos e características comportamentais, foram definidas pelo próprio Pires de Almeida ao defender padrões sociais e morais, difundidos através da sua opinião, algo comum ao período em que os médicos começaram a ter um espaço para difundir seu discurso de maneira mais incisiva. Com intuito de aproximar os leitores dos trabalhos escritos por um médico, Pires de Almeida utilizava uma “linguagem sensual e contava sem reservas as fantasias e os detalhes imaginosos, fascinando a atenção dos leitores.”¹²⁸ Antunes nos mostra como foi criado o texto de Almeida e suas intenções prévias:

Pires de Almeida projetou seu tema em um texto atraente, que renova o interesse a cada página e obriga a atenção na leitura. Para esse fim, foi inclusive favorecido pelo esquema de publicação intermitente, que facilitava o acompanhamento dos leitores.¹²⁹

Uma tática para a aproximação desse leitor que estava fora da academia de medicina, foi a formulação dessa escrita atrativa. Ao oferecer seu livro para toda pessoa que tenha interesse sobre o assunto, Almeida insere dentro de cada página uma escrita que chama atenção o comportamento libertino. José Antunes salienta que “o doutor Pires de Almeida reconheceu esses atrativos e soube explorá-los do ponto de vista literário, para sua finalidade de fazer ouvir com atenção uma lição de moral.”¹³⁰ O resultado dessa leitura era nutrir uma tensão propositalmente criada pelo médico, a qual fazia parte das técnicas dos higienistas para intervenção na sociedade. O conceito de desejo abordado no livro aproxima esse leitor, um candidato a prática de vários atos libertinos.¹³¹

Ao apresentar o trabalho de Pires de Almeida, José Antunes aponta que:

¹²⁸ Ibidem, 1999, p.170.

¹²⁹ Ibidem, 1999, p.169.

¹³⁰ Ibidem, 1999, p.170.

¹³¹ Ibidem, 1999, p.170.

[...] o livro do doutor José Ricardo Pires de Almeida, A libertinagem no Rio de Janeiro perante a história, os costumes e a moral. A obra, que ele postulava de "medicina moral e filosófica", viera a público em 1902, um trecho a cada semana ou quinzena, no periódico fluminense *Brasil-Médico* [...]¹³²

Como vimos, ao tratar as formas de imoralidade existentes nas práticas sexuais da época, Pires de Almeida utilizou o termo “libertinagem”, que compreendia uma gama de comportamentos considerados desviantes. O uso da terminologia foi muito bem escolhido, pois engloba em um único substantivo, o indivíduo libertino aquele que exercia “relações homossexuais entre homens e entre mulheres, a masturbação e as demais atividades libidinosas consideradas contrárias à natureza.”¹³³ Vemos a escrita de Almeida pautada em assuntos que envolvem o leitor, aproximando-os da sua narrativa:

O médico moralista se permitia perder em digressões picantes, usava linguagem sensual e contava sem reservas as fantasias e os detalhes imaginosos, fascinando a atenção dos leitores.¹³⁴

Pires de Almeida publicou em 1889 um trecho que exemplifica o que estamos analisando neste trabalho. Fazendo uso de preceitos morais, o médico utiliza sua participação na coluna do periódico *O Brazil-Médico* para difundir a medicalização moral. A respeito das mulheres lésbicas, objeto de análise a ser aprofundamento ao longo capítulo seguinte, Almeida aponta que:

Como nas bestas ferozes a luxúria indomável é o sentimento predominante nessa **Lesbia** terrível, que, nos seus ímpetos de concupiscência, só serve do raciocínio para duetilisar melhor a sua ganancia carnal.¹³⁵

¹³² Vê-se nesse fragmento a relação presente entre o trabalho de José Ricardo Pires de Almeida e o periódico *O Brazil-Médico*. Onde segundo José Antunes, foram publicados inicialmente os primeiros textos que trataram de medicina moral escritos pelo médico. Ler mais em: ANTUNES, José Leopoldo. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 169.

¹³³ ANTUNES, José Leopoldo. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 168.

¹³⁴ *Ibidem*, 1999. p. 170.

¹³⁵ ALMEIDA, P. A libertinagem no Rio de Janeiro perante a história, os costumes, a moral. *O Brazil-*

A escrita do médico Pires de Almeida participava de uma tentativa de construção e modificação do pensamento social durante a Primeira República. Segundo o fragmento retirado da coluna escrita pelo médico, vê-se que a medicina moral aplicada pelo médico a partir da disseminação da informação inserida nos jornais, nos demonstra como era possível que a profissão de médico durante o início do século XX, especificamente no Rio de Janeiro, fosse capaz de difundir ideias baseadas em ideologias, crenças e no olhar construído pelos médicos para um determinado comportamento.

Para aprofundar esse debate vale pensarmos a escrita de Pires de Almeida no que diz respeito aos estudos sobre as mulheres, suas práticas comportamentais e sua moralidade. O trabalho de Aline França nos aponta que a razão existente para Almeida oferecer a escrita de uma obra voltada para mulheres dava-se a partir da concepção do que era necessário socialmente, ainda mais para o médico do que outros profissionais. Isto é, desvendar o corpo feminino, suas doenças, suas mudanças.¹³⁶

Seguindo a abordagem de José Antunes, Aline França salienta que o uso dessa escrita originalmente feita pelos e para os médicos começa a ser vista não apenas no trabalho de Pires de Almeida. Esse projeto estava em um “contexto de vulgarização das ciências no século XIX”, no qual estabelecer um modelo de comunicação com outros públicos fazia parte desse projeto de moralidade higienista.¹³⁷ Sendo assim, as obras do médico poderiam estar em lugar de amplo acesso, onde normalmente não estariam por se tratar de um material criado para um público específico. Dessa forma, ocorre a “legitimação do conhecimento científico perante um público de não médicos.”¹³⁸

Para além desses conceitos baseados em alguns julgamentos individuais, encontramos na escrita de Pires de Almeida também a questão do corpo. Como visto anteriormente, o médico, ao realizar um trabalho que oferecia contato direto com a população, começa a escrever a respeito desses indivíduos, por exemplo, sobre os corpos femininos. Para o filósofo Michel Foucault, esse controle social sobre os indivíduos, que no caso brasileiro ocorre direcionado para a difusão da moralidade, não é operado apenas por questões ideológicas. Foucault afirma que “o corpo é uma realidade bio-política. A

Medico, Rio de Janeiro, ano 16, n.41, p.407- 446. 1902.

¹³⁶ FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019. p. 6.

¹³⁷ Conceito utilizado para abordar esse projeto criado para oferecer um estudo clínico que fosse lido pela população leiga. Ver mais em: FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019. p. 6.

¹³⁸ *Ibidem*, 2019, p. 6.

medicina é uma estratégia bio-política.”¹³⁹ Utilizar conceitos e estudos biológicos são necessários para analisar posturas acerca de comportamentos que a política do Estado quer implantar no meio social. Ainda mais quando tais comportamentos não se adéquam aos ideias dessa sociedade, como por exemplo, a homossexualidade estudada por Pires de Almeida. O autor recorre a análise desse fenômeno para defender um ideal de comportamento que não é exercido por esse grupo, pois o indivíduo enquadrado no conceito de desajustado é o alvo do trabalho do médico, são suas práticas que devem ser combatidas.

Essa atitude é nomeada por Foucault como “vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo”.¹⁴⁰ Segundo o Foucault, o poder que o médico exerce é dado por meio da vigilância em torno dos comportamentos. Logo, essa vigilância passa a ser um elemento pertinente para a prática de Pires de Almeida. Uma vez que o higienista escreve com intenções de atuar para além do espaço clínico, o objetivo do médico é falar com o público em geral, principalmente aquele que ele considera libertino e imoral, os principais indivíduos abordados por ele.

Aprofundando esse debate, Foucault coloca em evidência especificamente as instituições médicas e políticas, que seriam as principais disseminadoras desse projeto de moralidade criado no século XIX. Projeto este que também encontramos no Brasil e na escrita da Pires de Almeida. Foucault afirma que:

O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto... Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua.¹⁴¹

2.1- *O Brazil-Medico*: a imprensa como aliada do discurso higienista de Pires de Almeida.

Ao darmos continuidade ao estudo do trabalho do médico higienista José Ricardo Pires de Almeida, vemos como a imprensa foi uma aliada para a disseminação de seus

¹³⁹ Ibidem, 2019, p.80.

¹⁴⁰ Ibidem, 2019, p. 107.

¹⁴¹ Ibidem, 1999, p.146.

ideais higienistas e morais. Não é possível realizar uma discussão acerca das atividades médicas de Almeida sem abordarmos o trabalho dele na revista *O Brasil-Medico*.

O Brazil-Medico foi um desses instrumentos para alcançar setores da população urbana letrada. Escrita e dirigida por médicos, o periódico falava diretamente com o público leigo, além dos médicos que já acompanhavam as edições. “Revista semanal vinculada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicada sempre aos sábados, *O Brazil-Medico* ficou conhecido por sua extrema regularidade e estabilidade, pois manteve-se ativa por 50 anos e permaneceu com um público assinante regular. A produção também não teve nenhuma queda, oferecendo aos leitores edições regulares, a qual se manteve inalterada por mais de duas décadas.”¹⁴²

A revista é utilizada nessa pesquisa para observarmos como a atuação médica funcionava em um veículo de informação como os periódicos.¹⁴³ Os responsáveis pela revista foram denominados por Lilia Schwarcz como ‘operários da arte de curar’. Pires de Almeida, como redator e escritor das colunas de saúde pública, estava vinculado às estratégias intervencionistas dos higienistas relacionadas ao pensamento e comportamento social almejado a época para a sociedade. Em uma de suas publicações, o médico oferece aos leitores a seguinte notícia acerca dos comportamentos imorais femininos praticados por uma mulher lésbica, que foi detida e classificada por Almeida como praticante do erotismo feminino:

Ao encerrar este artigo fui avisado de que um curioso caso de erotismo feminino acabava de dar-se nesta cidade, e que tanto a fera, como a sua incauta vítima, se achavam na Polícia, aguardando depoimento e exame.¹⁴⁴

Lilia Schwarcz insere a escrita desse jornal dentro da esfera da necessidade de transformação social, ela afirma que “sanear era preciso” e esse objetivo poderia ser realizado a partir das publicações do *Brazil-Medico*.¹⁴⁵ Como se vê na citação, o médico

¹⁴² SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.160.

¹⁴³ Esse conceito é utilizado pela autora por se tratar de uma estratégia do trabalho da imprensa em oferecer exemplares de maneira regular e contínua, onde o leitor era instruído a seguir padrões e comportamentos que o levavam a cura física e moral. Ver mais em: SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁴⁴ *O Brazil-Medico*, 1902, p.439.

¹⁴⁵ Este conceito defendido por Schwarcz é usado a partir do intuito político do período. As doenças e condições insalubres das casas e espaços públicos eram de fato um mal a ser combatido. No entanto, o comportamento social passou a ser visto como um problema sanitário, uma questão de higiene moral, defendida por essa revista e pelo médico José Ricardo Pires de Almeida. Ver mais em: SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo:

Pires de Almeida, escreve na revista de maneira a classificar as atitudes de uma mulher a partir do seu relacionamento sexual.¹⁴⁶

O saneamento moral é um conceito que necessita de explicação, afinal a ideia de sanear está vinculada a práticas de higiene, limpeza e saúde da população e dos espaços urbanos. No entanto, ao inserir os preceitos morais nesse conjunto de práticas, Lilia Schwarcz aponta as estratégias pertencentes ao conteúdo da revista *O Brazil-Medico*. Eram inúmeros os alvos do periódico, mas o espaço familiar fazia parte desse público a ser alcançado. Segundo a autora “os hábitos deveriam ser moralizados, orientando-se os costumes alimentares e higiênicos, controlando-se o desvio e evitando-se a “degeneração”.”.¹⁴⁷ Essas imoralidades estavam inseridas no conceito de “perversão sexual”, era necessário disciplinar com práticas intervencionistas, como o caso de detenção apontado por Pires de Almeida.

Segundo Lilia Schwarcz, foi frente a este cenário que se redefiniu a atuação dos médicos. Essa redefinição fez emergir a figura do “médico missionário”, um especialista em curar e intervir no corpo e mentalidade humana.¹⁴⁸ Ao exercer este ofício, o médico passava a intervir na sociedade baseado no olhar clínico que recaia sobre o suposto criminoso, como no caso da mulher mencionada acima e não para o crime em si.¹⁴⁹ Esses novos métodos vinculados ao profissional da medicina possibilita pensarmos quais eram os seus espaços de atuação, seus focos de análise e o público que pretendia atender.¹⁵⁰

Seguindo essa forma de atuação médica, temos os jornais médicos com uma variedade considerável de conteúdos publicados. Esses jornais, de modo geral, não tiveram um tempo de circulação duradouro, mas as revistas médicas são exemplos caracterizados pela grande difusão e longa duração, como foi o caso do *Brazil Medico*.¹⁵¹ Este relevante número de exemplares que circularam no país nos aponta para uma boa recepção dos conteúdos publicados pela revista, uma vez que seu material ficou por várias décadas circulando.¹⁵²

Companhia das Letras, 1993.

¹⁴⁶ Ao longo da escrita o médico exemplifica os problemas relacionados a essas práticas denominadas por ele como erotismo feminino, a qual desqualifica a relação vivenciada pela mulher envolvida no acontecimento. Ver mais em: *O Brazil-Medico*, 1902, p.439.

¹⁴⁷ SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 166.

¹⁴⁸ Ibidem, 1993, P. 146.

¹⁴⁹ Ibidem 1993, p. 146.

¹⁵⁰ Ibidem, 1993, p. 146.

¹⁵¹ Ibidem, 1993, p. 146.

¹⁵² Segundo SCHWARCZ o “*Brazil Medico* ficou conhecido por sua extrema regularidade e estabilidade. Estabilidade financeira, garantida pelas assinaturas e propagandas de produtos farmacêuticos; estabilidade

A imagem que era representada pelo *O Brazil-Medico* vinculava a ideia de imparcialidade e distância, mantendo um afastamento dos jornais que seriam “movidos pelas paixões políticas”.¹⁵³ A revista mantinha suas notícias focadas em temáticas médicas, mantendo distância de manchetes como as relativas à abolição da escravidão e ou à proclamação da República. O objetivo era manter uma produção que focasse na medicina e estivessem à altura de outras revistas das chamadas “nações evoluídas”, como por exemplo, a França.¹⁵⁴ Diante dessa concentração em escrever uma revista tão específica, e dessa maneira direcionada a um público formado por médico e profissionais da saúde, Schwartz aponta para um nível de interesse focado na sociedade brasileira e analisando seus principais problemas.

Até o final do século XIX, *O Brazil-Medico* era destinada para os médicos e estudiosos da medicina. Foi a partir dos anos iniciais do século XX que a revista começa a ter uma estrutura voltada para um público maior. Tal reestruturação ocorreu devido a necessidade de informar a população acerca das doenças recém-chegadas ao país, a varíola e febre amarela passaram a ser notícia na imprensa. Junto com as matérias sobre as doenças, Schwarcz menciona que as recomendações acerca das doenças e referentes aos comportamentos higiênicos começam a fazer parte da revista, como foi o caso da coluna sobre higiene pública.¹⁵⁵

Assim, a peculiaridade das feições, o clima, a raça, a natureza ou mesmo o “grau de civilização” seriam todos elementos potencialmente interessantes para a descoberta de uma ciência brasileira original.¹⁵⁶

“Operários na arte de curar”, como mencionado anteriormente, era a função idealizada para *O Brazil-Medico* em 1903. Cumprindo com o ideal proposto pela revista, o Doutor Azevedo Sodré, foi o redator, comentador, crítico e tradutor.¹⁵⁷ Por 25 anos ele manteve essas funções e afirmava que o trabalho do período “tratava-se de uma medicina,

na produção, já que em cinquenta anos de vida jamais deixou de sair do prelo um número sequer; estabilidade na equipe de redação, que durante 25 anos manteve-se inalterada.” Ver mais em: SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁵³ Ibidem, 1993, p. 147.

¹⁵⁴ Ibidem, 1993, p.147.

¹⁵⁵ Ibidem, 1993, p. 169.

¹⁵⁶ Ibidem, 1993, p. 147.

¹⁵⁷ Ibidem, 1993, p. 161.

ou melhor uma arte de curar que não poderia furtar-se à influência dominadora e modificadora do meio e da herança. Cada país possui a sua pathologia”.¹⁵⁸

Seguindo essas intenções de Sodré, é possível encontrar essa patologia por ele mencionada, na coluna de saúde pública de Pires de Almeida. Observar a doença no comportamento e não em vírus ou infecções era uma tarefa que não necessita de exames laboratoriais, por exemplo, tratando-se da leitura dessa coluna, onde a doença moral é vista através dos atos humanos. Almeida possuía um papel importante na revista, *o Brasil Médico* funcionava como veículo da atuação higienista, direcionando o leitor para um olhar condenatório para as práticas sociais consideradas libertinas e insalubres.

Pensando na escrita de Pires de Almeida na revista, Aline França nos aponta uma análise a respeito dessa função exercida pelo médico ao longo de muitos anos. Segundo França, a formação em medicina não limitava a sua escrita, uma vez que o médico publicou obras de diversos gêneros, dentre elas “artigos científicos, artigos sobre história do Brasil e folhetins.”¹⁵⁹ A autora chega a classifica-lo como “vulgarizador”, que cumpria o papel de divulgar à população estudos e teorias advindas da área acadêmica da medicina.¹⁶⁰ Essa trajetória na escrita e formação do pensamento social advinda das funções de Almeida são vistas pela autora como o “intuito de informar/formar diferentes públicos.”¹⁶¹

Enxergando o médico Pires de Almeida como um “vulgarizador das ciências”, a utilização do periódico *O Brasil-Médico* era um dos meios de realizar esse processo informativo, tanto para o público leitor da classe médica, quanto para a burguesia carioca que consumia a revista. Realizando o trabalho na redação e na escrita da coluna de higiene pública da revista, Almeida teve a possibilidade de inserir ali seus conhecimentos clínicos com a finalidade de informar e disseminar sua ideologia higienista e moral.¹⁶²

O trabalho da imprensa juntamente com os médicos durante a Primeira República nos evidencia não só a necessidade de compartilhamento de informação, mas nos aponta

¹⁵⁸ Ibidem, 1993, p. 161.

¹⁵⁹ FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019. p.1.

¹⁶⁰ O conceito de “vulgarizador” é empregado de forma detalhada ao longo do trabalho de Aline França. Onde a autora relaciona esse papel informativo ao médico higienista. Ver mais em: FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019.

¹⁶¹ Ibidem, 2002. p.5.

¹⁶² No site da hemeroteca digital é possível vermos as publicações escritas pelo médico José Ricardo Pires de Almeida. Essa coluna sobre higiene pública era direcionada para fins de oferecer uma abordagem específica aos leitores que não faziam parte do corpo clínico da medicina. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=081272&pasta=ano%20190&pesq=Pires%20de%20Almeida&pagfis=9058>.

um método utilizado para tentar inserir no cotidiano a disseminação da higiene moral. Maria Fonseca aponta a necessidade de utilizar esses documentos de divulgação, pois segundo ela, uns dos jornais aqui utilizados são “[...] os que compreendem os periódicos especializados em ciências da saúde, os almanaques gerais e almanaques específicos. Exemplo: *Brazil Médico*.” Revista utilizada como divulgação médica.¹⁶³

Considerando a importância de se trabalhar com “[...] a concepção mais ampla de documentos, ou seja, aqueles que, em seus vários tipos e origens, fornecem os subsídios necessários para a reconstrução da história destas ciências, ou seja, de seus elementos constitutivos, seus atores, seus espaços institucionais e seus espaços de representação”.¹⁶⁴ Um desses documentos é o periódico *O Brazil-Medico*, utilizado aqui para possibilitar analisarmos um dos mecanismos utilizados pela medicina higienista para disseminar informações. Nesse comentário Maria Fonseca aponta que:

Partindo, então, da abordagem metodológica das fontes para a história das ciências da saúde, preconizada neste trabalho, ampliamos o quadro de fontes, e por conseguinte, de centros de pesquisa, incluindo outros subsídios fundamentais para a investigação histórica neste campo de conhecimento. Nesse sentido propomos trabalhar com a concepção mais ampla de documentos, ou seja, aqueles que, em seus vários tipos e origens, fornecem os subsídios necessários para a reconstrução da história destas ciências, ou seja, de seus elementos constitutivos, seus atores, seus espaços institucionais e seus espaços de representação.¹⁶⁵

Pensando no público para o qual o jornal estava interessado em levar as notícias sobre ordem moral, higienização e reconhecimento médico, podemos citar o trabalho de Tania de Luca que caracterizou o público dessas publicações como sendo “O leitor urbano pertencente às camadas médias – pequenos comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, atores ausentes no cenário dominado pelas oligarquias.”¹⁶⁶ Por

¹⁶³ Ibidem, 2002. p. 280.

¹⁶⁴ FONSECA, M. R. G. F. *Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930)*. História, Ciência e Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. IX, n. Suplemento, p. 275-288, 2002. p.277.

¹⁶⁵ Ibidem, 2002. p. 277

¹⁶⁶ LUCA, T. R. de . A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 149-

menor que fossem os números de leitores dos jornais comparados a quantidade efetiva de participantes no crescimento populacional do estado, é justamente a essa minoria que se pretende atingir. Seguindo o debate realizado ao longo do capítulo, pode-se ver que essas camadas médias mencionadas por De Luca também faziam parte do público-alvo do Estado ao tratarmos das políticas de disseminação da medicina moral, como é o caso do *Brazil-Medico* e a coluna de Medicina Pública da revista.

Utilizamos o periódico *O Brasil-Medico* devido a sua coluna sobre medicina pública escrita pelo médico higienista Pires de Almeida. A qual possui fragmentos de partes da obra que será lançada futuramente por ele. Dessa maneira, conhecemos como a abordagem da revista era construída através da escrita médica e o conteúdo ali inserido. Ele também nos evidencia que além publicar as informações, foi muito eficiente em demandar a circulação de informações, principalmente a partir do advento da republica, uma vez que aumentou o crescimento urbano, viagens entre os estados, como Rio de Janeiro e São Paulo.¹⁶⁷ O jornal auxiliou na difusão da notícias sobre higiene moral, o que, por conseguinte, favoreceu na tentativa de inserção dessas práticas moralizadoras, como por exemplo, a educação das crianças no intuito de fomentar a construção de um imaginário voltado para a necessidade de casamento e filhos, ou seja, a heterossexualidade e a maternidade.

A pesquisa de Luiz Ferreira nos auxilia a alcançar um dos objetivos nesse capítulo, analisar a atuação da imprensa como aliada no discurso higienista no Rio de Janeiro. Ao estudarmos a trajetória de Pires de Almeida e seu trabalho como médico higienista, observamos alguns elementos que tornam esses periódicos como os principais divulgadores de medicina para a sociedade. De acordo com Ferreira:

[...] os periódicos são expressão da interdependência entre a ciência e outras esferas da vida social. O exercício dessa função é fundamental como estratégia de legitimação social, pois a ciência, como qualquer outra atividade social, também precisa conquistar uma audiência ampla.
[...]¹⁶⁸

175. p. 14.

¹⁶⁷ Ibidem, 2008, p. 1.

¹⁶⁸ Ferreira, L. O.: 'Os periódicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43)'. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, VI (2): 331-51, jul.-out. 1999. p.333.

Além de alcançar espaço social e leitores, o trabalho do Pires de Almeida também tinha a função de alertar, informar e educar o público. Para Luiz Ferreira, essa intenção ocorria de maneira frequente, com um material que visava essa relação entre os periódicos e o leitor leigo.¹⁶⁹ O material pautado nos assuntos a respeito da higiene era um dos meios utilizados para “falar à sociedade”.¹⁷⁰ De acordo com Luiz Ferreira, “falar à sociedade” em meados do século XIX do período Colonial no Rio de Janeiro, era uma prática exercida pelos editores e escritores das colunas desses periódicos que abordavam assuntos científicos e de saúde. Como mencionado anteriormente, Pires de Almeida trabalhou durante muitos anos nesses cargos dentro dos jornais, inclusive como editor da coluna sobre saúde pública da Revista *O Brazil-Medico*. Era além de um material útil para a formação do pensamento higienista moral defendido por Pires de Almeida, uma maneira encontrada por esses periódicos de levar informações científica e de saúde para o exterior da academia de medicina e das clínicas médicas.

Em 1902, Pires de Almeida se dirigiu ao público com uma coluna na revista. Com a denominação permanente de “Medicina Pública: A libertinagem no Rio de Janeiro perante a história, os costumes e a moral”, o médico comentava sobre diversos acontecimentos no cotidiano da cidade. As colunas eram escritas apenas com palavras, sem o uso de imagens, sem gráficos ou sem figuras.

¹⁶⁹ Ibidem, 1999, p.333.

¹⁷⁰ Ferreira, L. O.: ‘Os periódicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43)’. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, VI (2): 331-51, jul.-out. 1999. p.333.

Figura 2- Sumário de *O Brazil-Medico*

Anno XVI Num. 5 1 de Fevereiro de 1902

BRAZIL-MEDICO

REVISTA SEMANAL DE MEDICINA E CIRURGIA

SUMMARIO

UROLOGIA : — *O exame das urinas pela cryoscopia*, pelo Dr. Léon Blottière.

CLINICA CIRURGICA : — *Ferimento do cerebro*, pelo Dr. J. Ribeiro Couto.

MEDICINA PUBLICA : — *A libertinagem no Rio de Janeiro perante a historia, os costumes e a moral (continuação)*, pelo Dr. Pires de Almeida.

CORRESPONDENCIA : — *O despotismo sanitario perante a medicina*, pelo Dr. Joaquim Bagueira Leal.

MEDICINA PRACTICA : — *Tratamento das hemorragias nas molestias infectuosas (Journal des Praticiens)*.

BIBLIOGRAPHIA : — *Cirurgia do coração*, these inaugural do Dr. Alfredo José Cardoso ; *Estudo semeiotico da vertigem como syndroma*, these inaugural do Dr. Von Doellinger da Graça ; *Indicações nos vicios de conformação da bacia*, these inaugural do Dr. Eugenio Masson da Fonseca ; *Da extracção da cataracta simples sem iridectomia e suas vantagens*, these inaugural do Dr. Moura Brazil Filho, — por I. R.

letra grega Δ , póde nos informar por comparação sobre o numero de moleculas dissolvidas.

E' assim que uma solução, que congelará a $1^{\circ}.5$, conterá duas vezes mais moleculas do que uma solução congelando a $0^{\circ}.75$. Graças a essas pesquisas, RAOULT póde estabelecer a formula seguinte :

$$M = K \frac{P}{C}$$

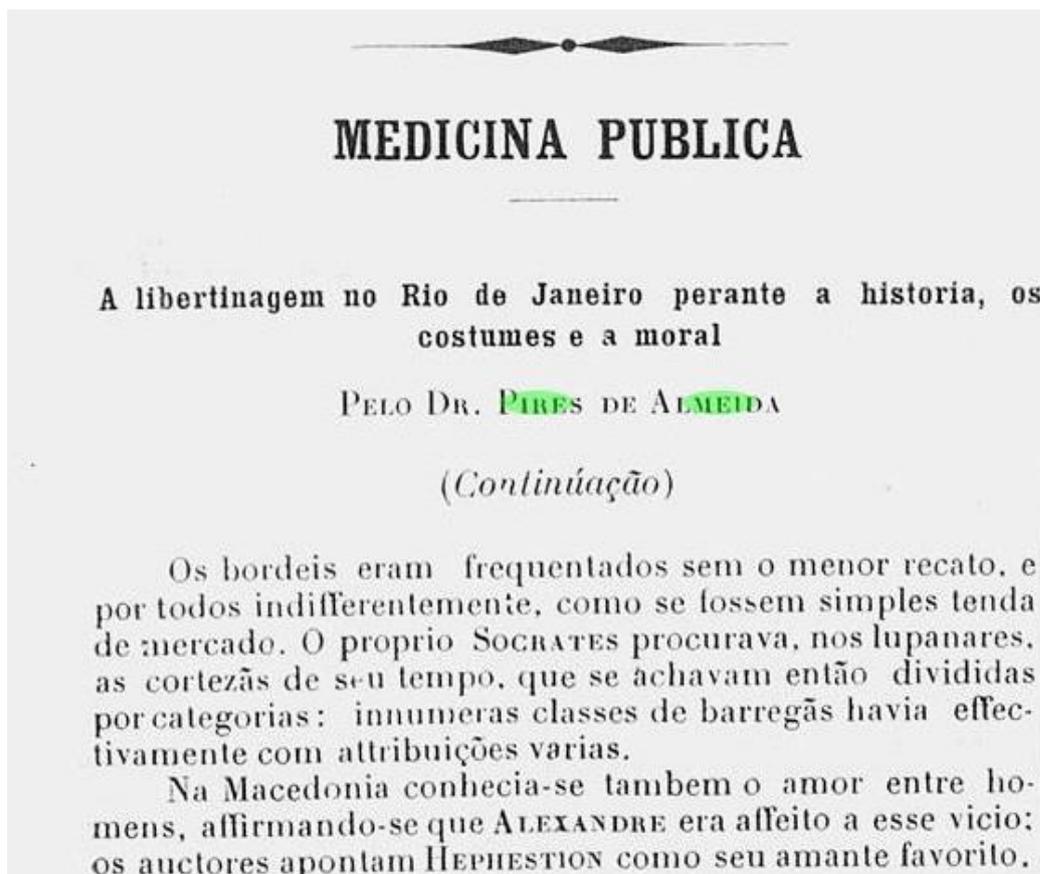
que permite avaliar o peso molecular — M — sendo — P — o peso da substancia contida nas 100 grammas de solução, — C — o abaixamento observado e — K — um algarismo constante variavel para cada dissolvente.

Na especie qua nos occupa, o valor de K é de 18.0, que é o da agua—unico dissolvente encontrado. O algarismo indicando o ponto de congelação está intimamente ligado á força designada por VAN T'HOFF

Fonte: *O Brazil-Medico*, 1902.¹⁷¹

¹⁷¹ Disponível em: *O BRAZIL-MEDICO*: Rio de Janeiro: 01 Fev. 1902.

Figura 3- Coluna de Medicina Publica



Fonte: O Brazil-Medico, 1902.¹⁷²

Mesmo com uma coluna específica sobre medicina pública, Pires de Almeida participava de uma problemática a respeito dessas práticas de escrita na imprensa. Luiz Ferreira aponta ter havido “O problema da legitimidade social da medicina no Brasil durante o Século XIX ainda é assunto controvertido entre os estudiosos da questão [...]”¹⁷³ Segundo o autor, a medicina social, ou higienista, fazia parte do processo de “medicalização da sociedade” abordado anteriormente. Todo esse projeto que discutimos estava inserido nas colunas dos jornais e revistas. Esse material era utilizado por esses médicos para alcançar as populações urbanas, com a iniciativa de transformar os hábitos e atitudes consideradas insalubres, imorais e libertinas. Esse processo de introdução do pensamento higienista, aponta Ferreira, estava adaptado “[...] às necessidades da ordem burguesa em construção.”¹⁷⁴

¹⁷² Disponível em: O BRAZIL-MEDICO: Rio de Janeiro: 01 Fev. 1902.

¹⁷³ Ibidem, 1999, p.346.

¹⁷⁴ Ibidem, 1999, p.346.

2.2- Um médico intervencionista da moral feminina

Pires de Almeida foi um médico cujo trabalho pode ser observado em diversas esferas, dentre elas a da higiene moral, como mencionado acima. Dentro desse espaço de intervenção médica onde Almeida atuava, compreender a sua escrita a respeito dos comportamentos femininos demanda um aprofundamento sobre o que significavam esses conceitos na prática para o médico. A feminilidade era atrelada à heterossexualidade, à maternidade e à castidade. Aline França realizou uma pesquisa em uma das teses produzidas por Almeida, na qual o médico escreveu um guia direcionado à mulher grávida. De acordo com a autora, o higienista defendia que “[...]somente o médico era capaz de expor, de forma clara, todas as alterações que pudessem ocorrer no corpo feminino.¹⁷⁵

Considerando o fato de terem sido homens os responsáveis pelos estudos médicos dentro da academia de medicina assim que ela foi institucionalizada no Rio de Janeiro, essa prática recaía sobre seu ofício. No entanto, a defesa do estudo do corpo feminino pelos médicos, todos homens, passava pela premissa de serem aqueles considerados mais capazes para tal atividade.¹⁷⁶ França aponta que “esse pensamento também está relacionado à própria imagem que, na época, alguns médicos possuíam a respeito da mulher.¹⁷⁷

No caso da gravidez, por exemplo, irá acontecer uma luta contra as parteiras e seu ofício. Foi preciso tempo para que os médicos se firmassem nesse espaço de atuação. O trabalho dos curandeiros, parteiros e outros trabalhadores que se dedicavam a cura por meios não clínicos ainda era muito presente na cidade. Segundo Anayansi Brenes, a relação das mulheres com as parteiras era muito sólida e os médicos precisaram pensar em estratégias para ocupar um lugar nos cuidados com as gestantes.

[...] houve todo um esforço por parte da corporação médica em construir uma imagem do médico que inspirasse confiança na população. Porém, isto ainda foi pouco para conseguir levar as

¹⁷⁵FRANÇA, Aline. *Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX*. 2019. p.6.

¹⁷⁶ Ibidem, 2019, p.7.

¹⁷⁷ Ibidem, 2019, p.7.

mulheres à presença do obstetra e muito menos, ainda, para convencê-las e se abrirem para eles.¹⁷⁸

Diante desta disputa em torno do saber sobre o corpo feminino, surgiu um discurso pautado no “jogo” com a população feminina. Os médicos passaram a reforçar adjetivos para vincular a figura feminina, como “o mito do amor materno”, a “mãe dedicada”, “boa esposa”, “a rainha do lar”.¹⁷⁹ Por outro lado, a histeria começou a fazer parte do vocabulário desses médicos e seu diagnóstico foi inserido nos espaços familiares através desse trabalho com a maternidade. Brenes aponta haver “as histéricas, as mundanas e toda uma série de tipos femininos que ocupariam a literatura médica e o imaginário social do século XIX.”¹⁸⁰ Com um discurso que trazia informações genéricas a respeito do corpo e comportamento femininos, os médicos começaram a utilizar da observação que lhe garantia o rigor científico e a posse da verdade.¹⁸¹

Temos essa representação de competência masculina no que diz respeito aos estudos e à medicalização do corpo feminino associada às relações de poder mencionadas no trabalho de Michel Foucault. Considerando o nosso objeto de análise como o médico higienista - principalmente da higiene moral – conseguimos associar tal trabalho a uma possibilidade de análise que dê conta de nos responder como se baseia a relação entre médico e indivíduo. De acordo com Foucault:

O poder, de modo geral, eu diria que é o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais de poder, são apenas seus limites, as formas frutadas ou extremas. As relações de poder são antes de tudo, produtivas.¹⁸²

Observa-se que essas relações produzem conhecimento moral a partir da intervenção médica, para fins de delimitar um padrão comportamental baseado em sociedades diferentes das encontradas no local de atuação desses médicos, como é o caso do higienista moral no Rio de Janeiro. Nesse caso, se exercia o poder de fala através do trabalho designado ao médico, a quem cabia distinguir o que era correto do que era incorreto, comportamentos libertinos e atitudes que corrompessem a moral familiar. No

¹⁷⁸ BRENES, A. C. ; OUTROS, . Historia da parturicao no Brasil século XIX. Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso) , v. VII, p. 9-15, 1991. p.13.

¹⁷⁹ Ibidem,1991. p.13.

¹⁸⁰ Ibidem, 1991, p. 13.

¹⁸¹ Ibidem, 1991, p.13.

¹⁸²FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 236.

entanto, iremos analisar não apenas as práticas de moralidade projetadas para a sociedade, mas evidenciaremos o poder desse profissional ao ser aquele que ditaria as normas, ou ao menos buscaria projetá-las para a sociedade, como era o caso do higienista moral. Dessa maneira, vemos ainda como Michel Foucault explica a noção de relações de poder e como ela se aplica de maneira imperceptível:

Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. Nem a dialética (como lógica de contradição), nem semiótica (como estrutura de comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos.¹⁸³

Foucault, em seu estudo sobre corpo social, articula de forma intensa o conceito de relações de poder e o trabalho do médico. Ele insere o conceito de poder no trabalho do médico. Foucault afirma:

[...] a medicina moderna é uma medicina social que tem por background uma certa tecnologia do corpo social; [...] a medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente.¹⁸⁴

Podemos entender que o autor fala sobre valorização das relações entre o médico e o indivíduo enfermo, seja ele por motivos patológicos, ou como no nosso caso, por razões morais, pois ao tratarmos de higienização da sociedade, de médicos higienista e da ordem moral inserida na República, esta “precisava ser aceita, pois dela dependia a prosperidade das elites e o progresso do Estado.”¹⁸⁵ Dela dependia não só a melhora do paciente, como também o avanço da sociedade na qual o indivíduo tomava parte.

Ainda observando o que diz Foucault acerca da “tecnologia do corpo social” e dando continuidade à análise de Jurandir Freire Costa, pode-se relacionar a noção de corpo social a partir da visão que foi imposta através da religião cristã durante a Primeira

¹⁸³ Ibidem, 1992. p.5.

¹⁸⁴ Ibidem, 1992. p.79.

¹⁸⁵ Esse fragmento foi retirado do trabalho de Jurandir Costa, onde o autor analisa os comportamentos e práticas direcionados as famílias e sociedade carioca durante o período republicano. Foi mencionado nesse momento para que fosse possível relacionar o exemplo de Michel Foucault com a narrativa realizada no período histórico estudado nessa pesquisa. Ler mais em: COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 5ª edição. 2004. p. 35.

República. Segundo o autor, um dos mecanismos adotados pelos médicos, era vincular a moralidade à prática religiosa. O corpo transcendia o individual e era inserido em um espaço social, por meio das imposições morais feitas para que esse indivíduo se adequasse aos padrões. Dessa maneira, fazia do cristão um participante de uma comunidade pautada não somente na fé, mas numa ideologia comportamental. Costa aponta que:

Manipulando a religião, a medicina insinuava-se no espaço moral e lançava as bases para a educação higiênica. Essa hipótese é comprovada pela segunda definição dada ao termo alma. [...] a alma era vista como um fenômeno exterior ao corpo, passível de sofrer o impacto deletério das paixões. [...] A alma pecadora rompia o pacto com Deus e perdia o dom da graça; a alma apaixonada desobedecia à regra médica e perdia a saúde.¹⁸⁶

Sendo assim, vemos mais um exemplo de como era exercida a relação entre o médico e os indivíduos. Não havia no caso aqui estudado um tratamento pautado em exames laboratoriais, ou exames físicos, no entanto, o comportamento observado era fator decisivo para que houvesse um laudo médico vinculado a problemas nas práticas de moralidade. Estas adversidades morais vistas pelo olhar clínico não eram suficientes para mostrar enfermidades patológicas no paciente, no entanto, era prejudicial se este indivíduo fosse inserido no meio social. Os comportamentos considerados desviantes, como a homossexualidade, constituíam um exemplo a não ser seguido e amplamente julgado.

O tratamento oferecido às mulheres também seguia essa relação de poder, onde o médico estava inserido em uma hierarquia social superior a da sociedade. O discurso médico no final do século XIX passou a ter grande influência nos ideais de comportamento feminino. O poder exercido pelo higienista moral, principalmente quando mencionamos o trabalho de Pires de Almeida, é visto como um exercício de atuação diante do corpo social que compunha a sociedade carioca do século XIX. Para Michel Foucault, essa atividade dava-se através da premissa de haver uma imagem construída no intuito de materializar a execução desse poder frente ao corpo.

¹⁸⁶ COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 5ª edição. 2004. p. 60

Eu acho que o grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos.¹⁸⁷

Observando a escrita dos trabalhos de Pires de Almeida, seja por meio da imprensa ou das teses médicas, é possível notar uma ligação entre doenças físicas e morais. As transformações no corpo individual e no corpo social passavam a acontecer por meio da atuação do médico.

O estudo do corpo e comportamento femininos começou a ser um tema muito estudado pelos cientistas no século XIX no Brasil. Ana Paula Martins, demonstra ter havido muito interesse dos cientistas e dos homens estudiosos da época com o intuito de entender a “especificidade feminina.”¹⁸⁸ Outro empenho para realizar esses estudos era a necessidade de formulação dos discursos a respeito “das relações sociais entre homens e mulheres, definindo seus lugares e estabelecendo seus papéis.”¹⁸⁹

Esses estudos se dividiam a partir de cada etapa da vida das mulheres, sendo que a relação entre fisiologia e patologia era um dos assuntos abordados pelos médicos do século XIX.¹⁹⁰ Martins afirma que o “fenômeno” da menstruação foi o principal objeto de estudo para que se chegasse a essa junção entre o natural e a moléstia feminina.¹⁹¹ O período menstrual foi útil para que toda a concepção de uma doença especificamente feminina fosse abordada pela ciência oitocentista. Mesmo pertencente ao espaço da fisiologia feminina, Martins menciona haver uma contradição entre o natural do corpo feminino e a ideia de “[...] um campo de estados mórbidos associados que confirmavam a imagem da mulher doente.”¹⁹²

¹⁸⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. P. 146.

¹⁸⁸ O comportamento e o corpo da mulher passam a ser alvo desses estudos devido a algumas questões específicas, como por exemplo o período menstrual, todo o comportamento e mudanças no corpo da mulher era um tema que ocupava as mentes desses cientistas e homens cultos. Ver mais em: MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

¹⁸⁹ *Ibidem*, 2004, p.22.

¹⁹⁰ *Ibidem*, 2004, p. 39.

¹⁹¹ Ana Paula Martins aponta que “este fenômeno foi explicado como uma espécie de purgação, resultado do excesso de sangue no corpo, até que no século XIX passou a ser associado à ovulação”. Ver mais em: MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

¹⁹² *Ibidem*, 2004, p.31.

Dentro dessa perspectiva de haver uma patologia referente ao corpo da mulher devido aos fenômenos mencionados por Ana Paula Martins, a imagem criada de um padrão de mulher superior era a que cumprisse com as suas funções sociais dentro do casamento, da maternidade, da educação e cuidado com os filhos.¹⁹³ “Assim sendo, se essa mulher não controlasse seus desejos e se entregasse ao mundanismo e ao desregramento, facilmente ultrapassaria a tênue fronteira entre a normalidade e a patologia.”¹⁹⁴ Martins acrescenta que haveria um intuito por parte dos médicos de passarem a oferecer um tratamento relevante diante dessas mulheres desviantes:

Aos olhos dos intelectuais, os médicos adquiriram um status privilegiado, espécie de oráculos científicos a respeito do enigma feminino, pois suas verdades estavam sob a chancela dos fatos observados nos laboratórios, nas salas de autópsia e na clínica junto à crescente clientela feminina que passou a confiar seus segredos e problemas aos médicos.¹⁹⁵

Esses estudos, tratamentos, consultas e diagnósticos passaram a ser divulgados nas associações médicas. Dentre esses espaços de divulgação, Martins cita o serviço dos periódicos especializados.¹⁹⁶ Um desses meios de comunicação era o *Brazil-Medico*, o qual vimos ter papel indispensável dentro da produção científica do médico José Ricardo Pires de Almeida.

Miniza Napolitano, em artigo intitulado “O médico e a mulher na sociedade carioca oitocentista”, analisa outros aspectos dessa iniciativa intervencionista nos assuntos relacionados a moralidade feminina. Os “vícios” femininos, passaram a ser difundidos dentro do espaço acadêmico médico. O combate a esses males da “[...] vida em geral foram amplamente discutidos pelos doutores do século XIX e intensamente combatidos.”¹⁹⁷

¹⁹³ Ibidem, 2004, p.39.

¹⁹⁴ Ibidem, 2004, p.39.

¹⁹⁵ Ibidem, 2004, p.41.

¹⁹⁶ Ibidem, 2004, p.180.

¹⁹⁷ NAPOLITANO, M. N. *O médico e a mulher na sociedade carioca oitocentista*. In: XIV Encontro de Estudos Populacionais (ABEP), 2004, Caxambú - MG. ST16-(GEN) Sexualidades, 2004.p. 50

A vida física, moral e mental das mulheres passou a ser um tema muito mais frequente dentro das pesquisas médicas a partir de 1850.¹⁹⁸ Segundo Napolitano, esses estudos crescentes se davam devido a esse comportamento feminino dito como desviante. Os médicos passaram a ser os responsáveis pelo controle desses males que estavam direcionados ao corpo e mente femininos.

A incapacidade ou recusa da mulher em cumprir seu papel de mãe e esposa era qualificada como antinatural. Os comportamentos femininos considerados desviantes, principalmente os inscritos na esfera da sexualidade e da afetividade, eram vistos como estranhos à própria natureza.¹⁹⁹

A pesquisa de Miniza Napolitano aborda um campo específico dentro desses comportamentos desviantes.²⁰⁰ O *saphismo* e o tribadismo foram algumas dessas práticas femininas enquadradas no campo da antinaturalidade, ao serem praticadas por mulheres que se relacionam de maneira afetuosa e/ ou sexual com outra mulher. Segundo a autora:

O comportamento sexual dos indivíduos, inclusive o das mulheres, também passou a ser amplamente discutido nas teses médicas – afinal de contas, nas últimas décadas do século XIX, a mulher foi deixando de ser vista como um ser assexuado e sendo encarada como uma pessoa que tem desejos e necessidade de supri-los – sobretudo após a criação da Cadeira de Clínica Psiquiátrica nos cursos das faculdades de medicina do Império, em 1879.

Essa atuação médica fazia parte do “[...] comprometimento da Medicina com as políticas de controle social privilegiava certas áreas de intervenção das estratégias normatizadoras.”²⁰¹ Os comportamentos sexuais, dentre outras diversas manifestações coletivas que estivessem dentro do caráter religioso, social e político participavam dessa

¹⁹⁸ Ibidem, 2004, p.62.

¹⁹⁹ Ibidem, 2004, p.62.

²⁰⁰ Ibidem, 2004, p.62.

²⁰¹ Ibidem, 2004, p.62.

intervenção médico-higienista.²⁰² Dentro dessa perspectiva, Napolitano, salienta que os desvios morais femininos estavam inseridos nesse processo de vigilância e combate por parte dos médicos. Além disso, havia ainda o caráter de ilegalidade em algumas situações, como vimos anteriormente o exemplo publicado por Pires de Almeida, ao escrever a respeito de uma mulher lésbica que estava detida.

Mesmo se as perturbações do instinto moral, sexual, físico e psicológico das mulheres as levassem a cometer atos totalmente repudiados pela sociedade, e até passíveis de penalidades legais, os médicos eram categóricos em afirmar que, se elas os cometessem em estado de delírio causado pela doença – ou seja, fora do seu estado de normalidade –, teriam de ser social e legalmente inocentadas.²⁰³

Assim sendo, Napolitano aponta que no ofício desses médicos “[...] era necessário que se fizesse um exame médico da acusada, além de uma genealogia de toda a sua descendência. Em suma, tornava-se necessário separar o doente do delinquente”.²⁰⁴ É dentro dessa esfera de comportamento antinatural que José Ricardo Pires de Almeida começa a realizar sua investigação a partir dos anos iniciais do século XX. A partir da análise da sua tese médica, intitulada *Homossexualismo: A Libertinagem no Rio de Janeiro* veremos como o médico higienista se refere a esses comportamentos sexuais, estudos médicos e as técnicas sugeridas para “tratar” esse comportamento, que era considerado pelo médico como uma patologia.

Segundo os estudos levantados, vimos como Pires de Almeida teve ampla atuação na imprensa carioca no final do século XIX, e lhe foram ofertados alguns cargos na medicina pública carioca como, por exemplo, comissário de vacinação da cidade. Almeida foi um médico reconhecido nos jornais da cidade, tanto em publicações relacionadas ao seu trabalho clínico, quanto a sua escrita na coluna do *O Brazil-Medico*. Nessa revista o médico publicou diversos artigos que mencionavam as práticas e conceitos homossexuais, com o enfoque na sodomia.²⁰⁵

²⁰² Ibidem, 2004, p. 63.

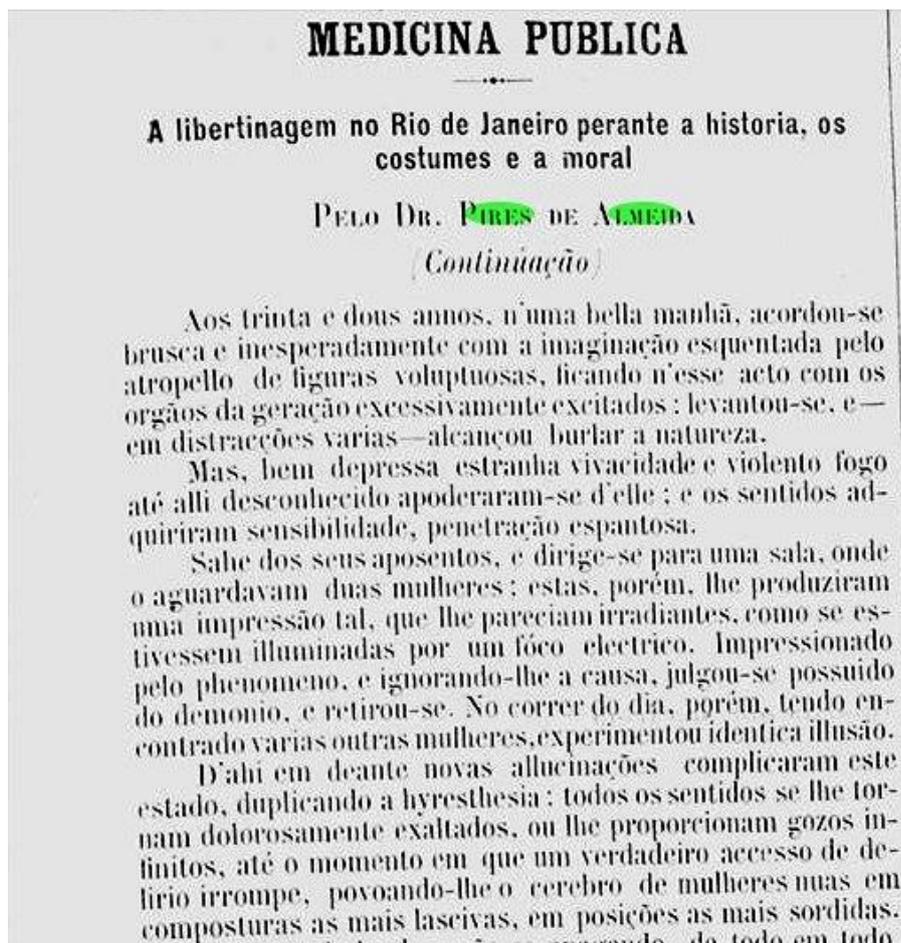
²⁰³ Ibidem, 2004, p.65.

²⁰⁴ Ibidem, 2004, p.65.

²⁰⁵ Sodomia era a classificação dada aos homens que se relacionavam com outros homens, tanto afetivamente, quanto sexualmente. O uso deste termo é necessário para que encontremos com mais facilidade nos artigos escritos pelo médico dentro das colunas do *Brazil-Medico*.

Em um dos seus últimos artigos, Pires de Almeida escreveu a respeito das práticas homossexuais femininas. Almeida inicia o texto de uma forma já habitual analisando outros exemplares. Normalmente o médico menciona algum caso ocorrido recentemente, ou inicia a escrita com o exemplo de alguma doença, comportamento ou medicamento.

Figura 4- Escrita sobre saúde publica



Fonte: O Brazil-Medico, 1902.²⁰⁶

Nesse fragmento retirado da coluna da Revista *O Brazil-Medico*, Pires de Almeida cria uma narrativa pautada em exemplos que destacam o comportamento sexual do indivíduo. Ele direciona o leitor para um imaginário sexual, com exemplos onde demonstra atos impróprios e imorais por parte do homem citado no texto. Este trecho faz parte da coluna de medicina publica, a qual teria como ideal auxiliar e colaborar com os

²⁰⁶ Disponível em: *O BRAZIL-MEDICO*: Rio de Janeiro: 08 Dez. 1902.

estudiosos de medicina. Além disso também oferecia auxílio clínico para os leitores das cidades, entregando um material preventivo a população.

Na imagem abaixo temos um quadro feito por Pires de Almeida em que, após escrever a respeito das práticas homossexuais masculinas e femininas, expõe um exemplo. Embora já houvesse escrito artigos sobre comportamentos homossexuais, neste de dezembro de 1902, Almeida elaborou de forma mais esclarecedora do que se tratavam essas práticas homoafetivas e especificamente sobre as lésbicas, as quais ele denominava de “Lesbianismo” devido a patologia que ainda era vinculada a elas pela medicina do período.

Figura 4: Os prazeres

463

No amor homo-sexual em que agente e paciente são ambos do sexo feminino, por dous modos principaes satisfazem as volupias da carne: ou collados corpo a corpo attritam assim os orgãos genitales, ou invertida a direcção dos corpos, cabeça para os pés e pés para a cabeça, sugam-se mutuamente os clitores. Para o primeiro caso, a sciencia moderna adquiriu o novo vocabulo — *tribadismo*: para o segundo, cuja introduccão em larga escala attribue-se a Sappho, a desregramentos das communitades de Lesbos, adquiriu-se o termo *saphismo*.

Resumindo o que está dito até aqui, posso consubstanciar tudo no seguinte quadro:

Prazeres	}	A	{	Onanismo	{	na mulher	
						no homem	
		}	B	{	hetero-sexuaes	{	Tiques
					Masochismo		
				{	homo-sexuaes	{	Uranismo
					Lesbianismo	{	Tribadismo
						{	Saphismo

Fonte: O Brazil-Medico, 1902.²⁰⁷

²⁰⁷ Disponível em: *O BRAZIL-MEDICO*: Rio de Janeiro: 08 Dez. 1902.

Os ensaios nos periódicos foram uma prévia do que depois foi reunido na obra posterior que utilizamos como fonte principal que, em grande medida, recupera reflexões espalhadas por esses trabalhos anteriores. O autor aprofunda alguns temas relacionados aos desvios morais femininos. Oferece ao leitor o aprofundamento do que seriam esses “homo-sexuaes”, como eram as relações sexuais nas práticas, como identifica-los e, por fim, como evitar e tratar tais comportamentos.

Capítulo III - “Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro”

A obra escrita por José Ricardo Pires de Almeida, datada de 1906, é um livro sobre higiene moral, onde o médico aborda, nas suas palavras, a “libertinagem no Rio de Janeiro”.²⁰⁸ Este trabalho contém parte das matérias publicadas por Almeida na revista semanal *O Brazil-Medico*, a qual incluiu uma coluna de higiene pública entre os anos de 1902 a 1905.

Almeida abre a sua obra com uma espécie de “carta” ao leitor. Nessa introdução, o médico explica a origem da obra e de suas reflexões, bem como descreve os conteúdos que serão abordados. O livro é dedicado aos médicos e a “quem tiver interesse no assunto”.²⁰⁹

Nesta apresentação encontra-se a interpretação de Almeida sobre o tema abordado no trabalho. Segundo o médico, o interessado pela leitura “encontrará, aqui, a observação calma e fria, do médico, sôb a linguagem desataviada, e sêcca, do clinico.”²¹⁰ Uma breve introdução do que ele acredita ser um desapontamento no caso de alguns leitores, pois de acordo com Almeida, alguns poderiam buscar sua leitura apenas pelo assunto da homossexualidade, pensando no sentido sexual.

Quem, guiando-se pelo título Homossexualismo, e sobretudo pelo subtítulo - Libertinagem no Rio de Janeiro, abrir estas páginas ávido de dar pasto a uma subconsciência focinhada no lamaçal da lascívia e da luxúria, terá de fechar o livro, desiludido.”²¹¹

Almeida afirma que a escrita do tema tinha o destino inicial direcionado para “[...] a imprensa médica, e effectivamente uma parte foi publicada pelo Brazil-Medico, a interessantíssima revista. [...]”²¹² Embora tenha afirmado ser uma escrita calma e fria, o médico menciona que sua escrita possui alguns “hiatos, lações frouxos entre certos capítulos”.²¹³ Na leitura da obra pode-se observar que em alguns momentos o médico

²⁰⁸ Ao longo da obra o autor aborda a libertinagem dentro de várias categorias. Dentre elas vemos as práticas homoafetivas femininas como uma das atividades consideradas libertinas. ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

²⁰⁹ É possível encontrar uma cópia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na sessão de obras raras, no entanto, a usada neste trabalho está disponível na internet em perfeitas condições de leitura. Disponível em: <https://acervobajuba.com.br/mais-de-um-seculo-de-cura-homossexual-no-brasil/>. Acesso em: 16 Jul. 2021.

²¹⁰ ALMEIDA, 1906. Op. Cit, p.3.

²¹¹ Ibidem, 1906, p.3.

²¹² Ibidem, 1906, p.3.

²¹³ Ibidem, 1906, p.4.

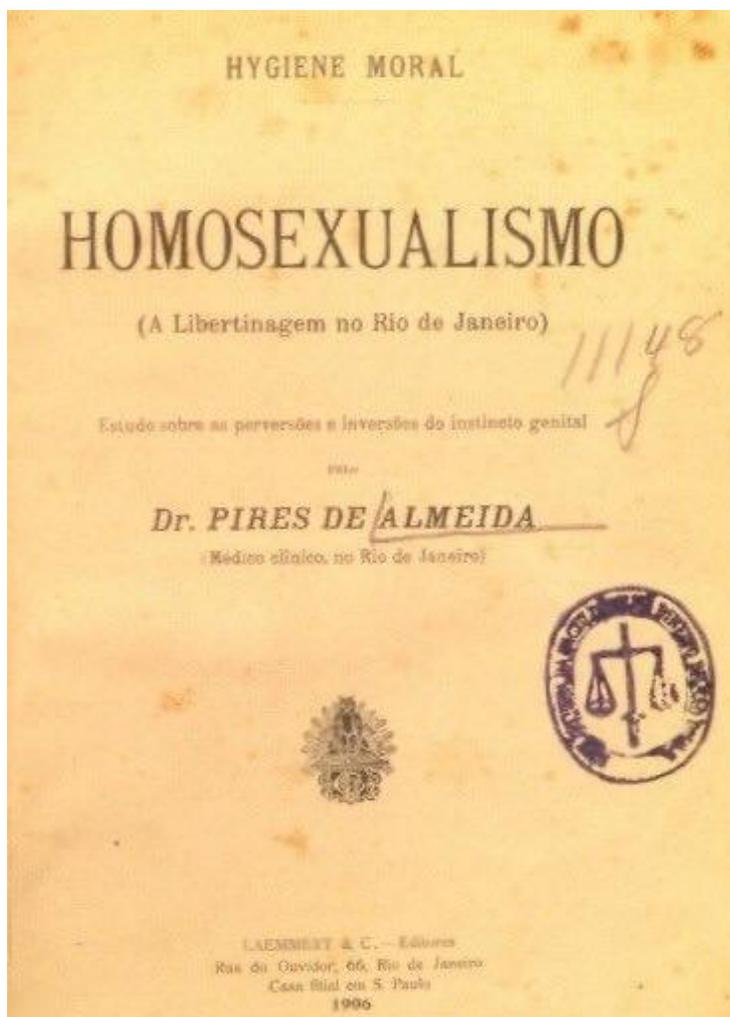
utiliza uma narrativa mais próxima do leitor, exemplifica argumentos e sugestões de como observar as práticas homoafetivas. E pede para que o deem um desconto pelas falhas cometidas, talvez mais pelo seu interesse em narrar suas vivências do que especificamente criar uma material completamente acadêmico. Por fim, ele conclui com o entusiasmo de estar oferecendo um trabalho que possa contribuir para os estudos médicos da época e com quem mais quiser pesquisar sobre o tema.

Estou certo de que não partilhará a desilusão do primeiro aludido leitor, aquelle que consultar este trabalho, quer o tocante à Hygiene moral, quer com respeito às Molestias do instinto genital, com o ânimo do pesquisador e do estudioso.²¹⁴

Há neste trecho uma possível intenção de Almeida em se dirigir a outros públicos, talvez autoridades médicas, estudiosos sobre comportamentos imorais e até mesmo interessados pela temática. A obra completa está dividida em quatro partes, sendo a primeira uma espécie de ensaio sobre a história da homossexualidade no desenvolvimento da humanidade. A segunda, refere-se a abordagem sobre a libertinagem, mencionando diversos exemplos de comportamentos desviantes e imorais. Essa segunda parte foi a mais utilizada nesta pesquisa, principalmente nos trechos em que ele trata de “*lesbianismo, tribadismo, saphismo e clitorismo.*” A terceira parte diz respeito a chamada “prophylaxia”, onde o médico oferece as soluções para os desvios apresentados ao longo do livro. Por fim, a parte quatro é destinada para os tratamentos que Almeida acredita serem possíveis de alcançar se forem oferecidos aos indivíduos classificados por ele como “homossexuais”.

Figura 5 – Obra de Pires de Almeida

²¹⁴ Ibidem, 1906, p.4.



Fonte: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

3.1- A obra de Pires de Almeida sobre lesbianidade: As libertinas no Rio de Janeiro.

Ao analisar a obra de Pires de Almeida, direcionamos nosso olhar para as expectativas morais criadas e disseminadas no Rio de Janeiro dos anos finais do século XIX. Além disso, veremos de que maneira o médico aborda esse tema. Discutiremos como ele inicia seu discurso a respeito da sua percepção médica acerca das práticas homoeróticas no Brasil e especificamente a sua abordagem frente aos comportamentos das mulheres e a lesbianidade vista como um exercício libertino.

Inicialmente é necessário destacar a importância da escrita desse médico, pois como observa José Antunes, “Pires de Almeida projetou seu tema em um texto atraente, que renova o interesse a cada página e obriga a atenção na leitura.”²¹⁵ Ele proporciona ao leitor um material que, como ele mesmo descreveu, foi criado para tratar de medicina moral, mas também aguça no leitor o interesse da sua leitura, devido a maneira como foi escrito o texto.²¹⁶

Segundo Antunes, todo esse material escrito por Pires de Almeida foi coletado por meio de sua própria vivência pessoal, seu conhecimento da cidade e dos personagens descritos. O que nos leva a concluir que sua avaliação sobre assuntos que tocam à moralidade, foram inseridos na obra com estudos pouco aprofundados, algumas referências médicas não foram tão precisas, eram construídas com um olhar observador, prática comum no século XIX. Antunes pontua ter havido uma atuação onde se buscava oferecer opiniões aos estudiosos e leitores de sua tese. “O médico também aponta que essas informações foram colhidas em suas observações pessoais de vários anos de atividade clínica e na vasta tradição oral da população da cidade sobre o seu cotidiano.”²¹⁷

Ao longo da análise acerca do trabalho de Pires de Almeida, José Antunes ainda enfatiza essa perspectiva pautada no olhar clínico, observador. Ele afirma não poder caracterizar Almeida pela forma como escreve seus textos, com uma narrativa considerada mais filosófica do que médica. Ela se faz necessária, pois naquele período “eles procuraram fundamentar suas ponderações morais com considerações a respeito dos efeitos da volúpia e seus excessos sobre o organismo”.²¹⁸

Pensando a obra em seu contexto histórico, João Junior, ao discutir acerca dos conceitos de desvio estudados pelos médicos higienistas a partir da segunda metade dos oitocentos, argumenta que a medicina passa a reivindicar o poder de opinar, estudar, cuidar e intervir no comportamento do indivíduo considerado “anormal”.²¹⁹ Perversos, invertidos, libertinos, perversos foram alguns dos nomes dados àqueles que mantinham um comportamento pautado em atividades que feriam a moral vigente.

²¹⁵ ANTUNES, José Leopoldo. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. P. 169.

²¹⁶ *Ibidem*, 1999, p. 169.

²¹⁷ *Ibidem*, 1999, p. 171.

²¹⁸ *Ibidem*, 1999, p. 171.

²¹⁹ JUNIOR, João. *Tratamentos para um “desvio”: “cura e profilaxia do homossexualismo” no Rio de Janeiro Durante a Primeira República*. 2018. p. 1.

Segundo João Junior, nesse período teve início uma perseguição a esses indivíduos por parte da esfera pública, dos meios jurídico, literário e médico-legal. Os higienistas, encarregados de promoverem um espaço urbano em que habitassem pessoas “sadias”, foram encarregados de providenciar os mecanismos de intervenção social.²²⁰ De acordo com Junior, a figura do homossexual foi inserida em uma categoria patológica, visto como uma pessoa que possuía uma doença. Assim sendo, a medicina-legal passou a ter responsabilidade frente a essa questão considerada de “saúde pública”.²²¹

Oferecendo total atenção para aqueles que considerava libertinos, Pires de Almeida realizou a construção do seu discurso. Interessado nesse tema, João Junior nos oferece um estudo pautado nessa fonte histórica. O autor menciona a relevância com que Almeida apresenta os indivíduos considerados como libertinos em duas categorias: a primeira seria composta pelos que se tornaram invertidos; a segunda, composta aqueles cujos desvios sexuais estariam presentes desde a gestação. Os outros seriam os perversos, que viriam a tornarem-se invertidos em algum momento ao longo das suas vivências.²²² Essas nomenclaturas são importantes, pois Júnior demonstrará as distinções feitas por Pires de Almeida ao sugerir os possíveis tratamentos em cada caso.

Segundo José Antunes, o conceito de libertinagem foi o termo empregado pelo doutor Pires de Almeida para designar, de uma só vez, todas as modalidades de comportamento sexual pouco submisso às convenções e normas morais.²²³ Essa escolha abrangia todos os indivíduos mencionados pelo médico e inseria também as possíveis práticas libertinas, como a prostituição, as relações homossexuais, a masturbação de ambos os sexos e qualquer outra atividade que fosse considerada contrária a natureza, sendo esta última construída a partir de parâmetros heteronormativos.²²⁴

A partir dessa apresentação, o médico higienista inicia a escrita da obra, com a expectativa de evidenciar os problemas causados pela libertinagem e promover o combate a essas práticas. Para Almeida, o indivíduo que se corrompesse com os comportamentos libertinos jamais encontraria a felicidade, sentimento esse que estaria na outra extremidade do ponto de partida feito através das práticas antinaturais.

²²⁰ Ibidem, 2018, p.1.

²²¹ Ibidem, 2018, p.3.

²²² Ibidem, 2018, p. 7

²²³ ANTUNES, 1999. op. cit. p.168.

²²⁴ Ibidem, 1999, p.168.

Procuram a felicidade, mas- de balde! – não há felicidade sem repouso, não há repouso sem coragem, porque não há coragem nem saúde onde não há bons costumes.²²⁵

Não é, pois, assumpto de nonada, para a vida social, meditar sobre os perigosos efeitos da libertinagem, que cresce cada vez mais, entre nós, e toma proporções assustadíssimas; e – sobretudo – apontar meios de debellal-a.²²⁶

Como explicado anteriormente, ao iniciar a escrita de sua obra, Pires de Almeida faz uma espécie de carta ao leitor, onde o médico aborda quais as suas intenções na escrita daquela obra. Ele aponta como as intenções humanas são falhas ao se buscar felicidade e manter maus costumes, como a libertinagem. Ele inicia a obra abordando os perigos desses comportamentos libertinos e as proporções que ele poderiam tomar. Vemos ao longo da escrita da fonte o intuito de Almeida de fazer um panorama histórico a respeito da homossexualidade. Além do fato de que esse histórico era endereçado aos médicos, mas também ao público interessado pelo tema. José Antunes afirma que Pires de Almeida realiza tal escrita com a intenção de se permitir se perder com digressões picantes, utilizava linguagem sensual e fantasias com detalhes imaginosos, fascinando os leitores, esses que faziam parte do corpo clínico e a população interessada pelo assunto.²²⁷

João Junior, destaca que o médico via a homossexualidade como um desregramento, uma doença mental, que deveria ser tratada, mais do que um crime passível de punição. Ainda assim, dependendo do caso, a origem do comportamento criminoso também era relativa a determinadas práticas sexuais.²²⁸

Na década de 1980, Peter Fry lançou uma obra pensando a homossexualidade dentro dos moldes do século XIX e XX. Utilizando da obra de Pires de Almeida, Fry estuda a fonte de maneira ampla e afirma que, para o médico, o comportamento libertino do homem - aqui utilizado como sujeito universal - mais que de outros seres, devido a suas paixões e atitudes, corromperiam e arruinam a própria saúde, destruiriam as fontes de vida mais do que outros seres.²²⁹ A partir dessas noções do comportamento errôneo do homem, caberia aos médicos a função de “reivindicar a sua autoridade de falar a verdade

²²⁵ Este é o primeiro fragmento retirado da fonte, ao leitor cabe observar que a linguagem utilizada pelo médico equivale a escrita da língua portuguesa utilizada no século XIX. Dessa maneira, seguimos sua transcrição literal, mantendo as regras ortográficas do período estudado. ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.p.3.

²²⁶ Ibidem, 1902, p.3.

²²⁷ Ibidem, 1999, p.170.

²²⁸ JUNIOR, 2018, op. cit, p.7

²²⁹ Ler mais em: FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

sobre a sexualidade, como é o caso de Pires de Almeida. E são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de "crime", "sem-vergonhice" e "pecado" para "doença".²³⁰

Segundo Pires de Almeida, o trabalho de “regeneração” seria realizado de longa data. No entanto, o que era feito pela igreja, passou a ser praticado pela ciência médica. Além disso, esse processo de elaboração de um discurso sobre o assunto também estaria enquadrado no âmbito filosófico, pois, a religião seria a responsável por realizar a interceptação desses indivíduos, como aponta o médico:

Nem é este processo de regenerar os libertinos uma inovação. Houve devassos em todos os tempos, assim como em todos os tempos houve também quem os doutrinasse, quer pela palavra, quer pelo livro²³¹.

[...] meu intento, repito, é tratar do assumpto sob o ponto de vista médico e philosophico.²³² P.4

Antes de estudar a libertinagem e sua perniciosa influencia em as nações modernas, investigarei, embora ao de leve, a revolução que, nos costumes, operou o christianismo, e bem assim, tanto quanto interesse ao assumpto, antecipemôl-a de algumas palavras sobre esses costumes em as nações idolatras.²³³

Seja qual for a opniao que se abrace, em philosophia, sobre a religião christã, os factos demonstram haver Ella reformado os costumes que o mahometismo e as outras religiões, entao mais espalhadas, mantinham em relação à libertinagem, chegando mesmo a prescrever a castidade em absoluto, e a continência acima das forças da natureza humana; e isto foi castrar, para só assim poderem alcançar a salvação²³⁴. p.21.

Almeida faz essa introdução sobre as suas intenções dentro da obra, situando o leitor em quais aspectos ele vai trabalhar, concluindo a participação da religião nesse processo de “salvação” do indivíduo libertino. O autor transfere essa responsabilidade, entretanto, para a medicina clínica, aquela que, segundo ele, seria capaz por ocupar esse papel frente a sociedade.²³⁵

²³⁰ Ibidem, 1983, p.61.

²³¹ ALMEIDA, 1906, op. cit. p.3.

²³² Ibidem, 1906, p.4.

²³³ Ibidem, 1906, p.20.

²³⁴ Ibidem, 1906, p. 21.

²³⁵ Ibidem, 1906, p.21.

Em acordo com José Antunes, vemos na análise da fonte que a função de um combate a libertinagem dizia a respeito a sua atratividade. Partindo da premissa de que esses comportamentos estavam se espalhando na sociedade carioca, havia a necessidade de conter sua disseminação.²³⁶ Como resultado, seu livro nutriu-se da tensão que ele inseriu “entre a sedução da libertinagem e o imperativo de seu refreio. O leitor foi conduzido, dessa “perigosa prerrogativa da natureza humana que é o desejo”.²³⁷

Após realizar uma abordagem a respeito das práticas libertinas dentro da história global, focando majoritariamente na homossexualidade masculina, Pires de Almeida elabora uma narrativa onde começa englobar a história da homossexualidade feminina. Ele traça esse percurso para construir uma história dos comportamentos humanos ao longo do tempo, das mudanças culturais e sociais de determinados países. Essa estrutura de escrita contribui para apontar o papel do comportamento considerado desviante, como a homossexualidade, pois, segundo Almeida, dentro da sua obra é possível observar a defesa feita pelo médico aos comportamentos heteronormativos. Esses pensamentos estão relacionados a ideia de degeneração do indivíduo, vinculando as práticas amorosas e sexuais a um problema de comportamento, de inferiorização.

O autor inicia sua reflexão apontando que a libertinagem teria tido um desenvolvimento com mais significância nos países Europeu. Segundo Almeida, um dos fatores da “proliferação” desse comportamento seriam o acúmulo de riqueza e ociosidade.²³⁸ Essas ideias partem da premissa de que o luxo e o tempo livre ocasionam a curiosidade e a oportunidade para que se realizasse atividades antinaturais, como no caso da homossexualidade feminina.

Lancemos rápido olhar retrospectivo sobre o desenvolvimento e influência da libertinagem em as hodiernas nações européas.²³⁹

Foi realmente na Europa moderna, no apogêo, do luxo e do commercio com todas as partes do mundo, que lá renasceram, não só a lubricidade,

²³⁶ ANTUNES, 1983, op. cit, p. 170.

²³⁷ Ibidem, 1983, p.170.

²³⁸ Essas ideias partem da premissa de que o luxo e o tempo livre ocasionam a curiosidade e a oportunidade para que se realizasse atividades antinaturais, como o caso da homossexualidade feminina. Ver mais : ALMEIDA. P. *Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital*. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

²³⁹ Ibidem, 1906, p. 24.

como a libertinagem, essas eternas companheiras da riqueza e do ócio.²⁴⁰

As práticas homoeróticas femininas não serão inseridas apenas na sociedade Europeia e na realidade das famílias burguesas, a lesbianidade será observada por Almeida através de diversos vieses sociais. Inicialmente nos concentraremos em observar a influência da Europa nessas práticas, pois não é apenas a libertinagem que está vinculada ao continente, mas também a própria medicina praticada por Pires de Almeida.

Ao falar das causas dessas tendências “homo-sexuais” nos países Europeus, Almeida aponta a temperatura quente de alguns lugares como outro fator que causaria esses comportamentos. Ou seja, podemos observar que dependendo do país, do clima e da cultura, as práticas homossexuais eram uma realidade. Para o médico, a junção dessas adversidades acarretava ao homem “o instinto da lubricidade inventou necessariamente satisfações avessas à decência, desejos contrários à moral e gozos solitários e ilusórios entre indivíduos do mesmo sexo.”²⁴¹

Pelo ligeiro esboço historico, que acabamos de traçar, reconhece-se o conjuncto de circunstancias que poderiam ter concorrido para produzir a corrupção nos diferentes povos.²⁴²

O que motiva principalmente essa perda de bons costumes é a extrema desigualdade das fortunas, dando em resultado a excessiva desproporção das classes²⁴³.

Nesse trecho, Almeida introduz outro tema que, na sua avaliação, seria consequências para a deterioração dos bons costumes que teria a desigualdade. Pires de Almeida justifica a disseminação da libertinagem devido a desigualdade. Segundo o médico, o desequilíbrio dentro dos países e culturas acarretaria na enfermidade da sociedade. Nesse período de transição do império para a república e do escravismo para o pós-abolição as mudanças serão mais direcionadas a elite carioca, mantendo um padrão econômico e comportamental diferente dos demais. Lembrando que a medicina do século XIX e o próprio médico higienista considerem a homossexualidade como uma prática doentia, esse comportamento é visto ainda como resultado da ineficiência do Estado. Isso

²⁴⁰ Ibidem, 1906, p. 24.

²⁴¹ Ibidem, 1906, p.35.

²⁴² Ibidem, 1906, p.34.

²⁴³ Ibidem, 1906, p.35.

porque, em sua avaliação, embora o Estado estivesse crescendo e conquistando, ainda precisava alcançar aqueles considerados fora da moral higiênica almejada.²⁴⁴

Para Almeida, o ser libertino é um possível agravador da transmissão de doenças venéreas, considerando o crescente número dos casos de sífilis na capital federal no século XIX e XX.²⁴⁵ Assim sendo, a degeneração moral estava em conexão com a corrupção da saúde física do indivíduo e da sanidade das sociedades como um todo. “Cabe considerar o depravado sob o ponto de vista moral e social. O libertino é como o gastrônomo de paladar estragado, a quem desagradam, por saciedade e enfaro, os mais saborosos acepipes”.²⁴⁶

Ao desenvolver seu argumento, Almeida oferece um diagnóstico crítico do império e do escravismo, associando esses sistemas ao que ele entende como degeneração moral.

Compulsae a historia desses paizes em que as grandes se apoderam de tudo, e o povo, subjugado á escravidão da gleba, nada possuía, como succedeu ao tempo quer dos governos feudaes, quer dos impérios fundados pela conquista; ahi nunca se pode manter uma moral pura.²⁴⁷

Quando esses efeitos da libertinagem não abatem os governos, tanto como as nações, que elles embotam e enervam, são sempre signos da maior nota, tratando-se da saúde e vida dos cidadãos que as compõem. Não cabe ainda aqui esmiuçar os resultados dos diversos abusos da volúpia sobre o organismo, independentemente dos perigos da infecção venérea. [...]²⁴⁸

²⁴⁴ O médico estrutura uma justificativa ampla acerca do tema ao longo desse item que aborda os meios de difusão das práticas homoafetivas. Ver mais em: ALMEIDA, P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

²⁴⁵ Cabe destacar que é de conhecimento da historiografia os problemas vinculados as doenças venéreas disseminadas no Rio de Janeiro entre o período Imperial e Republicano. No entanto, não é apenas através das praticas homoafetivas que tais doenças foram transmitidas, segundo o autor José Antunes a prostituição era um dos meios principais de contágio, e ainda foi uma prática defendida pelo governo como combate a homossexualidade. Mas seguindo essa prática, obteve-se um crescente número de casos da doença. Ver mais em: ANTUNES, José. Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

²⁴⁶ ALMEIDA, 1906, op. cit, p.36.

²⁴⁷ Ibidem, 1906, p.35.

²⁴⁸ Ibidem, 1906, p.36.

Ao introduzir em sua análise especificamente aquilo que dizia respeito ao “vício feminino”, Almeida inicia sua abordagem através dos conceitos de sexualidades vinculados àquilo que ele considera como sendo específico das mulheres. De acordo com o médico, as mulheres que não se enquadrassem em um perfil corpóreo vinculado a heterossexualidade deveriam ser vistas como invertidas. Nesse caso, a aparência física, como corpos gordos, com mais pelos ou até mesmo a sua maneira de andar, poderiam resultar na sua classificação de “desvios da natureza.”²⁴⁹

A obra *Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro* conta com uma vasta análise do corpo humano feita por Pires de Almeida. A intenção do médico é mostrar as “perversões” do corpo e do comportamento dos indivíduos invertidos e pervertidos. No que diz respeito ao corpo da mulher, alguns aspectos que se diferem do ideal normativo poderiam ser classificados como simples caso de níveis hormonais elevados ou inferiores ao esperado. O corpo poderia anteceder o tal comportamento desviante. Isto é, o exterior feminino poderia ser uma razão para inseri-la nesse grupo de imorais. Segundo a fonte, seria uma razão passível de ser vista como “anomalia”.²⁵⁰

Os seres apresentam aspectos conformes a sexualidade que lhes é peculiar; e assim, o aspecto geral da mulher differe de todo em todo do do homem: suas formas arredondadas, a pelle macia e despida de pêllos, contrastam soberanamente com o aspecto anguloso, com a barba tonsa do homem. E uma e outro se distanciam das fôrmas miúdas e reduzidas da creança. Isto é o que contitue a normalidade. Há, porém, como que desvios da natureza, em que se baralham attributos de um sexo com os de outro²⁵¹.

D’ahi, esses homens de cadeiras largas, membros roliços, fôrmas arredadas, face glabra, voz aflautada, etc.; d’hi também, essas mulheres de porte esguio, physionomia dura, rôsto barbado, voz grave, seios nullos, passo largo, braços com movimento de balouço, etc.²⁵²

Em pesquisa a respeito das origens da construção da diferença sexual no ocidente, com uma abordagem sobre corpo e gênero, Thomas Laqueur nos oferece um estudo prolongado a respeito das transformações acerca da percepção em torno da estrutura física

²⁴⁹ Ibidem, 1906, p.100.

²⁵⁰ Ibidem, 1906, p.100.

²⁵¹ Ibidem, 1906, p.100.

²⁵² Ibidem, 1906, p.100.

do corpo humano. Almeida justifica que a homossexualidade estaria relacionada a formas físicas, comportamentais. Laqueur nos oferece uma abordagem baseada em estudos franceses do século XIX, onde ele apresenta esse mesmo discurso feito pelos médicos. É relevante o estudo do que ele chama de “estética da diferença anatômica”.

[...] uma rica construção complexa baseada não só na observação e em uma variedade de restrições sociais e culturais sobre a prática da ciência, como também na estética da representação. Longe de serem os fundamentos do gênero, os corpos masculino e feminino dos livros de anatomias dos séculos XVIII e XIX são, eles próprios, artefatos cuja produção faz parte da história de sua época.²⁵³

Embora esses trabalhos feitos pelos médicos dos séculos XVII e XIX nos apresentem uma concepção de corpo, comportamento e práticas sociais fundadas nessas restrições sociais apresentadas por Laqueur, ele defende ser uma questão de temporalidade, onde o avanço nos estudos apontara para um discurso diferente a longo prazo.²⁵⁴ Para o autor, essas representações referentes ao homem e à mulher, ocorrem em função de “enormes consequências sociais dessas distinções, são mais obviamente determinadas pela arte e pela cultura.”²⁵⁵

As formas como essas representações do comportamento feminino são explicitadas torna nítida a relação entre o quadro analisado por Laqueur e a descrição do comportamento feminino realizada na obra de Pires de Almeida. O médico dedica um espaço inicial para discutir a contextualização da palavra “lesbianismo” e em seguida para a análise das suas observações sobre as práticas homoeróticas femininas.

Utilizada nesse período para fins de apontar uma patologia feminina, Almeida explica suas origens e os usos dos seus significados para a medicina da época.²⁵⁶ Para ele, umas das razões para as práticas lésbicas seriam a busca pelo próprio prazer, o que segundo ele seria dispensado caso viesse do sexo oposto:

A origem da segunda palavra – lesbianismo – perde-se e a noite dos tempos. Não ha, com efeito, quem desconheça sua significação, pois

²⁵³ LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução: Vera Whately. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 202.

²⁵⁴ Ibidem, 2001, p. 202.

²⁵⁵ Ibidem, 2001, p. 203.

²⁵⁶ ALMEIDA, 1906, op. cit, p.146.

que Ella provém de Lesbos, ilha do Mediterraneo, famosa nos tempos da velha Grecia, entreposto commercial para todas as colônias gregas da Asia Menor e para o commercio do Oriente, e por isso fóco da mais descabêllada devassidão. Foi em Lesbos que se crearam escolas, onde môças as mais bellas e intelligentes iam formar-se em todos os segredos da arte das seduccões e dos prazeres venusinos.²⁵⁷

Foi de uma d'estas comeias do vicio, em que só se cogitava do amôr, que sahiu SAPHO. Comprehende-se bem o que deveriam praticar, em taes institutos, um enxame de mulheres de todos os temperamentos a fazerem a aprendizagem de gózos. No lesbianismo, pois, a mulher dispensa o concurso do outro sexo, isto é, do sexo oppôsto, para satisfazer seus prazeres.²⁵⁸

Neste trecho, o autor apresenta as origens da homossexualidade feminina advindas da Grécia antiga, exemplificando como aconteciam as relações sexuais entre as mulheres naquele período. Essa passagem funciona como uma forma de contextualizar esses significados e apontar que a lesbianidade seria advinda de uma prática viciante, identificada igualmente pelo médico nas relações homoafetivas no Brasil do século XIX.

Mesmo expondo as origens da homossexualidade feminina referentes a momentos históricos diferentes e com práticas religiosas e sociais distintas das realizadas no Brasil, Pires de Almeida aborda o tema com o julgamento pautado em ideologias criadas e imaginas para a jovem república em inícios do século XX.

Pois bem: este aconchego constante, e o que mais é – regrado, teorizado, tornou na historia famoso o nome de Lesbos; dahi, a expressão Lesbianismo para significar a homossexualidade feminina, em todas suas fórmats.²⁵⁹

O amôr do homem pelo homem desenvolveu, a seu lado, o da mulher pela mulher, hoje conhecido pelo nome de lesbio: sua principal saserdotisda foi Sapho de MITYLENA. Poetisa e philosopha, acudiam as suas lições

²⁵⁷ Ibidem, 1906, p.146.

²⁵⁸ Ibidem, 1906, p.146.

²⁵⁹ Ibidem, 1906, p. 152.

inúmeras discípulas, que proclamavam a superioridade do amôr da mulher pela mulher.²⁶⁰

Após iniciar a escrita acerca dessas classificações e terminologias, Pires de Almeida aprofunda os conceitos vinculados a tais práticas. Dentro do que ele chama de “amor homossexual”, o que enquadra essa prática no campo dos sentimentos, vemos o uso dos termos *saphismo* e tribadismo para diferenciar algumas práticas.

No amôr homo-sexual em que agente e paciente são ambos do sexo feminino, por dous modos principaes satisfazem as volúpias da carne: ou collados corpo a corpo attritam assim os órgãos genitales, ou invertida a direcção dos corpos, cabeça para os pés e pés para a cabeça, sugam-se mutuamente os clitóris. Para o primeiro caso, a sciencia moderna adquiria o novo vocabulo – tribadismo; para o segundo, cuja introducção em larga escala attribue-se a SAPHO nos celebres desregramentos das communitades de Lesbos, adquiriu-se a têrmo saphismo.²⁶¹

Na tentativa de exemplificar sua abordagem e a construção do seu discurso a respeito das práticas libertinas observadas no Rio de Janeiro, Almeida elaborou um quadro, onde vemos como o autor demonstra de forma sucinta o que estamos analisando aqui.²⁶² “Resumindo o que está dito até aqui, posso consubstanciar tudo no seguinte quadro:”

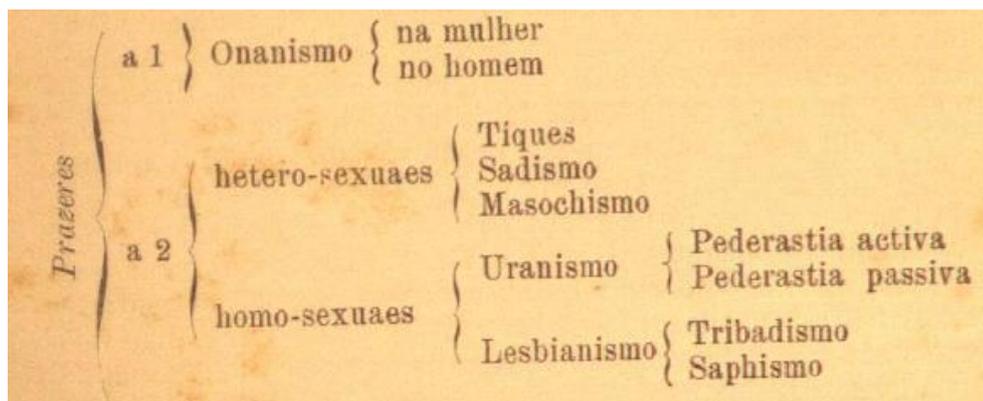
Imagem 6: Os prazeres libertinos²⁶³

²⁶⁰ Ibidem, 1906, p. 152.

²⁶¹ Ibidem, 1906, p.147.

²⁶² Ibidem, 1906, p. 147.

²⁶³ Quadro retirado diretamente da fonte, onde o autor faz um esquema para explicar a organização entre as diferentes práticas sexuais realizadas. Ver mais em: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906. p. 147.



Fonte: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906. p. 147.

Seguindo a estrutura feita por Almeida no quadro acima, vemos as mulheres vinculadas a algumas práticas. O onanismo, que segundo o médico seria o ato sexual praticado individualmente, focado no contato das mãos com o corpo feminino de maneira ampla.²⁶⁴ As homo-sexuaes femininas cabiam nas práticas do Tribadismo e do *Saphismo*. No primeiro caso, *das saphistas*, o contato era majoritariamente externo, as mulheres praticavam a atividade sexual de maneira a não alcançar o interior do corpo da outra mulher. Tal atividade também se enquadrava na denominação de clitorismo.²⁶⁵ Já no caso das *tribadistas*, as relações eram feitas, segundo explicação de Almeida, “por mulheres que buscavam um prazer que ia além do contato sobre a pele, pois apenas isso não satisfaria suas necessidades sexuais.”²⁶⁶

Além desse quadro, Pires de Almeida utiliza outras nomenclaturas para *saphismo* e tribadismo. Segundo ao autor, esses termos poderiam ser utilizados com a mesma finalidade para abordar as práticas lésbicas dentro dos trabalhos clínicos. O *saphismo* é visto na fonte com o nome de roçadinho, o que consistia o ato de fricção realizado entre as mulheres.²⁶⁷ Enquanto o tribadismo também é chamado de chupadinho, ato que

²⁶⁴ Pires de Almeida se refere ao termo com empenho nas páginas de suas fontes, demonstrando ser uma prática viciante. Ver mais em: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906. P.149.

²⁶⁵ Segundo Pires de Almeida “A clitorista pôde, portanto, conservar indemne, em si, e na paciente os atributos materiaes da virgindade.” Essa explicação também será utilizada para mencionar as intenções das jovens que praticam o clitorismo, pois seria uma forma de manter sua virgindade resguardada para o casamento, mas ainda teria a experiência do prazer sexual. Ver mais em: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906. p.197.

²⁶⁶ Ibidem, 1906, p. 220.

²⁶⁷ Ibidem, 1906, p. 197.

consiste em uma interação mais intimida entre as mulheres lésbicas nas relações sexuais.²⁶⁸

Pensando as relações sexuais dentro de um padrão desviante quando praticadas por pessoas do mesmo sexo, Pires de Almeida ainda acrescenta os conceitos de atividade e passividade referentes aos papéis exercidos no momento do ato sexual. Seguindo uma lógica clínica e científica, Almeida diz não haver distinção entre ambas, pois o resultado obtido seria o mesmo.²⁶⁹ No entanto, estes fragmentos são interessantes para observarmos que essas distinções apontadas podem ser observadas se as relacionamos aos estudos sociais e emocionais dos atos dessas relações. Preocupado com os resultados das observações feitas, Pires de Almeida aponta para uma suposta irrelevância desses elementos de atividade e passividade no caso das mulheres.²⁷⁰

Si fosse real uma tal distincção, idêntica poder-se-ia fazer entre suas tribadas. Ora, é evidente que, neste acto de fricção, não há uma que faça o papel activo, e – outra o passivo.²⁷¹ P.154

[...] na normalidade mesmo, não sei porque dizer-se que o homem é activo e a mulher passiva; ambos, de acordo com a conformidade de seus órgãos, sentem prazer por igual, e trabalham com a mesma actividade, porque o objectivo é um só para ambos²⁷²..

No que se refere as causas que levariam às práticas lesbianas, excluindo qualquer aprofundamento nos estudos sobre possíveis sentimentos envolvidos, vemos novamente Pires de Almeida utilizar a temperatura global para justificar o interesse das mulheres pela homossexualidade. Segundo Almeida, nos países de clima frio as mulheres teriam menos interesse em manter relações sexuais com outras mulheres. Em contraponto a isto, as temperaturas mais altas dos países quentes seriam uma das razões para que se cometessem tais desvios morais. Tanto em um caso quanto em outro, Almeida foca no determinismo geográfico, o qual vincula o Rio de Janeiro ao “mapa da libertinagem feminina”. Mesmo com esse empenho de Almeida em relação a essa visão, vemos na

²⁶⁸ Ibidem, 1906, p. 197.

²⁶⁹ O modelo de relação analisado para os homens é usado como parâmetro para pensar o feminino.

²⁷⁰ Ibidem, 1906, p. 154.

²⁷¹ Ibidem, 1906, p. 154.

²⁷² Ibidem, 1906, p. 154.

fonte que essas afirmativas não possuem referência acadêmica que confirmem os vaticínios do médico.²⁷³

As moças dos paizes frios, menos fogosas do que as dos paizes quentes, não são tão affeitas ao clitorismo; mas não importa isso tanto como affirmar que o não sejam em absoluto. A contrário, o que a historia nos ensina é que, si ellas de facto são menos lascivas do que as gregas e as infelizes musulmanas submersas no seio da frouxidão e do luxo dos serralhos do Oriente, são, comtudo, sensiveis aos encantos e attractivos do clitorismo.²⁷⁴

E, si, lá, as há que se entregam a essa practica com excesso tal que toca as raias do furor, imagina-se aqui, entre nós, onde o calor do meiodia augmenta a actividade cerebral, quão exagerado deve ser o clitorismo, que encontra até certo ponto uma justificativa na mobilidade da imaginação das fluminenses, e na exaltação de suas paixões.²⁷⁵

Almeida claramente traz para seu discurso a preocupação em criar nos trópicos uma sociedade burguesa, regrada e similar a europeia. Essa importância por parte do médico se justifica pela própria instituição na qual ele trabalha. A medicina dos anos finais do século XIX pensava a estrutura social com os moldes advindos de outros países, como a França. O autor inclusive justifica a prática da lesbianidade no país como um “problema” devido as diferenças sociais e climáticas, utilizando essa comparação com outros países.

O conceito de amor entre as mulheres embora tenha sido excluído das análises anteriores de Almeida, pode ser observado quando o médico menciona a possibilidade

²⁷³ Além da nossa análise, o autor Carlos Vieira também menciona que na leitura da obra de Pires de Almeida não fica evidenciado a clareza científica diante de algumas afirmativas. Segundo Vieira “quando nos dedicamos a investigar as trajetórias intelectuais e as suas manifestações literárias, jornalísticas e mesmo as científicas, percebemos que a distinção entre a ética da ciência e a responsabilidade da política não são passíveis de serem percebidas separadamente no plano histórico, no âmbito da vida e da experiência dos atores sociais. Por essa razão, essa tensão entre vocações conflitantes perpassa toda a narrativa de Pires de Almeida, com oscilações entre juízos de valor apoiados em crenças religiosas e morais e outros que são resultantes de racionalizações plenas de plausibilidade.” Ver mais em: VIEIRA, C. E. . José Ricardo Pires de Almeida entre duas vocações: a política e a ciência. CADERNOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFU. IMPRESSO) , v. 14, p. 753-771, 2015. p.767.

²⁷⁴ Ibidem, 1906, p. 197.

²⁷⁵ Ibidem, 1906, p.197.

desse sentimento vir à tona dentro das relações homoeróticas. No entanto, ele não deixa de considerar um ato “escandaloso” e “anti-natural”. A partir do momento em que existe a possibilidade de união entre essas mulheres, este será o espaço onde o higienista aponta a importância da separação entre passividade e atividade sexual, como se os papéis sociais pré-estabelecidos em uniões heterossexuais fossem instaurados dentro desse “novo” ambiente familiar. Ele aponta que o debate realizado entre os autores é de separar em categorias a atividade sexual das lésbicas, o que parece ser útil para classificar o papel que elas exerceriam dentro da relação homoafetiva.²⁷⁶

Assim como succede entre os uranistas, também entre as sectárias dos gózos lesbianos há mulheres que se apaixonam por outras mulheres, inteiramente, doudamente, até ao escândalo.²⁷⁷

Em taes circunstancias, quando a paixão é correspondida, os mútuos votos são muitas vezes satisfeitos com a formação de um lar em que há plena e inteira convivência marital. E’ neste lar unisexual que predomina a forma lesbiana chamada saphismo. Ahi, cada qual exerce invariavelmente o mesmo papel: só uma funciona com os lábios, e é a esta que os auctores attribuem o papel de activa, enquanto que chamam á outra passiva²⁷⁸

Para fins de concluir sua abordagem a respeito dessas práticas, desvios e problemas que possam ser vinculadas a lesbianidade, Pires de Almeida finaliza sua escrita com as consequências advindas dessas relações entre mulheres. De acordo com o médico, existem efeitos no corpo e no comportamento da mulher praticante da “homossexualidade”. Como vimos anteriormente, o clitorismo era uma prática que podia ser realizada de maneira individual, mas também acontecia nas relações mútuas das denominadas *tribadistas*.

Essas atividades sexuais, segundo o médico higienista, acarretariam na perda da beleza da mulher. Observando sua abordagem, podemos concluir que esse conceito

²⁷⁶ Ibidem, 1906, p. 154.

²⁷⁷ Ibidem, 1906, p. 154.

²⁷⁸ Ibidem, 1906, p. 154.

estaria vinculado não apenas a forma física, mas também aos preceitos morais das lésbicas.²⁷⁹

Os efeitos do clitorismo são, entre outros, murchar todos os encantos de uma môça, destruindo-lhe ao mesmo tempo todos os principaes elementos da belleza.²⁸⁰

Si se chega a perceber essa tendencia da môça ao clitorismo, deve-se fazer cessar o erethismo daquella parte do órgão por meio de medicação apropriada.²⁸¹

Vemos como Almeida começa a introduzir ao leitor as suas ideias de tratamento para as práticas homoeróticas. Por meio de julgamentos morais a respeito de beleza, a qual estaria à mercê das relações que as mulheres viessem a ter, vemos também a importância que ele aponta em observar como deve ser feita a primeira “intervenção”. Os tratamentos apresentados vão de utilização de medicação até a intervenção física nessas mulheres.

3.2- Homossexualidade Feminina: tratamentos na obra de Pires de Almeida

Após expor as definições e os tipos de comportamento e relacionamentos femininos, Pires de Almeida, apresenta informações acerca dos possíveis tratamentos. Vemos o médico iniciar um discurso para “converter” os indivíduos homossexuais em heterossexuais.²⁸² Tal tratamento consiste no ideal de promover no indivíduo considerado “invertido” o interesse pelas relações e práticas heterossexuais. Ou seja, oferecer a possibilidade para essa pessoa de retomar ou ser introduzidas nas relações com pessoas do sexo oposto.²⁸³ Para além da nossa análise, temos na pesquisa de Peter Fry uma contribuição diante desse objeto de análise. Segundo Fry, havia no século XIX uma intenção em “tachar os homossexuais de doentes, a medicina justificou sua "cura", sua "conversão" em heterossexuais.”²⁸⁴

²⁷⁹ Ibidem, 1906, p. 198.

²⁸⁰ Ibidem, 1906, p. 198.

²⁸¹ Ibidem, 1906, p. 198.

²⁸² ALMEIDA, P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

²⁸³ Ibidem, 1906, p.198.

²⁸⁴ FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. p. 77.

A proposta de “cura” e “tratamento” das práticas homoeróticas femininas está diretamente relacionada aos estudos voltados para o comportamento e mentalidade das mulheres. Em pesquisa a respeito da psiquiatria e feminilidade, Magali Engel aborda a maneira como foram criadas perspectivas de reorganização dos espaços de trabalho, convivência e estruturação urbana na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX.²⁸⁵ Dentre essas transformações sociais, houve o que ela chama de “expectativas e interesses dominantes”, em nome das quais começaram a ser executadas novas estratégias de disciplinarização e repressão sobre os corpos e mentes dos indivíduos.²⁸⁶ Engel aponta que as tentativas de alcance desses objetivos provocaram a busca por “[...] uma nova ética do trabalho e sobre novos padrões de moralidade para os comportamentos afetivos, sexuais e sociais.”²⁸⁷

Para construir a imagem feminina adequada a esses novos padrões, a sexualidade das mulheres foi um dos pontos centrais. A qualificação da mulher dentro de um viés de fragilidade, beleza, sedução, submissão e doçura foram inseridas no imaginário.²⁸⁸ No entanto, a autora também aponta que qualidades negativas, como a imoralidade, eram atribuídas ao feminino, gerando uma ambiguidade, mas apontando a falta de estudos aprofundados sobre o corpo e mente feminino. Engel menciona algumas razões que levaram os médicos a estudarem a mente e o corpo feminino, exemplificando o porquê da medicina do século XIX ainda se pautar em noções filosóficas, idealizadoras e pouco científica, assim como é o caso do médico José Ricardo Pires de Almeida.²⁸⁹

O perigo e a imoralidade começaram, segundo Engel, a ser vinculados à figura feminina. Para que pudesse ser controlado e revertido esse quadro, a partir da metade do século XIX, as mulheres “deviam ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe”.²⁹⁰

3.2.1. Tratamento:

²⁸⁵ ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). História da Mulheres no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 270.

²⁸⁶ Ibidem, 2000, p. 270.

²⁸⁷ Ibidem, 2000, p. 270.

²⁸⁸ Ibidem, 2000, p. 278.

²⁸⁹ ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). História da Mulheres no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000. P.278.

²⁹⁰ Ibidem, 2000, p.278.

Os tratamentos indicados pela medicina do século XIX são apontando por João Trevisan na obra *Devassos no paraíso*, em que o autor realiza uma abordagem acerca dos métodos para reverter os quadros de inversão sexual. Trevisan aponta que a defesa de Pires de Almeida em prol da educação não era apenas pautada no conhecimento adquirido no espaço escolar, mas pensada para incentivar a convivência entre crianças de sexos opostos.²⁹¹

O tratamento pensado por Pires de Almeida no que diz respeito a homossexualidade, perpassava a esfera educacional e psicológica. Almeida aponta as dificuldades para realização desses tratamentos com os considerados invertidos-natos, cuja natureza do indivíduo já possuía os padrões “anormais”. Ainda assim, mantém seu discurso construído na necessidade de intervenção externa para alcançar uma possível “cura”.²⁹²

Tratar, portanto, o que? Certíssima mente as inversões, pois, estas, é que constituem o divino, objeto capital do presente livro.²⁹³

Não obstante, haverá... Uma dificuldade quase invencível no tratamento do pervertido quando o seu desvio da tarde largo tempo, pois que esse desregramento constituiu já um hábito inverter tirado, o que vale por dizer - uma segunda natureza. Assim, elle se achará quasi nas mesmas condições do invertido-nato, cujo vício já faz corpo com sua própria natureza.

Si se trata de uma mulher cuja perversão homossexual cumprir com bateria, nem, porque o sexo differe, differente serão os meios: moléstia mental, como aquella

²⁹¹ Fragmentos retirados por Trevisan diretamente da fonte histórica escrita por José Ricardo Pires de Almeida. Ver mais em: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906.

²⁹² Segundo Pires de Almeida existiam essas duas categorias de indivíduos com comportamentos antinaturais, os que nasciam dessa maneira e os que construíam essa mentalidade ao longo dos anos. A ambos era necessário intervenção, mesmo que para os primeiros existisse a dificuldade vinculada ao que ele chama de “vício da própria natureza.” Ver mais em: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instineto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906. p. 255

²⁹³ Ibidem, 1906, p, 253.

que affecta o homem deve ser semelhantemente combatida por processo de moraes.²⁹⁴

Especificando o tratamento apenas das mulheres, Pires de Almeida aponta a hipnose como a melhor chance para realizar essa “regressão”. Segundo o médico, em ambos os sexos deve-se cumprir o combate desse comportamento e o processo moral adequado para o caso seria hipnotizar essas mulheres. Ao longo da explicação do processo, Almeida exemplifica como pode ser realizado esse procedimento e como a sessão deve ser dirigida. Dentre essas sessões Almeida menciona o uso de ameaça, medo e até mesmo castigos, embora este fosse menos utilizado devido a pouca eficácia.

Quando digo – diversos, não pretendo dar ao adjetivo sua significação absoluta, pois, em fundo, o tratamento deve ser um só: o moral. As variantes dependem antes das condições indivíduos do paciente.²⁹⁵

Indivíduos há que podem ser levados por méras exhortações; são estes os de gênio brando, os de caracter amoldável a sugestões alheias, sugestões que já naturalmente produziram a inversão, e que podem agora, no mesmo gráo, produzir o efeito opposto: a volta à normalidade.²⁹⁶

Outros há cuja modificação só de poderá effectuar pela astucia, - outros, pela ameaça, pelo mêdo, - outros, pelo rigor moderado, - alguns até pelo castigo, que, entretanto, sofrem poucos, sem resultado.²⁹⁷

Almeida faz distinção entre os tratamentos para os “invertidos natos” e os “pervertidos”. Sendo os primeiros nascidos dessa maneira, teriam condições, “cujo o vicio já faria corpo com a sua própria natureza.”²⁹⁸ Por sua vez, o “pervertido” seria aquele que adquiriu o vício posteriormente. No entanto, ele afirma que se o pervertido apresentar tal “desvio” de longa data deverá ser considerado como parte de uma “segunda natureza”, assim como o invertido nato.²⁹⁹

Ao se tratar de uma mulher cuja perversão homossexual cumpre combater, nem, porque o sexo diferem diferentes serão os meios:

²⁹⁴ Ibidem, 1906, p.256.

²⁹⁵ Ibidem, 1906, p.254.

²⁹⁶ Ibidem, 1906, p.254.

²⁹⁷ Ibidem, 1906, p.254.

²⁹⁸ Ibidem, 1906, p. p. 255.

²⁹⁹ Ibidem, 1906, p. 255.

moléstia mental, como aquella que affecta o homem, deve ser semelhantemente combatida por processos Moraes.³⁰⁰

E' bem de ver que estes differirão de mulher a mulher, pois a variedade dos gênios, das índoles, das inclinações, e até mesmo da capacidade intelectual concorrerão para isso. [...] Falar-lhe-há , este nos tons meigos e convincentes quando ao espirito brando e dócil da invertida forem convinháveis taes termos; usar-lhe-há, contrariamente, da linguagem áspera e dura, quando a oportunidade do momento dizer d'aquella, até então meiga, uma relapsa, uma revoltada, ou quando se tratar de uma mulher só habituada a taes durezas.³⁰¹

Seguindo esse tratamento, o resultado deveria “incutir ao doente a repulsão, o nojo, o horror pela sua anormalidade”, através de sessões continuadas, que poderiam variar de trinta a cem. Ao final do tratamento, dirigir-se-ia a “apetência sexual” do invertido “para as carícias do outro sexo” — em um viés físico, apontava o médico.³⁰² Além disso, Almeida reforça em sua obra que após a hipnose necessita-se “da abstinência, com o que se terá em vista suprimir o combustível aos ardores fogosos: a essa leve prova chamam os autores – provocar a castidade.”³⁰³

Almeida menciona este tratamento simultâneo para além das abordagens mencionadas: a sugestão mental, alcançada por meio da hipnose utilizada na medicina europeia. Prática defendida por Schrenck-Notzing, médico psiquiatra alemão, que estudava espiritualidade e hipnose no século XIX. Para Almeida, este teria de ser o último estágio do tratamento, a educação deveria ser a base para que se inicie o assunto, levando a paciente até este próximo procedimento. O processo está relatado na obra da seguinte maneira:

E' neste ultimo estado que convém incutir ao doente a repulsão, o nojo, o horror pela sua anormalidade, mostrando-lhe ao mesmo tempo quanto se distancia dos demais seres, quer da sua espécie, quer mesmo da

³⁰⁰ Ibidem, 1906, p.256.

³⁰¹ Ibidem, 1906, p. 256.

³⁰² Fragmento retirado do texto de Trevisan quando o autor menciona as sessões de hipnose apontadas por Pires de Almeida como um possível tratamento para “curar” as mulheres das práticas antinaturais, como o caso da homossexualidade. Ver mais em: ALMEIDA. P. Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Laermert & C- Editores. Rio de Janeiro. 1906. p. 255.

³⁰³ Ibidem, 1906, p.257.

escala inteira zoológica, em afastar-se das leis naturaes; [...] No entanto, sua correção é fácil, pois depende exclusivamente de um esforço de vontade.³⁰⁴

Diante dessas possibilidades mencionadas, temos também algumas causas vinculadas a elas. As diferenças sociais, culturais, econômicas e raciais das mulheres são alguns dos exemplos utilizados pelo médico para apontar o agravamento do que ele considera como doença moral. Dessa maneira, caberia ao higienista moral cumprir esses papéis para auxiliar no cumprimento de deveres para com a ordem moral vigente no país. “De que precisa doente é de um médico moral, isto é de um médico que ele seja ao mesmo tempo enfermeiro, committente, mestre e confessor.”³⁰⁵

A família era a principal responsável para a criação do imaginário e comportamentos dessas mulheres. Era essencial que elas fossem inseridas em espaços que preservassem os valores femininos, como o desejo pelo casamento, pela maternidade, pela vida familiar. Pires de Almeida aponta que essas práticas ajudariam a fortalecer a construção de uma moral direcionada para comportamentos aceitáveis e almejados socialmente, como a heterossexualidade. Essa iniciativa poderia ser a fase inicial do tratamento oferecido a elas, uma forma de introduzir conceitos morais.

Para Almeida, o médico cumpriria uma mescla entre diversos papéis que auxiliariam na busca pela moralidade. A medicina e a religião aparecem aqui como papéis que se complementam diante das necessidades femininas. Assim como houve um período de inserção do trabalho clínico feito por médicos formados em universidades, esses mesmos profissionais assumiriam um espaço destinado a religião. Tais funções fariam recair em suas mãos mais prestígio, segurança e legitimidade por parte dessas mulheres que fossem submetidas a essas intervenções.

3.2.2- Conclusão de Pires de Almeida: Uma obra repleta de filosofias.

Mencionando seus argumentos finais, Pires de Almeida realiza uma contextualização ampla a respeito da homossexualidade e como ele a trabalhou ao longo de sua obra. No item nomeado “conclusão” destacamos alguns trechos onde o médico se refere a homossexualidade no sentido negativo, característica que ele defende ao longo

³⁰⁴ Ibidem, 1906, p, 257.

³⁰⁵ Ibidem 1906, p. 256.

da obra. Para o médico que escreveu entre os anos finais do século XIX e início do XX, vemos como a moralidade, conceito que inicialmente era vinculado ao comportamento humano, passa a ser conduzido através do discurso médico.

Cogitando do que de póde significar por um só vocábulo – homossexualidade, empenhámo-nos em penetrar fundo a consciência humana, pois de todas as perversões a que o espírito cegamente se atira, é esta uma d'aquellas que mais radicam no foro intimo³⁰⁶.

Mas, para entrar nestes lugares em que tudo é treva, escuridade, confusão, não se pôde ir seguro com quem palmes uma bella estrada illuminada pelo astro do dia. [...] Só se chegará a salvamento quem tenha cahido bem, quem saiba igualmente bem s'erguer.³⁰⁷

Almeida ainda finaliza sua escrita com uma questão direcionada aos seus leitores. Segundo o médico, seria necessário se amparar de muita força e motivação para sair dos estados de trevas de onde o indivíduo se encontraria. Almeida nos questiona “Teria succedido isto commigo? ao leior cabe responder”³⁰⁸.

Por fim, deixamos alguns apontamentos observados ao longo do texto, levantamentos estes que foram construídos a partir de influências filosóficas e religiosas pelo autor. José Ricardo Pires de Almeida realizou a escrita dessa obra médica, e a ofereceu, segundo a dedicatória, para todo o estudioso de medicina e ao público que tiver interesse. Considerando a análise que fizemos ao longo desse capítulo, é de se concluir a necessidade do médico em tratar do assunto da homossexualidade a partir dos pressupostos em voga no período.

Retomando ao trabalho de José Antunes, vemos que o autor também realizou essa observação. Segundo Antunes, o que Almeida faz ao descrever os hábitos sexuais da população indígena no país, por exemplo, tem um valor etnográfico indiscutível. Almeida aponta uma série de “fatos pitorescos, alguns propositadamente exagerados, outros totalmente desprovidos de bases reais, mas sempre descritos de modo pejorativo e prejudicial à imagem dos nativos.”³⁰⁹

³⁰⁶ Ibidem, 1906, p. 259.

³⁰⁷ Ibidem, 1906, p. 259.

³⁰⁸ Ibidem, 1906, p. 259.

³⁰⁹ Como vemos, Antunes comenta que nos fragmentos retirados da fonte não existem referências para tais afirmações levantadas por Almeida. ANTUNES, 1970, op. cit, p. 171.

Em suma, vemos na escrita do médico a junção de informações pautadas em valores morais. Almeida faz questão de apontar as atividades de mulheres negras e indígenas como de maior imoralidade e libertinagem, de acordo com algumas categorias da época, tais como raça, classe etc. Essa hierarquização está relacionada com o grau de libertinagem em oposição a civilidade aproximada das qualidades morais encontradas mais facilmente em populações europeias.

[...] todos os povos, além de precocemente púberes, apressam a nubilidadade das meninas por meio de gozos prematuros. Os negros, mais libidinosos do que debochados em seus prazeres, só procuram entretanto social-os dentro da ordem natural.³¹⁰

Com quanto os nossos selvícolas se nos affigrem pouco ardentes no amôr , o que não há negar é que, nos primeiros tempos, as indígenas entregavam-se facilmente aos estrangeiros; e os selvagens ainda hoje pouco respeitam, para o coito, os laços de parentesco, de modo que chegam mesmo a dormir juntos, e na mesma condemnavel promiscuidade.³¹¹

Como vemos no fragmento retirado da fonte, as mulheres indígenas e as mulheres negras são nomeadas de maneira distinta das demais. Pires de Almeida atribuiu inclui a culpa das práticas sexuais entre mulheres às mulheres escravizadas, como se coubesse a elas a condição de ser naturalmente imoral. Além disso, no segundo exemplo, vemos Pires de Almeida, ao mencionar as opções de tratamento para os casos de homossexualidade, culpar novamente a mulher negra escravizada pelo comportamento libertino que ela poderia acarretar o ambiente familiar.

E então, a escrava não mais se gloria com a vergonha de ter agradado a seu senhor. E este não mais tem nem o direito de obrigar-a, nem haverás bastantes para corrompel-a. o que se deve concluir, pois, é que as abolições da escravidão, em todos os tempos, concorreram para a melhoria dos costumes.³¹²

A's educadôras, nos internatos, compete principalmente pôl-as ao abrigo do contágio do clitorismo; em casa, no seio da família, mórmente

³¹⁰ ALMEIDA, 1906, op. cit, p.23.

³¹¹ ALMEIDA, 1906, op. cit, p.23.

³¹² ALMEIDA, 1906, op. cit, p. 36.

depois que, com a abolição do elemento escravo, desapareceu do nosso lar a entidade mucama, esse difficilmente crêa raízes.³¹³

Embora não tenha sido visto um grande espaço destinada por Almeida a este tema, o médico utiliza exemplos de mulheres negras e indígenas para ratificar a influência delas nas práticas homoafetivas. Segundo ele, o fato de pertencerem a outras culturas e serem lidas dentro de outro conceito de raça, estas induziriam as outras mulheres a terem esses comportamentos imorais. Essa reflexão faz parte do pensamento da época que se preocupava com a herança da escravidão como elemento que corrompia os indivíduos e os projetos nascentes do novo regime político, isto é, o Brasil republicano.

Para uma sociedade recém-saída de um sistema escravista, era preciso recriar, mesmo que de forma gradual e em espaços específicos os parâmetros de socialização. A convivência entre indivíduos de diferentes classes e raças constituía um problema, vemos na obra casos que apontam para distinções étnicas, por exemplo, como fatores que classificam os indivíduos em termos morais, sendo necessário, para o controle e mesmo extinção das práticas homoeróticas femininas, o controle sobre os contatos e o convívio de indivíduos de diferentes raças e classes.

Dessa maneira, cabe a nós pesquisadores aprofundarmos a investigação nesse assunto, para que possa ser visto como a medicina de maneira mais ampla analisava e escrevia a respeito da população brasileira e suas práticas sexuais, principalmente as mulheres consideradas invertidas e libertinas e suas práticas sexuais. A obra de Pires de Almeida é um exemplo do que podemos utilizar para estudarmos a homossexualidade no século XIX. No entanto, assim como foi visto durante esta análise, o trabalho de Almeida está inserido dentro de uma esfera que considerada a lesbianidade como uma patologia, assim como a medicina deste período. Assim sendo, era preciso vigiar, prevenir e tratar esses comportamentos que corrompiam as mulheres nesse momento de constituição do novo regime republicano.

³¹³ Ibidem, 1906, p. 198.

Conclusão

As relações homoafetivas e práticas homoeróticas femininas descritas e classificadas na obra de Pires de Almeida, tais como safismo, tribadismo e clitorismo, são algumas das formas encontradas dentro de relações sexuais referentes a lesbianidade. As relações entre mulheres estudadas pelo médico higienista foram denominadas pelo médico como atitudes imorais, libertinas e viciantes. Condenadas como atos contra a natureza feminina, estas práticas divergiam da heteronormatividade compulsória idealizada no período.

No Rio de Janeiro, tais práticas passaram a ser repreendidas pela medicina a partir de meados do século XIX em meio ao projeto de reordenamento da cidade, principalmente no que tange ao comportamento da população. O ofício de médico passou a ser vinculado ao combate a essas imoralidades, principalmente no que se refere a homoafetividade. A busca pelo estabelecimento dos padrões normativos perpassou diversas esferas sociais, dentre elas o do comportamento das mulheres.

O olhar clínico sobre as mulheres alcançou uma abrangência que estava além da observação e da divulgação desses estudos. A interferência médica no corpo feminino dava-se por meio da argumentação desses homens de que havia uma diferença significativa entre os comportamentos masculinos e femininos. A histeria, segundo Silvia Nunes, passou, por exemplo, a ser reforçada no século XIX como uma doença mais comum nas mulheres.³¹⁴ Essa suposta tendência à histeria das mulheres tornou-se uma justificativa dos médicos para promoverem um discurso acerca das práticas antinaturais por parte delas. A lesbianidade estava diretamente relacionada a categoria “desviantes”, “o negativo de mãe higiênica”.³¹⁵ Tais temas foram abordados por Pires de Almeida ao longo da sua carreira como higienista. Preocupado com a formação social aos moldes europeus, o médico criou um guia para ensinar as mães a exercerem as suas funções. Além disso, elaborou uma obra dedicada ao comportamento homoafetivo, incluindo os relacionamentos femininos, na qual expôs a sua opinião a respeito dessas práticas no Rio de Janeiro do século XIX.

Ao longo da escrita dessa pesquisa foi possível concluir que embora a medicina legal houvesse ocupado um espaço de destaque na sociedade, na imprensa e mesmo nos

³¹⁴ NUNES, Sílvia Alexim. *Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.375.

³¹⁵ *Ibidem*, 2010, p. 376.

espaços familiares, ainda era um trabalho fixado em bases idealizantes, principalmente no que diz respeito as considerações escritas por Pires de Almeida e sua atuação na cidade e com os indivíduos. O autor menciona, por exemplo, que em alguns momentos utilizou das suas opiniões pessoais para criar alguns argumentos. A lesbianidade perpassa esses conceitos práticos apontados ao longo da obra aqui analisada, as relações não deveriam ser limitadas apenas as práticas sexuais como foi visto dentro da análise aqui realizada. O trabalho médico de Pires de Almeida pouco fala da capacidade efetiva das relações amorosas entre os indivíduos do mesmo sexo, inserindo-os em um espaço de vício, patologia e desvio.

Por fim, o autor define as safistas como mulheres que teriam um interesse em outras mulheres, aprofundado pela curiosidade em relação ao ato sexual. Nesse sentido, o comportamento das meninas deveria ser observado e corrigido desde a infância para promover uma criação que obedecesse aos pressupostos da heteronormatividade e do casamento compulsório como base para formação das famílias cidadãs da Primeira República. Dessa maneira as famílias teriam mais chances de promover um crescimento considerado moral para os parâmetros do período.

Fontes e Bibliografia

Fontes

ALMEIDA, José.. *Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital*. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1906. *O Brazil-Medico*, Rio de Janeiro, 1889.

ALMEIDA, José. A libertinagem no Rio de Janeiro perante a historia, os costumes, a moral *O BRAZIL-MEDICO*. Rio de Janeiro: ano 16, n.5, p. 40 - 50. 1902.

ALMEIDA, Pires de . A libertinagem no Rio de Janeiro perante a historia, os costumes, a moral. *O Brazil-Medico*, Rio de Janeiro, ano 16, n.41, p.407- 446. 1902.

ALMEIDA, Pires de. *Guia da mulher pejada. Preceitos hygienicos. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir 137 os movimentos do feto*. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vapor, livr. encad. Lombaerts & C., 1882. [1884].

Diário de notícias, Rio de Janeiro, p. 2. 1886.

Diário de notícias, Rio de Janeiro, p. 2. 1886.

O Brazil-Medico, Rio de Janeiro, p.108. 1896.

O Brazil-Medico, Rio de Janeiro, p.108. 1896.

O Brazil-Medico, Rio de Janeiro, p.248. 1894.

O Brazil-Medico, Rio de Janeiro, p.248. 1894.

Bibliografia Citada

ANTUNES, José Leopoldo. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

BARROS, José D'Assunção. *Igualdade e Diferença. Construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana*. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. pp.09-74.

BRENES, Anayansi ; OUTROS, . *Historia da parturição no Brasil século XIX*. Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso) , v. VII, p. 9-15, 1991.

CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a Republica que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, Editora da Unicamp, 2000.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2012.

DANTES, Amélia. Medicina e saúde pública na primeira república: O encontro de historiadores e historiadores da ciência. Universidade de São Paulo. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. IN: PRIORE, Mary Del (org). História da Mulheres no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século xx escolar :Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira.4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2001.

FERREIRA, Luiz. O.: ‘Os periódicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43)’. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VI (2): 331-51, jul.-out. 1999.

FIGARI, Carlos. @s outr@s carioca: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: 2007.

FONSECA, Maria. Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. IX, n. Suplemento, p. 275-288, 2002.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 1. ed. Rio de Janeiro. 1977.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANÇA, Aline. Conselhos às mães: José Ricardo Pires de Almeida e a medicina no século XIX. 2019.

COSTA, Jurandir. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 5ª edição. 2004.

FREIRE, Maria Martha. Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil.. 1a.. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. v. 01. 258p. p. 100.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

GINZBURG, Carlo. "O Inquisidor como Antropólogo" in América, Américas, *Revista Brasileira de História*, São Paulo. ANPUH/Marco Zero, n. 21 - setembro 90/ fevereiro 91, pp, 9-20.

JUNIOR, João. Tratamentos para um “desvio”: “cura e profilaxia do homossexualismo” no Rio de Janeiro Durante a Primeira República. 2018.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LUCA, Tania de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (Org.). História da Imprensa no Brasil. 1ed.São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania de. 'História dos, nos e por meio dos periódicos' In: Carla Pinsky (Org.). *Fontes históricas*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-154.

MARTINS, Ana Paula. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MOREIRA, Adilson. A homossexualidade no Brasil no século XIX. In.BAGOAS, n. 07/2012, p. 253-279

NAPOLITANO, Miniza. O médico e a mulher na sociedade carioca oitocentista. In: XIV Encontro de Estudos Populacionais (ABEP), 2004, Caxambú - MG. ST16-(GEN) Sexualidades, 2004.

NUNES, Sílvia Alexim. Histeria e psiquiatria no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.373-389.

OLIVEIRA, Claudia. F. A Homossexualidade Feminina na História do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.. *Les Online* , v. 7, p. 2-19, 2015.

PATTO, Maria Helena. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres.. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n.35, p. 167-198, 1999.

RESENDE, Maria. O processo político na Primeira República e o Liberalismo Oligárquico. In: NEVES, L. A.; FERREIRA, J.. (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Belo Horizonte: Civilização Brasileira, 2003, v. V.1, p. 89-120.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2,jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SEVCENKO, Nicolau (org). *História da Vida privada no Brasil*. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIMENTA, Tânia. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In. *Chalhoub, Sidney; Marques, Vera Regina Beltrão; Sampaio, Gabriela dos Reis; Galvão Sobrinho, Carlos Roberto. Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, Unicamp, 2003. p.307-330.

PIMENTA, Tânia. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos'. História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004.

TERRA, Livia. As ideias e o Brasil: apontamentos sobre os usos da medicina social à brasileira. In: XII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013, Araraquara. Caderno de Resumos. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013. v. 1. p. 3-107.

TREVISAN, João. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VIEIRA, Carlos. José Ricardo Pires de Almeida entre duas vocações: a política e a ciência. CADERNOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFU. IMPRESSO) , v. 14, p. 753-771, 2015.